
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
(ALFABETIZAÇÃO E LINGUAGENS)

UM ESTUDO DAS PRÁTICAS DA ESCRITA DE MULHERES
(ESCRITORAS OU NÃO)

THAIS SURIAN

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Setembro - 2009

THAIS SURIAN

**UM ESTUDO DAS PRÁTICAS DA ESCRITA DE MULHERES
(ESCRITORAS OU NÃO)**

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Linguagens, práticas culturais e formação.

GEP – Linguagens, experiência e formação.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo

CAPES

Rio Claro

2009

Surian, Thais

Um estudo das práticas da escrita de mulheres (escritoras ou não) / Thais Surian. - Rio Claro : [s.n.], 2009

145 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro

Orientador: Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo

1. Educação. 2. Escrita de mulheres. 3. Educação de jovens e adultos. I. Título.

370

S961e

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

À minha família, com carinho,
dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, às mulheres que tornaram este estudo possível: Ana, Joana, Mabília e Sabrina, pela atenção, disponibilidade e empenho na participação dos trabalhos.

À Maria Rosa agradeço a confiança depositada em mim e na pesquisa, e a orientação durante todos esses anos, possibilitando-me formação intelectual e pessoal.

Com carinho, agradeço às amigas Camila, Vivian, Juliana, Eliane, Sueli e outras não citadas pelos trabalhos realizados em conjunto e conversas em momentos difíceis.

À minha família – Sueli, Rogério, Thalita, Thatiane e Marcelo - meu muito obrigada pela colaboração e pelo apoio na realização de mais esta etapa da minha vida.

Ao PEJA e seus integrantes pelo aprendizado.

À Idania, pelas palavras que me impulsionam a seguir em frente.

Às Professoras Débora, Maria Arisnete, Marilena e Raquel pelas contribuições caras à pesquisa.

À Secretaria Municipal de Educação de Rio Claro e às escolas pela abertura do espaço, sem o que este trabalho não teria sido possível.

Os meus livros (que não sabem que existo)
São uma parte de mim, como este rosto
De ténporas e olhos já cinzentos
Que em vão vou procurando nos espelhos
E que percorro com a minha mão côncava.
Não sem alguma lógica amargura
Entendo que as palavras essenciais,
As que me exprimem, estarão nessas folhas
Que não sabem quem sou, não nas que
escrevo.
Mais vale assim. As vozes desses mortos
Dir-me-ão para sempre.

Jorge Luis Borges

Resumo: A pesquisa desenvolvida visa aprofundar reflexões sobre as práticas da escrita de mulheres e o que estas mulheres dizem sobre a própria condição, de mulher. São práticas de escrita, também de leitura, que desafiam para outros olhares e outras questões, especialmente quando se tratam de mulheres "escritoras" com escolaridade incompleta. Para pensar essas práticas da escrita de mulheres "comuns" tomamos como obra referência *Quarto de despejo* de Carolina Maria de Jesus (2001). Elegemos como material teórico, autores que analisam a escrita no âmbito das práticas culturais (Chartier, Certeau), e autoras que vêm contribuindo intensamente para as reflexões no campo da história das mulheres (Perrot, Scott, Beauvoir). A pesquisa estabelece como materiais de análise o que dizem, sobre as próprias práticas da escrita, mulheres que possuem uma escrita efetiva e que não completaram o processo de escolarização, inseridas em classes de Educação de Jovens e Adultos, e os escritos (cadernos, textos) disponibilizados. O material foi coletado por questionários (levantamento das práticas) e entrevistas gravadas e transcritas. Como procedimentos de análise, norteamos-nos pelos eixos temáticos levantados nos textos teóricos, na obra *Quarto de Despejo*, acima referida, e nas fontes materiais coletadas. Entendemos que levantar e analisar essas práticas, buscar compreender o que move esta escrita, o que estas mulheres escrevem enquanto mulheres e sujeitos de um meio social e em que condições (materiais, culturais, históricas) se dá a produção de suas práticas, pode apontar elementos que contribuam para ampliar a visão sobre as práticas da escrita, especialmente por pessoas adultas, contribuindo para outros / novos olhares para a educação de jovens e adultos.

Palavras chave: Práticas da escrita - escrita de mulheres - Educação de Jovens e Adultos.

Abstract: This research aims at deepening reflexions about the writing practices of women and what these women say about their own condition, the condition of being a woman. These are writing and reading practices that challenge to new views and other matters, specially when it comes to female “writers” with low level of scholarship. To study these writing practices by “ordinary” women we used the work *Quarto de Despejo* by Carolina Maria de Jesus (2001) as a reference. For theoretical material we choose writers that analyse the writing in the scope of cultural practices (Chartier, Certeau) and female writers who have been intensely contributing to the reflexions in the field of women’s history (Perrot, Scott, Beauvoir). The research material on which this work was based was what women who have effective writing practice say about their own writing practices. These women have low level of scholarship and attend Youngsters and Adult Education classes. The material was collected through surveys (practices survey) and recorded and transcribed interviews were used as well. As analysis procedures, we were oriented by the thematic axis raised by the theoric texts and by the work *Quarto de Despejo*, mentioned above. We understand that, by surveying and analysing these practices, trying to understand what motivates this writing, what these women write as women and subjects of a social environment and in which conditions (material, cultural and historical) the production of these writing practices takes place, we are able to point out elements which will contribute to broaden the understanding about writing practices, especially by adult people, contributing to other / new ways of looking at education of youngsters and adults.

Key words: Practice of writing – Writing of women – Educação de Jovens e Adultos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. NO CAMINHO DESENCONTROS... ENCONTROS	12
2. DELINEAMENTOS DA PESQUISA, OS SUJEITOS E DESCRIÇÃO DO MATERIAL	16
1.1 A busca pelos sujeitos: o percurso da pesquisa de campo	19
1.2 As práticas da escrita levantada nos questionários	24
1.3 A escrita de mulheres em outras pesquisas	26
1.4 Os materiais: fontes inesgotáveis de leitura	28
Os cadernos de uma vida: Sabrina	28
Os versos de uma jovem: Ana	31
As aventuras das folhas soltas: Joana	34
O caderno entregue ao fogo: Mabília	38
3. AS ESCRITORAS: CAROLINA MARIA DE JESUS E MARGUERITE DURAS ...	39
3.1 <i>Quarto de despejo</i> : obra em folhas, uma vida na história	40
3.2 Marguerite Duras: questões para a escrita feminina	46
3.3 Marguerite Duras: quem é ela?	49
4. ALINHAVANDO CONTEXTOS SOCIAIS ESCRITOS: O ATO DE ESCREVER E A LEITURA DE SI. UM ESBOÇO TEÓRICO	52
5. ESCRITA DE MULHERES: ARCABOUÇO TEÓRICO E ANÁLISE	59
5.1 Práticas da escrita	59
5.2 Escrita de mulheres (o que escrevem)	79
5.3 Escrita de si	95
6. CONSIDERAÇÕES	104
7. REFERÊNCIAS	108
8. APÊNDICE	112
8.1 APÊNDICE A – Modelo do questionário	112
8.2 APÊNDICE B – Roteiros das entrevistas	120
8.3 APÊNDICE C – Levantamento Bibliográfico	129
9. ANEXO	132
9.1 ANEXO A – Documento da Secretaria de Educação	132
9.2 ANEXO B – Amostra dos Cadernos de Sabrina	133
9.3 ANEXO C – Amostra do Caderno da Ana	137
9.4 ANEXO D – Amostra dos Escritos da Joana	140
9.5 ANEXO E – Amostra do Caderno da Mabília	145

INTRODUÇÃO

A pesquisa¹ desenvolvida visa aprofundar reflexões sobre as práticas da escrita de mulheres e o que estas mulheres dizem sobre sua própria condição, quando escrevem. São práticas da escrita que nos desafiam para outros olhares e outras questões, por serem fazeres insuspeitos, porque inventados (CERTEAU, 1994) por mulheres com escolaridade incompleta. Para pensar essas práticas da escrita de mulheres "comuns" tomamos como referência a obra *Quarto de despejo* de Carolina Maria de Jesus. A pesquisa estabelece como material de análise o que dizem, sobre sua própria produção as próprias mulheres que possuem uma prática de escrita efetiva e que não completaram o processo de escolarização e / ou que estão em classes de Educação de Jovens e Adultos - EJA.

Entendemos que levantar e analisar tais práticas, buscar compreender o que move essa escrita, o que escrevem enquanto mulheres e sujeitos de um meio social, e em quais condições – materiais, culturais, históricas – se dá a sua produção, pode apontar elementos que contribuam para ampliar a visão sobre as práticas da escrita, especialmente por mulheres adultas, contribuindo para outros / novos olhares para a educação de jovens e adultos.

É altamente relevante que se dedique um esforço analítico e de busca de compreensão das práticas, modos, ou mecanismos a que recorrem esses sujeitos de escolaridade incompleta, alguns tidos como semi-analfabetos, na relação com os imperativos de uma sociedade de letras, como a nossa. Faz-se necessário buscar compreender como esses sujeitos inseridos nessa sociedade, se relacionam com a leitura e com a escrita.

Aprofundar a compreensão desses modos de ler e escrever, como práticas disseminadas, pode trazer contribuições significativas, tanto para o ensino da leitura como da escrita².

Dessa forma, a construção da pesquisa está pautada nos seguintes objetivos:

¹ Contamos com o apoio da **CAPES** – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – na modalidade **Bolsa Mestrado** de março de 2008 a agosto de 2009.

² Este estudo vincula-se diretamente a um dos temas centrais de investigação da Linha de Pesquisa "Linguagens, práticas culturais e formação", bem como do Grupo de estudos "Linguagens, experiência e formação", coordenados pela Profa. Dra. Maria Rosa M. R. de Camargo. A linha de investigação, que tem sido desenvolvida em projetos dessa docente e de orientandos, abrange preocupações com as diferentes linguagens e suas manifestações nas e pelas práticas culturais.

- rastrear e identificar práticas de escrita entre mulheres em classes de jovens e adultos, portanto, com escolarização incompleta, no Município de Rio Claro, SP;
- analisar essas práticas, fazendo um levantamento do que dizem as mulheres pesquisadas sobre o ato de escrever e o que as leva a escrever;
- buscar compreender o que move sua escrita, o que essas mulheres escrevem, enquanto mulheres e sujeitos de um meio social e em que condições – materiais, culturais e históricas – se dá a produção de suas práticas da escrita;
- apontar elementos que contribuam para novos olhares sobre as práticas de escrita, especialmente de mulheres adultas, inseridas nas salas de Educação de Jovens e Adultos - EJA, como escritas de si.

Tendo definido os objetivos, a presente pesquisa, propõe como objeto de estudo as práticas de escrita postas em ação por mulheres com escolaridade incompleta inseridas nas salas de EJA.

O trabalho apresenta-se organizado em introdução e seis capítulos: na introdução, a descrição do estudo; o primeiro capítulo mostra como surgiu o interesse por essa temática de estudo; o segundo capítulo, metodológico, apresenta alguns delineamentos que nortearam o método de trabalho, assim como o percurso em busca dos sujeitos, apresentando, no tópico seguinte, alguns dados dos questionários, uma apresentação do levantamento realizado em teses e dissertações das pesquisas desenvolvidas nessa temática – mulheres e escrita -, e uma descrição detalhada das fontes materiais – cadernos e escritos – disponibilizados pelas mulheres participantes da pesquisa; o terceiro capítulo traz as escritoras Carolina Maria de Jesus compondo os dados de sua vida com sua obra *Quarto de despejo* e Marguerite Duras abordando o modo pelo qual a leitura de suas obras, realizada pela pesquisadora, contribuiu para as questões da escrita de mulheres; o quarto capítulo apresenta um esboço teórico dos contextos sociais e de produção da Carolina Maria de Jesus, Marguerite Duras e da aluna Joana; o quinto capítulo corresponde ao arcabouço construído a partir de três eixos levantados com / nas leituras dos referenciais teóricos e nas fontes materiais – práticas de escrita, escrita de mulheres (o que escrevem) e escrita de si – e, com esses referenciais, apresenta-se a análise do material coletado (entrevistas e escritos) obtido das alunas da Educação de Jovens e Adultos; e o sexto capítulo apresenta as considerações da pesquisa.

A escrita dessa introdução na terceira pessoa justifica-se pelo fato de que a construção da pesquisa é entendida como um exercício realizado não somente pela pesquisadora, mas também, construído por outros sujeitos.

1 NO CAMINHO DESENCONTROS... ENCONTROS

Em meio a um denso bosque, um castelo dava refúgio a quantos a noite houvesse surpreendido em viagem: cavaleiros e damas, cortejos reais e simples viandantes.

Passei por uma ponte levadiça desconjuntada, apeei da montaria num pátio às escuras, palafreiros silenciosos se ocuparam de meu cavalo. Estava exausto; mal podia sustentar-me sobre as pernas: desde que entrara no bosque, tais haviam sido as provas pelas quais passara, os encontros, as aparições, os duelos, que não conseguia reordenar nem meus atos nem meus pensamentos.

Subi uma escadaria; achei-me numa sala alta e espaçosa: muitas pessoas – também elas certamente hóspedes de passagem, que me haviam precedido pelas vias da floresta – estavam sentadas em torno a uma mesa posta, iluminada por vários candelabros. (CALVINO, 1991, p. 11)

O interesse pelo tema de pesquisa foi um processo ocorrido em dois momentos de minha história pessoal: como aluna da graduação em Pedagogia na UNESP de Rio Claro e, depois, na passagem da adolescência. Ambos unidos por um elo comum – o interesse pela escrita.

No ano de 2005, como aluna do terceiro ano de Pedagogia, totalmente perdida, muitas vezes sem saber o motivo de estar ali, naquele lugar, cursando uma graduação que não era exatamente o que queria mas, ao mesmo tempo, em uma incansável busca por algo que desse sentido aos meus anos de estudo e dedicação, pois até o momento eu só sabia o que não queria, de maneira alguma, fazer.

O contato com um grupo de estudo sobre sexualidade e minha participação durante um período da graduação, despertou em mim o interesse em conhecer mais de perto algumas questões e discussões de gênero. Apesar do interesse pela temática, não era em estudos sobre sexualidade que desejava me aprofundar.

Através de um amigo, tomei conhecimento de que, na UNESP de Rio Claro, assim como em outras unidades, havia um Programa de Extensão de Educação de Jovens e Adultos - PEJA³. Interessei-me e decidi tomar contato com aquele universo.

³ O Programa de Educação de Jovens e Adultos: Práticas e Desafios – Peja – é uma iniciativa institucional da UNESP formulada em 2000 e teve sua implantação em 2001 em sete unidades: Araraquara, Assis, Bauru, Marília, Presidente Prudente, Rio Claro e São José do Rio Preto. O PEJA é um Programa de Extensão destinado a jovens e adultos, maiores de 15 anos, que contribui para a

O PEJA possibilitava, nas aulas, a realização de diversas atividades e, como graduanda participante do PEJA, elaborei, juntamente com outra colaboradora que era estudante de Letras, aulas de leitura e discussão com os alunos. Para a atividade, escolhi a obra *Quarto de despejo*, escrito por uma mulher de escolaridade incompleta. A leitura de alguns trechos da obra gerou muita discussão entre os alunos presentes. A principal discussão que emergia da leitura era, no entanto, sobre a condição da mulher; diante disso, a partir de uma idéia inicial que eu tinha em estudar a história das mulheres, construí um projeto de iniciação científica, tendo como objetivo estudar e pensar a condição da mulher nos escritos; depois disso, permaneci ligada de alguma forma à Educação de Jovens e Adultos.

Nesses encontros e nessa busca por sentidos, conheci Joana, que é aluna de uma turma do PEJA, na UNESP. Ela participou das atividades de leitura e discussão. Nessa turma, a maioria dos alunos eram mulheres, havia apenas um homem, e todos participavam bastante das conversas, entretanto a Joana participava muito mais, a leitura daqueles trechos da obra era para ela, ou pelo menos é assim que hoje percebo, como um reencontro com alguns aspectos da sua história de vida. Os fatos cotidianos relatados no diário da autora – Carolina – faziam com que a aluna – Joana – se remetesse à sua vida pessoal e relatava o que pensava e o que havia vivido.

Chamou-me a atenção, certa semelhança entre Joana e a autora de o *Quarto de despejo*, em suas práticas da escrita, e foram questões como essas, na escrita feminina, que instigaram a definição de meu objeto de estudo inicial.

Tendo definido o objeto de estudo, desenvolvi um projeto de iniciação científica para estudar a escrita de mulheres. Esse estudo se efetivou com a realização do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *Mulheres escritoras relatam sua condição de mulher enquanto escrevem* (SURIAN, 2006), no qual a obra *Quarto de despejo* e a sua autora, Carolina Maria de Jesus, constituíram o material de estudo para pensar a escrita da mulher e de sua condição na sociedade.

No decorrer da pesquisa, o contato com três alunas de EJA - Educação de Jovens e Adultos -, no município de Rio Claro, nos revelou a existência de uma

participação social dos que ficaram à margem da escolarização regular. Na UNESP de Rio Claro, o PEJA é composto por três turmas chamadas: Turma da Comunidade, Turma dos Funcionários da UNESP e Turma do bairro Bonsucesso e Novo Wenzel. O programa é coordenado pela Profa. Dra. Maria Rosa R. M. de Camargo e conta com a participação de bolsistas e colaboradores que atuam nas atividades como educadores e desenvolvem projetos em educação.

prática regular de escrita de mulheres, trazendo elementos importantes que contribuíram para as reflexões sobre a condição feminina presente naquela escrita, além da necessidade de aprofundar os estudos referentes às práticas de escrita de mulheres com escolaridade incompleta.

Nesse sentido, a mulher e a sua condição eram inquietações que me envolviam e me faziam refletir, inclusive, sobre como foi construída a trajetória da mulher na história.

Com essas reflexões, começo a pensar que a história da mulher não é somente aquela retratada em livros de História, mas também na literatura ficcional e de pesquisa e em outras tantas formas de registro, cartas, diários, escritos pessoais como os encontrados nas práticas de escrita das alunas de EJA.

Sendo assim, por que estudar a escrita de mulheres?

Essa é uma pergunta que, naquele momento, não saberia responder, mas agora consigo fazê-lo e, para isso falarei de minha escrita que constitui o segundo momento da história sobre o interesse pelo tema de pesquisa.

Desde muito pequena, gostava de ler, geralmente lia na escola os livros indicados pelas professoras, os retirados na biblioteca escolar e, em casa lia gibis, adorava as histórias em quadrinhos com personagens fantásticos e histórias engraçadas.

Em casa, não me lembro de ter livros infantis. Recordo-me de que ali havia livros de literatura, alguns clássicos, com os quais só tomei contato quando estava na adolescência. Foi na quarta série do Ensino Fundamental que comecei a me arriscar a escrever (é assim que me recordo) e, isso aconteceu porque na escola em que estudava havia um jornal criado pelos alunos e, dessa forma, podíamos nos arriscar a participar com nossos escritos. Acredito ter colaborado duas vezes com o jornal da escola, uma vez sobre uma data comemorativa nacional e a outra, parece-me, que, com algum poema bem curto.

Na adolescência, comecei a escrever poesias, não escrevia diário, pois considerava algo muito íntimo, que, talvez, alguém poderia ler, então escrevia poesias, algo menos pessoal, assim eu acreditava. Escrevia sozinha, no quarto e, geralmente, à noite. Quando acabava aquele momento de inspiração, mantinha escondidos meus escritos, ninguém sabia da existência deles. Nessa época, eu era uma adolescente, com conflitos e, ao mesmo tempo, apaixonada pela vida, uma sonhadora.

Certo dia, decidi participar de um concurso de poesias em que os textos selecionados seriam reunidos e publicados em um livro. A proposta desse concurso era voltada aos estudantes, então todos os possíveis autores estavam em idade escolar. Participei e consegui a publicação de uma poesia. Senti-me muito feliz. Nesse momento, várias pessoas já sabiam que eu escrevia e alguém me contou que em Rio Claro havia um grupo de escritores de diversas idades que se reuniam no antigo Gabinete de Leitura, atualmente Biblioteca Municipal, uma vez na semana e lá conversavam e liam suas poesias. Achei muito interessante e comecei a frequentar esse grupo, participando de saraus e de alguns encontros. Depois de alguns meses, devido a algumas dificuldades, desliguei-me do grupo e com essa saída não escrevi mais. Guardei tudo no fundo de uma gaveta e não fui mais aos encontros desse grupo que, até hoje, se reúne em Rio Claro. Meus escritos se perderam, em algum lugar no tempo...

Sem dúvida a minha história também estaria contida naquele entrelaçar de cartas, passado presente futuro, mas não sei mais distingui-la das outras. A floresta, o castelo, as cartas do tarô me conduziram a esta barreira: perder a minha história, confundi-la na poeira das outras, libertar-me dela. O que sobrou de mim foi apenas essa obstinação maníaca de completar, de encerrar, de dar vida aos relatos. (CALVINO, 1991, p. 67)

2 DELINEAMENTOS DA PESQUISA, OS SUJEITOS E DESCRIÇÃO DO MATERIAL

O trabalho em questão desenvolve é uma pesquisa de abordagem qualitativa que, segundo Bogdan e Biklen, “é uma metodologia de investigação que enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais.” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 11).

Sendo assim, a pesquisa compreende as seguintes etapas: análise documental de textos literários publicados, escritos por mulheres, pesquisa bibliográfica sobre a história da mulher e as práticas de escrita, pesquisa de campo e análise do material coletado.

A pesquisa de campo é constituída pelas fases de levantamento de dados, por meio de questionário, entre alunos que frequentam classes de jovens e adultos, particularmente no Ensino Fundamental; análise dos questionários, tendo em vista localizar mulheres que apontem a prática da escrita; realização de entrevistas recorrentes, individuais, com as mulheres participantes.

Segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 134) “a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma idéia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo”.

Foram realizadas três entrevistas, gravadas e transcritas, com cada sujeito, alunas de EJA, num total de quatro alunas. No processo recorrente de entrevistas, as informações, os detalhes, mesmo que contados separadamente a cada encontro se juntam e vão compondo um sentido. Como coloca Bogdan e Biklen (1994, p. 136) “Num projecto de entrevista qualitativa a informação é cumulativa, isto é, cada entrevista, determina e liga-se à seguinte”.

Constituem material de análise: o material coletado com os questionários, a transcrição das entrevistas com os depoimentos pessoais sobre as práticas, e o material escrito disponibilizados pelas alunas, tendo em vista sua especificidade, enquanto escrita íntima.

Os cadernos, os escritos e as entrevistas coletados junto as alunas, são entendidos, neste trabalho, como fontes materiais da pesquisa. Também são

consideradas fontes, os textos literários das autoras Carolina Maria de Jesus e Marguerite Duras.

Essas fontes materiais têm como característica forte a diversidade – textos literários publicados, entrevistas, escrita íntima – plurais e singulares em seus conteúdos, contextos sociais e de produção.

Segundo Aguiar e Camargo (2009, p. 04, no prelo), esses materiais:

São objetos que, como fontes, vêm sendo incorporados pelas pesquisas mais recentes, transformam-se eles próprios, em objetos de pesquisa – em função das condições de produção e de circulação, seus usos e transformações porque passam.

Essas fontes, como objeto da pesquisa, para a reflexão sobre as práticas da escrita de mulheres, dão a ver algumas histórias dessas práticas culturais e as relações existentes entre os fazeres dos sujeitos.

A relevância em dar visibilidade a esses objetos – compostos como fontes materiais da pesquisa – está em percebê-los como sendo carregados de eventos, alertando, monitorando as conexões, as teias que o contexto possibilita. Assim vistos, transpõem a condição de objetos simples ou isolados e impõem outros procedimentos investigativos e metodológicos. (AGUIAR; CAMARGO, 2009, p. 06, no prelo)

A análise está pautada em “categorias de codificação” (BOGDAN; BIKLEN, 1994) que as leituras teóricas condizentes e, em especial, a análise da obra *Quarto de Despejo* e o material surgido das entrevistas e dos escritos das mulheres, alunas de EJA, nos forneceu.

Bogdan e Biklen na obra *Investigação qualitativa em educação* definem o que são as categorias de codificação:

À medida que vai lendo os dados, repetem-se ou destacam-se certas palavras, frases, padrões de comportamento, forma dos sujeitos pensarem e acontecimentos. O desenvolvimento de um sistema de codificação envolve vários passos: percorre os seus dados na procura de regularidades e padrões bem como de tópicos presentes nos dados e, em seguida, escreve palavras e frases que representam estes mesmos tópicos e padrões. Estas palavras ou frases são *categorias de codificação*. As categorias constituem um meio de classificar os dados descritivos que recolheu. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 221).

Desse modo, o foco das análises está nas práticas de escrita postas em ação por mulheres com escolaridade incompleta. E, do contato com elas, por meio das entrevistas e da leitura dos seus respectivos escritos, surgiram três categorias de codificação que chamaremos de eixos de análise: práticas de escrita, escrita de mulheres (o que escrevem) e a escrita de si. Portanto, esses são os eixos de análise que foram levantados a partir da pesquisa de campo.

O tópico a seguir contará a trajetória da pesquisa de campo e o tratamento dos materiais coletados.

2.1 A busca pelos sujeitos: o percurso da pesquisa de campo

Este tópico é composto pela descrição do percurso metodológico realizado na etapa da pesquisa de campo, desde a elaboração de um instrumento de coleta de dados, passando pela busca dos possíveis sujeitos, mulheres escritoras, até a fase das entrevistas com as pessoas participantes.

Para o levantamento de dados, foi elaborado um questionário abrangente, com o objetivo de identificar mulheres com prática de escrita efetiva e, além disso, coletar outras informações sobre os alunos que estão em salas de Educação de Jovens e Adultos.

O questionário teve como fim abranger algumas áreas da vida desses alunos; sendo assim, o instrumento de coleta constitui-se de identificação – item composto por questões sobre dados pessoais e condições socioeconômicas; trabalho – sobre sua vida profissional; escola – sobre sua trajetória escolar incluindo as possibilidades futuras; e a prática de ler e escrever – sobre as possíveis práticas de leitura e escrita. Esse último item – a prática de ler e escrever – foi elaborado de forma que, na leitura do material, esta parte fosse o foco principal para a escolha dos sujeitos. (Modelo do questionário no apêndice A).

O questionário foi realizado com alunos do Ensino Fundamental II – EJA -, na cidade de Rio Claro, interior de São Paulo, nas escolas municipais que possuem salas de jovens e adultos da quinta a oitava séries. São seis as escolas que oferecem essa modalidade de ensino no município: Armando Grisi, Celeste Calil, Jardim das Palmeiras CAIC, Marcelo Schmidt, Sergio Hernani Fittipaldi, e Sylvio de Araújo.

Aplicaram-se os questionários em todas as escolas citadas e em todas as salas que compõem o Ensino Fundamental II, para que a coleta do material e / ou a seleção dos sujeitos não tivesse nenhuma escolha prévia. Os alunos, homens e mulheres, preencheram o instrumento de coleta. Os dados obtidos com esse instrumento não serão todos apresentados neste estudo, pois a abrangência de suas informações ultrapassa o foco desta pesquisa. Entretanto, o material coletado junto aos alunos será formador de um banco de dados que ficará para a realização

de pesquisas futuras. Dos dados coletados, serão apresentados apenas os referentes ao objeto de estudo em questão – a escrita de mulheres.

Para que fosse possível a realização dessa coleta de dados, solicitou-se junto a Secretaria de Educação do Município uma autorização do Secretário em exercício, no ano de 2007. E, de posse dela, após um primeiro contato com as escolas, tornou-se possível a entrada em suas salas, para a efetivação da atividade.

A coleta de dados aconteceu no segundo semestre de 2007, no período de aula dos alunos, com dias e horários agendados pelos coordenadores e diretores de cada instituição, de modo tal que a atividade não prejudicasse a rotina das aulas.

Dessa forma, coletaram-se, no total, 343 questionários. De acordo com documento fornecido pela Secretaria de Educação do Município, havia, no ano de 2007, 913 alunos de ambos os sexos, matriculados no segundo semestre letivo. Desse total, 232 constam como desistentes, 24 como transferidos e 130 foram reprovados. (Documento no anexo A). Não se constatou, porém, qual o número exato de alunos que estavam frequentando as aulas no período de aplicação do questionário. Mesmo assim, alguns alunos não responderam ao questionário, pois estavam ausentes no dia agendado e / ou porque optaram por não fazê-lo. Em todas as salas, foram realizadas explicações sobre a importância da participação dos alunos, do preenchimento cuidadoso e fiel à realidade de cada um e ficando clara a não obrigatoriedade na participação. Os alunos que apresentaram dificuldades no preenchimento tiveram a ajuda necessária, mas, mesmo assim alguns o fizeram de forma incompleta.

A etapa seguinte foi a de organizar esse material de maneira que nada se perdesse quando do seu manuseio.

Durante a coleta, os questionários foram agrupados por escola e pela data de aplicação. Assim, por exemplo, se a coleta no Marcelo Schmidt aconteceu durante os dias 13 e 14 de novembro, então foram formados dois grupos de questionários da mesma escola com as datas diferentes. A partir daí, elaborou-se um código para cada questionário, de modo que eles tivessem uma ordem, que possibilitasse o manuseio individualmente.

Assim, o código criado é composto pelos seguintes caracteres: data de aplicação, quatro letras iniciais referentes ao nome da escola, em seguida o número indicando a série em curso, três letras iniciais referentes ao nome de cada aluno (os nomes dos alunos foram colocados em ordem alfabética e, de acordo com as datas,

separaram-se também homens e mulheres, para facilitar o manuseio dos questionários do sexo feminino); em seguida, entre parênteses, a letra inicial indicando o sexo, H – homem e M – mulher, e o número referente à ordem no todo. Exemplo: 13/11/2007 – MARC – 7 - ANA (M) – 1. Essa codificação foi elaborada uma a uma, escrita em etiquetas finas e compridas, e coladas no alto da primeira folha de cada questionário.

Após a codificação, separaram-se os questionários preenchidos por mulheres para uma primeira leitura, tendo como foco principal as questões sobre leitura e escrita.

Na leitura inicial, o objetivo foi de identificar e separar os questionários de alunas que afirmaram escrever algo, de outras que responderam não possuírem nenhuma prática de escrita fora da sala de aula. No total, são 206 questionários de mulheres e, dessas, 133 responderam que escreviam, 67 responderam que não escreviam e 4 não informaram. Assim, os questionários foram divididos em duas partes e, o material referente às alunas que não escrevem foi guardado naquele momento. Essa foi a primeira separação do material.

Em seguida, uma segunda leitura do material, agora de forma mais detalhada permitiu observar que havia questionários preenchidos de forma mais completa e coerente. Portanto, a coerência passou a ser um ponto observado nas respostas das alunas.

A re-leitura do mesmo material possibilitou nova separação: os questionários que possuíam respostas mais coerentes foram novamente separados para outras leituras e o restante guardado. Com isso, o número do material ficou reduzido de 133 para 53 questionários.

Dessa forma, outras sucessivas leituras e anotações foram realizadas e, a cada ponto observado e considerado relevante para a pesquisa, eram feitas anotações em papéis colados na primeira folha de cada questionário. Essas anotações tornavam mais objetiva a escolha das pessoas para um contato e possível participação na pesquisa. Com esse trabalho, o número de questionários passou de 53 para 30.

Para a seleção desses 30 questionários foram considerados os seguintes critérios: afirmar ter uma prática de escrita e de esta ter uma frequência, explicitar as situações em que escreve e o que escreve, e apontar para a importância da escrita para cada aluna.

Nas anotações realizadas sobre cada questionário também constava que tipo de escrita cada aluna fazia e sobre as leituras por elas citadas.

Em sucessivas leituras, atentando sempre para os pontos citados anteriormente selecionaram-se 15 questionários e os 15 restantes foram guardados. Desses 15, era preciso chegar a 3 ou 4 sujeitos para as entrevistas, mas tal separação não garantia a aceitação da aluna para essa etapa. Assim, 9 questionários foram separados para um contato inicial e sondagem, na tentativa de confirmar as respostas fornecidas. Essa sondagem seguiu uma ordem elaborada nos mesmos critérios da seleção dos sujeitos. Cada questionário recebeu um número de 1 a 9 indicando a ordem de contato: os outros 5 receberam uma etiqueta indicando uma segunda opção. Garantir alguns questionários como segunda opção foi a maneira encontrada, caso não fosse possível contato com todos os outros sujeitos.

Na tentativa de contato, aconteceu um retorno às escolas e não foi possível encontrar todas as alunas. Da aplicação do questionário em 2007 ao contato em 2008, havia alunas que concluíram o Ensino Fundamental, outras que estavam afastadas por motivos de saúde e outras, ainda, cujas respostas do questionário não se confirmaram.

Desse contato, 4 alunas aceitaram participar da pesquisa com a realização de entrevistas / conversas recorrentes. Após a primeira entrevista, uma das alunas não pôde mais participar, pois começou a trabalhar e, com isso, desistiu dos estudos. Portanto, o trabalho com as entrevistas se deu com 3 alunas das escolas municipais e 1 aluna do PEJA – Programa de Educação de Jovens e Adultos.

Com as alunas das escolas municipais as entrevistas aconteceram durante o segundo semestre de 2008, no espaço escolar e no mesmo período em que frequentavam a escola.

Com a aluna do PEJA, as entrevistas ocorreram durante o ano de 2008, nos espaços da UNESP / Rio Claro.

Foram realizadas três entrevistas recorrentes com cada aluna, a partir de roteiros elaborados previamente, mas que não eram fechados. O primeiro roteiro era igual para as três entrevistadas e o segundo e o terceiro, apesar de seguirem as mesmas características pautadas nos objetivos da pesquisa, foram elaborados, segundo as particularidades do indivíduo a ser entrevistado. A construção do roteiro tinha como preocupação atender aos objetivos do estudo e, para isso, eles eram

criados tendo como base a fala da conversa anterior, atentando ao que faltou, ao que não ficou claro, detalhes e dúvidas que surgiram ao ouvir a conversa. (Roteiros das entrevistas no apêndice B).

A aluna do PEJA é uma mulher que possui prática de escrita efetiva, tendo participado do Projeto de iniciação científica, desenvolvido em 2006 e que deu origem ao Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *Mulheres escritoras relatam sua condição de mulher enquanto escrevem* (SURIAN, 2006).

No início deste estudo, o contato com essa aluna foi retomado, sendo ela convidada para participar das entrevistas, solicitando-lhe, se possível, o empréstimo dos seus escritos. Era sabido que a aluna tinha guardado muitos escritos por ela produzidos durante diversas fases da sua vida, e esse vasto material faria parte da composição da pesquisa. Além de compor a pesquisa, pensou-se, inicialmente, que tanto o material quanto a aluna pudessem ser um sujeito intermediário entre as escritoras de textos publicados e as alunas escritoras entrevistadas, pois não era possível saber se elas teriam e / ou disponibilizariam os seus escritos para o estudo.

No estudo realizado em 2006, citado acima, a aluna do PEJA foi entrevistada uma única vez e, nessa entrevista, contou sobre sua história de vida, sua prática de escrita, um pouco de suas leituras e de suas criações – os textos. Dessa forma, quando, em 2008, a primeira entrevista foi marcada, não teve o mesmo roteiro das outras alunas participantes. Nesse caso, partiu-se da conversa realizada em 2006, pois já havia algum conhecimento da trajetória de escrita dessa mulher. Então, nessa primeira conversa, a aluna levou seus escritos recentes e os mais antigos, todos que havia encontrado naquele momento, e contou um a um como foi a produção de cada texto, a partir de quê estímulo, e onde e em que período da vida os escreveu, compondo dessa forma, nosso primeiro encontro. Nesse dia, a aluna deixou os textos que foram reunidos e organizados em uma pasta. No decorrer do ano, nos outros encontros, outros textos foram disponibilizados e arquivados para estudo.

Além dos textos disponibilizados pela aluna do PEJA, as outras três alunas também cederam seus respectivos materiais escritos para o estudo. São materiais diferentes, singulares, criações pessoais que, com cuidado e detalhe serão descritos no tópico 2.4.

2.2 As práticas da escrita levantada nos questionários

Este tópico traz dados dos questionários sobre a prática da escrita das alunas de EJA do Município de Rio Claro e apresenta algumas informações das alunas participantes da pesquisa retiradas dos questionários que responderam. No total, foram coletados 206 questionários de mulheres.

Com esse material, realizou-se um levantamento e verificou-se que 133 mulheres afirmaram que escrevem fora do ambiente escolar, 67 colocaram que não escrevem e quatro alunas não responderam. Percentualmente, isso significa que 64.5 % das mulheres escrevem, 32.5% não escrevem e 1.94 % não responderam. Os dados correspondem às alunas que responderam o questionário. Sendo assim, esse é um número significativo, pois indica que mais da metade das mulheres alunas de EJA, no município, possuem uma prática de escrita para além da escola.

Se essas mulheres possuem tais práticas, o que elas escrevem?

Através do questionário, foi possível identificar que as alunas escrevem poesia, diário pessoal, cartas como correspondência e cartas para si mesmas, contos, história da própria vida, o que sentem, desabaços, textos românticos e de autoajuda.

Algumas alunas realizam somente um tipo de escrita e outras realizam dois ou mais. Dessa forma, 31 alunas afirmam que escrevem somente cartas, 18 poesia, 27 diário pessoal, 3 escrevem contos, 1 escreve história da própria vida, 1 textos românticos e de autoajuda, e 6 não informaram. As alunas que afirmaram que realizam dois ou três tipos de escrita somam 46 e entre o que escrevem estão poesias, diário pessoal, cartas, contos, música e desabaços.

Sobre a frequência dessas práticas, 76 alunas afirmam que escrevem todos os dias, 27 toda semana, 11 todo mês, 11 escrevem às vezes, 3 quando têm tempo livre, 1 quando sente vontade, 1 quando está triste e 3 alunas não informaram.

Dessa forma, nota-se que a escrita é uma prática frequente na vida dessas alunas de Educação de Jovens e Adultos e foi com esse material que as alunas participantes foram encontradas. Sendo assim, a partir do questionário, apresentam-se as alunas de EJA participantes da pesquisa.

A aluna Sabrina estuda na escola municipal Celeste Calil, e no momento da aplicação do questionário estava cursando a sexta série da EJA. Tem 44 anos,

nasceu em Londrina – PR, e, atualmente, não exerce atividade remunerada. Interrompeu seus estudos com aproximadamente 15 anos, para trabalhar, e voltou à escola recentemente. Ela escreve poesia, diário (cadernos) e cartas. Sobre a importância da escrita, declara: “estimula nossos conhecimentos e no meu caso porque gosto”.

Ana é aluna da Escola Armando Grisi e cursava a sexta série da EJA quando respondeu o questionário. É nascida em Rio Claro, tem 26 anos e trabalha como empregada doméstica. Deixou de frequentar a escola na quinta série, com aproximadamente 12 anos, pois não gostava de estudar e não recebia incentivo da família. Ficou treze anos fora da escola. Afirmou, no questionário, que escreve poesia, diário e cartas quase toda semana, mas entre os seus escritos disponibilizados constam poesias e textos em prosa. Sobre a importância da escrita, afirma: “para saber lidar mais comigo mesma, é fundamental para meu espírito, eu amo ler e escrever”.

Mabília estuda na escola CAIC, tem 41 anos e estava na quinta série quando respondeu o questionário. Nasceu em Águas da Prata – SP; estudou até a terceira série, com 9 anos, e parou os estudos para trabalhar e ajudar no sustento da família. Voltou a estudar recentemente, e trabalha como auxiliar de cozinha. Escreve sobre o que sente e afirma: “me sinto melhor”.

A aluna Joana estuda no PEJA, tem 48 anos e trabalha como vendedora autônoma. Concluiu o Ensino Fundamental II em 2008 por meio da prova do ENCCEJA⁴. Parou de estudar aos 11 anos para trabalhar, voltou para escola quando tinha 16, mas não conseguiu prosseguir nos estudos. Em 2005, retomou os estudos no PEJA. Afirmo no questionário que escreve poesia, diário, cartas e textos temáticos. Entre seus escritos que compõem esta pesquisa estão poesias e textos que escreve em folhas soltas. Sobre a importância da escrita, afirma: “É um meio de colocar minhas experiências em ‘prática’”.

Essas são as alunas da Educação de Jovens e Adultos que participaram dando subsídios para a presente pesquisa.

O tópico a seguir traz o levantamento realizado sobre as pesquisas – teses e dissertações – desenvolvidas sobre mulheres e escrita.

⁴ ENCCEJA – Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos.

2.3 A escrita de mulheres em outras pesquisas

Na intenção de descobrir as pesquisas desenvolvidas sobre mulheres e como estão sendo realizadas e pensadas tais pesquisas fez-se um levantamento em base de dados nos últimos cinco anos (2002 a 2006), em duas revistas intituladas *Cadernos Pagu* e *Revista de Estudos Feministas*. Nessas revistas foi possível encontrar estudos bastante relevantes sobre mulheres, sendo, contudo, poucos os referentes à escrita de mulheres. Na realização desse levantamento foram utilizadas palavras chave iguais para ambas as revistas e os mesmos procedimentos de busca. Na *Revista de Estudos Feministas* foram localizados 21 artigos com as palavras chave mulheres, escrita e história das mulheres. Na *Revista Cadernos Pagu* foram localizados 13 artigos com a palavra chave mulheres. Outras palavras como escrita e história das mulheres, utilizadas na busca, não obtiveram resultado. Site utilizado para esse levantamento: <http://www.scielo.br>. A busca aconteceu nessas revistas, por serem publicações que tratam especificamente da temática feminina e bem conceituadas na área acadêmica.

Em um outro momento, realizou-se um levantamento em base de dados de teses e dissertações produzidas nos últimos dez anos, de 1996 a 2006 com o intuito de procurar estudos que tratassem a respeito da prática de escrita de mulheres.

Sendo assim, foram feitas 39 combinações com dez palavras chave e expressões que tivessem relação com o objeto de estudo – escrita de mulheres. Para isso, foram selecionadas as seguintes palavras e expressões: escrita, mulheres, escrita de si, escrita feminina, diário, Educação de Jovens e Adultos, mulheres escritoras, escrita de mulheres, história das mulheres e Carolina Maria de Jesus, tendo sido essa busca realizada nos sites: www.capes.gov.br e www.ibict.br.

Inicialmente o material pesquisado através das combinações citadas era volumoso mas, apesar de serem trabalhos relacionados à temática da mulher, tais estudos focavam diversos e variados objetos como: saúde da mulher, educação, literatura, história, atuação feminina no campo religioso e no magistério, gênero, educação feminina, representações, imaginário feminino, entre outros. Embora não tendo sido possível elencar todas as temáticas encontradas nos estudos acerca da

mulher, tal levantamento, entretanto, possibilitou conhecer a diversidade de pesquisas nesse campo.

Tendo como foco desse levantamento pesquisas que tratassem sobre escrita de mulheres, foi possível identificar estudos que, de alguma forma, se aproximam do objeto de estudo em questão. Sendo assim, num primeiro momento identificaram-se 129 pesquisas, das quais 63 eram trabalhos de Mestrado e 66 de Doutorado. Em um segundo momento, realizando uma outra leitura dos resumos e tomando contato com alguns trabalhos completos, esse número ficou reduzido para 39 pesquisas, 19 de Mestrado e 20 de Doutorado, as quais tratam, de diferentes maneiras, sobre escrita de mulheres, seja na literatura, nos jornais, revistas, diários, cartas...

Muitos foram os trabalhos encontrados sobre escritoras renomadas brasileiras e da literatura estrangeira, estudos que buscavam aspectos da escrita feminina, indícios da história das mulheres, da educação e da formação, do modo de ver dessas mulheres nos seus escritos. Entretanto, nesse levantamento, a maioria das pesquisas encontradas utilizavam textos/ escritos publicados, foi possível detectar apenas uma pesquisa de Mestrado - **Cadernos de segredos: marcas da educação católica na escrita íntima** (CAMACHO, 2005) - que trata da escrita íntima de uma normalista, um diário não publicado. Esta pesquisa buscava as marcas da educação católica na formação da normalista por meio dos seus diários íntimos.

Dentre os trabalhos encontrados sobre escritoras e suas obras publicadas havia algumas pesquisas sobre a Carolina Maria de Jesus e a obra *Quarto de despejo*. Estes estudos não tratam da prática de escrita da autora, têm como objeto questões da autoria, narrativa, cultura, imaginário feminino e literatura.

O resultado do levantamento de dados em teses e dissertações encontra-se no apêndice C.

No tópico seguinte será apresentada a descrição dos materiais das alunas.

2.4 Os materiais: fontes inesgotáveis de leitura

Os cadernos e escritos como fontes documentais, que compõem os objetos materiais desta pesquisa, trazem possibilidades várias de leitura sobre a escrita dessas mulheres, dos seus contextos sociais e de suas práticas culturais, leituras essas que trazem indícios de uma época, de uma ou mais realidades.

Dessa forma, este tópico é composto de uma descrição detalhada dessas fontes materiais disponibilizadas pelas quatro alunas para a realização do estudo. São textos escritos em folhas soltas, poesias, cadernos...

São escritos íntimos, por vezes, de um longo período da vida, que foram confiados à pesquisadora o contato, a leitura, e o registro (cópia e/ ou foto) desse rico material.

Enfim, as fontes...

Os cadernos de uma vida: Sabrina

Um saco pequeno de tecido na cor vinho com um cordão bege para fechá-lo. Dentro, uma das partes de uma caixa de papelão na cor cinza, com as laterais rasgadas, acomodando dois cadernos⁵ da aluna, além de algumas folhas soltas.

São duas brochuras, pequenas e com capa dura, com a anotação 2º e 3º, no canto superior esquerdo de cada um deles, respectivamente. A aluna, Sabrina⁶, escreveu em três cadernos, em sequência, mas o primeiro se perdeu, então ela disponibilizou para a pesquisa os que lhe restaram.

O segundo caderno tem uma capa vermelha com riscos brancos, na capa, marcado com tinta azul, o número que indica a ordem; no centro, a indicação: Diário de 1982 a novembro 1999, e mais abaixo o primeiro nome da autora. No canto superior direito está o desenho de um clipe. É um caderno com 96 folhas brancas, agora amareladas pelo tempo, com margens e linhas em azul. A capa e a contracapa do caderno estão separadas, rasgadas pelo manuseio. Na sua parte interna está o nome completo da aluna escrito com caneta de tinta azul.

⁵ Uma amostra do caderno da aluna Sabrina encontra-se no anexo B.

⁶ Os nomes citados como sendo das alunas foram criados de modo a preservar-lhes a identidade.

No meio do caderno, um bloco de folhas parecido com o conjunto de folhas de um outro caderno, mas esse bloco faz parte desse conjunto de escrita, ao que parece, a autora começou nas folhas do caderno, escreveu em várias páginas, passou a escrever no bloco e quando acabaram suas folhas, voltou a escrever no caderno, continuando seu trabalho de criação. A autora escreve com canetas de tinta azul, preta e vermelha, alternando cores e dias.

Na primeira página do caderno, no alto da folha está escrito o ano de 1993, logo abaixo a data entre barras, em seguida o horário em que iniciou a escrita, grafando ao lado a palavra Diário. A escrita começa nas linhas abaixo e um texto vai se fazendo em várias folhas até que, ao terminar, a autora coloca seu nome e registra o horário do término. E em todos os dias em que escreve esses dados se repetem.

Entre a escrita de um dia e a de outro há alguns desenhos como formas circulares que lembram caracóis, gotas, uma janela e, às vezes, alguns desenhos nas margens das folhas como flores e sol.

Ao folhear o caderno, destacaram-se três poesias com seguintes títulos: *Por que te amo*, *Lembranças* e *Meu primeiro amor*.

Apesar de na capa do caderno constar que sua escrita tem início em 1982, na primeira página consta a data de 1993. E, no decorrer da leitura, não fica claro se autora escreveu no ano de 1982 ou no de 1993, pois esses anos se confundem em vários dias de escrita do diário.

O outro caderno também é pequeno com capa dura de cor vermelha e com 96 folhas, em cuja capa está registrado, com tinta azul, 3º Diário. Suas folhas são brancas, mas estão amareladas e têm linhas azuis. Na parte interna da capa, o nome riscado, talvez de alguém da família; logo abaixo, o nome da aluna completo, seguido da idade e da data de nascimento. E, no final, o período no qual o diário foi escrito - entre 2000 e 2006.

Na primeira página, a data, com dia, mês e ano, sem o horário do início da escrita, hora essa registrada apenas no final do texto. Entretanto, nos demais dias, até o meio do caderno, aproximadamente, a autora registra a data e a hora de início e de término, assinando no fim de cada dia. Na segunda metade do caderno, as datas não são mais seguidas cronologicamente, há escritos datados de 2005, em seguida um outro de 2002, o que faz inexistir uma cronologia confiável. Em alguns dias não existe a hora em que foi escrito nem a assinatura da aluna.

No final do caderno, duas folhas que se soltaram e foram presas a ele por um clipe. O diário foi escrito com caneta de tinta azul e preta e não há desenhos entre os escritos.

Com os cadernos, havia também folhas soltas, separadas em dois blocos: um somente com poesias e o outro com a maioria dos textos escritos em prosa e algumas poesias que foram agrupadas, pois são escritos que fazem parte dos cadernos.

Os textos soltos que constituem os cadernos estão escritos em folhas grandes de caderno universitário e algumas em folhas de caderno comum. São dez folhas já amareladas pelo tempo, com linhas e margens algumas em azul, outras em cinza. A data entre barras e/ou o ano de produção estão colocados no alto da folha, e foram escritos entre 1982 e 1999. Na primeira linha de algumas folhas a autora coloca - Querido diário ou Diário – e, em outras começa a escrever como nos cadernos descritos acima. No final de todas as páginas está sua assinatura. Entre esses escritos, em uma folha, há duas poesias e, como se fosse o título dessas está escrito – Diário.

O outro bloco, de poesias, é composto por seis textos que estão em folhas grandes e pequenas de caderno e de sulfite, e algumas estão amareladas por causa do tempo que ficaram guardadas. As poesias intituladas *“Meu primeiro amor”*, *“Por que te amo”* e *“Lembranças”* são curtas, datilografadas em dois pedaços de folha sulfite. O título das poesias está em vermelho e o texto em cinza, tem a assinatura da aluna nas duas folhas e a data de 19/04/93 em uma delas.

As poesias *Desejo*, *“Por que te amo”*, *Me lembro* e *Saudade* estão escritas em folhas de caderno com linhas em azul e/ou cinza e margens em rosa. Todas possuem título, data, assinatura da autora e hora em que terminou de escrever. Desses textos, três foram escritos em azul, um em preto. A poesia *“Por que te amo”* é parecida com a de mesmo título que está datilografada, existindo, no entanto, algumas alterações no texto que as diferenciam.

Os versos de uma jovem: Ana

Os materiais⁷ dessa aluna foram disponibilizados em dois momentos: no contato inicial e no final das entrevistas realizadas. Dessa forma, a descrição dos materiais apresentados será feita em dois momentos, pois alguns textos se repetem e algumas características se alteram. A aluna disponibilizou, num primeiro momento, para a pesquisa alguns textos soltos que havia escrito e outros que estavam em um caderno.

O caderno apresentado é um caderno grande conhecido como universitário, com aproximadamente 100 folhas com espiral de metal e contendo folhas brancas com linhas azuis: caderno simples, sem capa dura, ou algo decorativo nas folhas e na capa.

Nele havia quatro páginas com poesias e o restante estava em branco. A aluna contou, durante uma conversa, que as poesias do caderno estavam soltas e que ela as copiara para o caderno para me mostrar. Nessas folhas não existe data que indique quando foi a produção dessa escrita. São nove textos, sete dos quais são poesias curtas que possuem entre quatro e dez versos cada. E, há duas poesias mais extensas que não têm estrofes, são contínuas e sem rimas; apenas uma poesia possui título – *Paixão* – o restante não foi intitulado. Todos os textos estão escritos em letra cursiva com caneta de tinta azul e alguns possuem rasuras. As poesias estão separadas por uns traços que a autora faz quando termina sua escrita. Os textos tratam de sentimento amoroso (saudades, paixão, amor não correspondido).

Além do caderno, a aluna disponibilizou outros cinco textos que estão em folhas soltas.

O texto intitulado *Feliz dia das Mães* foi escrito em uma folha pequena de cor azul com linhas brancas e tendo no canto inferior direito um personagem de desenho animado. O texto não é datado nem assinado pela autora, e é uma mensagem para uma mãe.

Leite Materno foi uma produção realizada na sala de EJA, no início do ano de 2008. Escrito em uma folha de caderno branca com linha azul, possui a data entre barras no início da página, logo abaixo o nome da autora, o da escola e a série, em

⁷ Uma amostra dos escritos da aluna Ana encontra-se no anexo C.

seguida o título e o texto. Foi tarefa de uma aula. É possível perceber as correções realizadas pela professora, em vermelho, no texto todo, e no alto da página a nota.

O texto intitulado “*Os excluídos da sociedade*” (aspas da autora) é uma poesia rimada, mas não tem estrofes, é contínua. Esse texto foi escrito em uma folha branca com linhas azuis, com caneta de tinta preta. Na primeira linha da folha, a autora coloca que o texto é uma poesia e a série a que pertence, logo abaixo o título e no final o seu nome e o de outra aluna, escritos em vermelho. Tal produção foi realizada a partir de uma proposta de aula.

Um grito de socorro é o título de uma poesia escrita em 2008, tendo como objetivo participar de uma gincana na escola que teve como tema Meio Ambiente. É uma poesia com cinco estrofes, com alguns versos rimados. Está em uma folha branca como de caderno com linhas azuis. No alto dela o seu nome completo, e ao lado sua série; logo abaixo o título e em seguida o texto escrito em azul.

O outro texto não possui título e é paródia de uma música. Foi produzido na forma de poesia com quatro estrofes. Escrito em vermelho em uma folha de caderno branca com linhas azuis, foi composto para participar da gincana realizada na escola, em 2008.

Em um segundo momento, no final das entrevistas com a aluna, o mesmo caderno descrito acima foi disponibilizado novamente, porém agora com outras características. Sua capa está recoberta com papel azul e verde. Na capa colagem de alguns recortes com desenhos de borboleta, coração, uma mulher e outros. Na parte interna, foi colada uma rosa e no interior do caderno, já nas folhas, colagens com desenhos e frases, e também, desenhos foram inseridos nas páginas onde estavam escritas as poesias. Havia, ainda, outras poesias.

A aluna acrescentou nesse caderno dezoito textos, poesias e prosas, quase todas escritas com tintas azul, verde ou grafite. Os títulos são todos em vermelho. Existe, também, um recorte de revista com uma poesia da autora Flora Figueiredo, e este recorte foi colado numa folha entre as poesias escritas pela aluna.

São cinco textos construídos em prosa intitulados: *Eu gosto de escrever*, “*Humanidade*” (aspas da autora), *Sem Você*; outros dois que não possuem título, e treze poesias intituladas *Saudade*, *Meu bem, meu mal*, *Solidão*, *Sem Você* (o título se repete, mas são dois textos diferentes), “*Tu és melhor*”, *Seus olhos*, *De Repente*, *Com este poema*, *A procura do Amor*, *O verde*, *Comparo ti...*, e mais três poesias sem títulos.

Além desse, a aluna disponibilizou outro caderno junto com três folhas soltas. Dessas folhas, duas, são brancas, com linhas em azul, margem em rosa e com quatro furos para encaixe em fichário. Os textos foram escritos como poesias, sem separação de estrofes, e apenas uma possui título - *Paixão*. No decorrer dos textos, existem palavras rasuradas. No verso de uma das folhas há um texto curto, uma poesia ou uma estrofe de alguma poesia, também sem título. A outra folha é decorada com desenhos de coração e de uma menina, tem linhas na cor rosa e furos para encaixe. Nas proximidades desses furos há rasgos e existe uma dobradura na horizontal da folha. O texto é uma poesia cujo título está riscado, não tendo sido substituído por outro. Além do título, outras palavras e até frases estão riscadas, e o texto foi escrito com caneta de tinta azul.

O segundo caderno é pequeno, brochura, com noventa e seis folhas. A capa tem a foto de um jacaré e há rabiscos tanto na capa como na contracapa. As folhas estão se soltando e algumas delas, assim como a capa, estão com pequenos rasgos. Parece ser um caderno guardado há algum tempo, pois está amarelado. Na parte interna da capa tem o nome de outra pessoa junto com alguns rabiscos, o nome da aluna participante da pesquisa mais abaixo e nas margens alguns restos de cola e papel. É possível perceber que várias folhas foram retiradas desse caderno. No seu interior, as folhas estão amareladas, as linhas em azul e a margem em rosa.

Os escritos, poesias curtas, geralmente sem título, nem assinatura. Na escrita dessas poesias muitas rasuras, correções, às vezes uma estrofe toda riscada. Entre algumas folhas escritas, várias em branco; as poesias não têm separação, às vezes não é possível saber com certeza se a linha em branco entre um trecho e outro é a separação de estrofes ou o término de uma poesia e o início de outra.

No decorrer da escrita do caderno, os traços das letras sofrem mudanças, ora menor, ora maior, mais redonda, mais espaçada, ora aparece com mais capricho na caligrafia ou ora com menos. E, nesse caderno não existe nenhuma data ou referência que indique quando pode ter sido escrito ou em que período de tempo essa criação aconteceu.

As aventuras das folhas soltas: Joana

Os escritos⁸ da Joana que foram disponibilizados para a pesquisa são textos produzidos em folhas soltas. Até o momento, são 18 textos, os quais, em sua maioria, possuem mais de uma página. Alguns são digitados, outros escritos em uma máquina de escrever e a maioria está em letra cursiva.

São sete textos escritos em folhas usadas em fichário, folhas coloridas e com o desenho de uma bailarina na parte inferior da página, tendo nas margens laterais e como desenho de fundo da página notas musicais em várias cores. As linhas da folha são em cor de rosa e nos furos que servem para o encaixe da folha no fichário foram colocados pedaços de fita. Essas fitas coloridas foram colocadas nos furos centrais em dois textos, em todos os furos em outros três textos, e dois deles não possuem fitas. As fitas formam pequenos nós que amarram as folhas dos diferentes textos e possuem diversas cores como vermelho, verde, amarelo e rosa.

Esses textos foram escritos com caneta de tinta azul, três, e com caneta de tinta preta, quatro. No início da folha, no alto de três textos, a autora escreve a cidade e a data em forma numérica entre barras; em um outro, registra a cidade e o mês por extenso, e na forma numérica coloca o dia e o ano em que foi escrito, e em ainda outro coloca apenas o mês por extenso e o ano na forma numérica. No canto superior esquerdo dessas folhas está grafada a ordem de cada uma no texto na forma numérica (1ª, 2ª, etc.), tendo todas as páginas numeradas.

O texto chamado *O banquete da Sabedoria* não é criação da aluna, é um trecho retirado da Bíblia e copiado numa folha (descrita acima); no final do texto, existe uma indicação do nome do livro da Bíblia do qual foram extraídos os versículos, mais abaixo uma outra frase do mesmo livro colocada entre aspas e com a referência logo em seguida texto esse, não assinado.

Os textos acima descritos possuem os seguintes títulos *A Rede*, *As flores do jardim*, *Dispensação de valores*, *De volta ao Paraíso!*, *Prefácio*, *No silêncio do Campus* e o já citado *O banquete da Sabedoria*. Nos três primeiros títulos, os textos se apresentam em forma de poesia, tendo sido escrito em versos, com estrofes irregulares e com rima. Nos outros três títulos, os textos foram escritos em prosa.

Na maioria dos textos produzidos por essa aluna é possível perceber trechos que foram colocados entre aspas, pois esses são copiados da Bíblia. Em alguns

⁸ Uma amostra dos escritos da aluna Joana encontra-se no anexo D.

deles aparecem rasuras decorrentes de erros de escrita e, no final de cada texto a autora assina e, em alguns, reafirma a data em que foi produzido.

Os textos intitulados *Adolespausa* e *Importa que eu ame* estão digitados e foram impressos na cor preta em folha sulfite branca. O primeiro texto citado foi escrito na forma de poesia com estrofes irregulares e rimadas, tendo o título no alto da folha escrito entre aspas; no final, a data de produção na forma numérica entre barras e em seguida o nome da autora. O segundo texto citado, *Importa que eu ame*, foi escrito como poesia, porém sem estrofes, possui uma frase no início indicando o nome da cidade e a data, e no final o nome da autora.

Num outro texto a autora fala do PEJA – Projeto de Educação de Jovens e Adultos – e esse não tem título, apenas uma frase indicando a data e o nome da cidade; no final, um agradecimento às colegas que estudavam na mesma turma e o nome da autora. O texto foi escrito em uma folha de caderno branca com linhas cor de rosa e desenhos de flores na mesma cor formando a margem da folha e, a parte espiral da folha foi cortada. O texto está escrito em letra cursiva, em tinta azul na forma de prosa.

O escrito datado de 18 de maio de 2006 tem na primeira linha da folha uma frase com a cidade e a data da produção, logo na linha abaixo, no canto direito registra o horário “São 10:36 ou 22:36”. O texto foi escrito em folhas com linhas e margens que estão em preto, pois foi disponibilizada para a pesquisa uma cópia que está em branco e preto. São três páginas numeradas pela ordem, na primeira página a numeração foi colocada no canto superior direito, e nas demais no canto superior esquerdo, e no final da primeira página existe uma seta indicando continuação no verso. Este escrito não possui título e se assemelha com a escrita de um diário. No final do texto a autora escreve que continuará no dia seguinte e registra o horário no qual para de escrever: era 23h29min. O escrito apresenta algumas rasuras, palavras que foram rasuradas e outras palavras que estão sublinhadas.

O texto intitulado *Maneiras de Amar* está escrito em letra cursiva na cor preta em uma folha de caderno colorida, branca e rosa. Os desenhos em rosa formam a margem da folha e as linhas possuem a mesma cor. A data foi colocada em um espaço no canto superior direito reservado para essa finalidade, mas nele a autora colocou a data na qual fez a cópia do texto para essa folha, pois na verdade esse texto foi escrito 17 anos antes. No fim a autora assina e coloca a data na qual o texto foi de fato escrito. O texto “original”, é de 1988, e está em uma folha de sulfite

amarelada e com manchas circulares em preto na parte superior e inferior tendo sido escrito com caneta na cor preta; como não havia linha na folha as frases ficaram levemente inclinadas. O título inicial era *Amor e carinho* e ao copiar para outra folha a autora fez algumas alterações no texto. Algumas palavras rasuradas podem ser percebidas, e no final consta o primeiro nome da autora e a data entre barras. Essa folha tem marcas de dobradura que forma uma cruz demonstrando ter sido dobrada em quatro partes, e em algumas partes dessas dobraduras há rasgos decorrentes do período que ficou guardada.

“Mãe” é “Mãe!” (aspas originais do texto) é o título de um texto escrito no dia em que se comemorou o Dias das Mães, no ano de 2004. Está em uma folha de caderno branca com linhas em azul e a parte espiral foi cortada. A autora inicia, citando a cidade e a data na forma numérica entre traços, informando, em seguida, o dia da semana e a data comemorativa. E, logo na linha abaixo coloca o título. É um texto escrito em prosa, de duas páginas, frente e verso da folha, e assinado pela autora no final. Marcando sutilmente a folha existe uma marca de dobradura na vertical.

O texto *Monotonia* foi escrito em duas folhas de caderno brancas com linhas azuis e a parte espiral da folha não foi retirada e as pontas que ficavam presas no espiral do caderno estão amassadas. No canto superior esquerdo há um número indicando a ordem das folhas. A autora inicia com o título e logo em seguida compõe o escrito. Parece ter sido um texto construído rapidamente, está em letra cursiva, em forma de poesia, com estrofes irregulares, versos rimados e, aparentemente, a autora o escreveu naquela folha com pressa ou algo próximo disso. Há rasuras e a data está entre barras no final - 28 de dezembro de 1987. Devido ao tempo em que passou guardada, a folha apresenta uma marca de dobradura em forma de cruz levemente amarelada.

Um outro texto intitulado “Feliz Natal!” foi escrito numa máquina de datilografia, em folha sulfite branca. Possui duas versões e, na primeira, o espaçamento entre linhas está menor, então o texto escrito em prosa fica reduzido a um espaço um pouco maior que a metade da folha; logo abaixo, depois de deixado um espaço em branco, existem dois versos curtos desejando um feliz Natal, como se fosse uma mensagem destinada a alguém. Mais abaixo, no final da folha, o nome da autora entre aspas e a data numérica entre barras. Depois de datilografado, algumas correções foram feitas com um lápis assim, é possível perceber algumas palavras

riscadas. Na segunda versão, o texto foi datilografado com maior espaçamento entre linhas ocupando agora toda a folha, os dois versos finais foram excluídos e, a autora encerra com a data entre barras e com seu nome. Esses textos foram escritos em 1987 e as folhas estão bem amareladas e com marcas de dobradura.

Em 1995, aproximadamente, a autora escreveu esse texto que não tem título. É um escrito extenso, composto por quatro folhas de fichário branca, agora amareladas, com linha cinza e, margem lateral cor de rosa, no canto superior esquerdo de cada folha existe a ordem numérica e parece que foi um texto produzido em vários dias, pois a letra se altera no decorrer das páginas (tamanho, espaço), a cor da caneta muda, ora é azul escuro, ora é azul claro. Existem muitas rasuras, palavras grifadas e anotações nas margens como números que ora parecem datas, ora citação de uma passagem da Bíblia e, em algumas dessas anotações existe “uma chave” indicando para qual trecho é aquela anotação na margem. Neste, não há data nem assinatura da autora, parecendo ser possível existir uma continuação ou, pelo menos, ter havido essa intenção.

O texto chamado de *Minhas Viagens*, do qual foi disponibilizada a cópia, está em folhas de sulfite com linhas e margens em preto. No canto superior esquerdo está a ordem das folhas que são duas, a data entre barras no lado direito no alto da folha e logo abaixo o primeiro nome da autora, no fim de todas as páginas há setas indicando a continuação do texto. É possível perceber várias rasuras no escrito e um leve aumento no tamanho da letra (cursiva) no decorrer da produção. No final, a autora escreve seu nome e abaixo deste coloca a palavra PEJA.

O texto *Abre a janela do teu coração* está digitado em duas folhas brancas de sulfite, escrito na forma de poesia sem estrofes e sem rimas. Abaixo do título há um subtítulo chamado “*Na casa onde eu moro*”, as aspas são da autora, e na última frase do texto há uma citação da Bíblia colocada entre aspas, com o nome do livro em foi retirado e o versículo. No final, o nome da autora, horário em que acabou de escrever e a data na forma numérica entre barras.

O caderno entregue ao fogo: Mabília

A aluna Mabília mostrou e disponibilizou para a pesquisa o seu caderno⁹. Esse caderno é grande, caderno universitário, de capa dura com espiral e contendo trezentas folhas. No interior do caderno, as folhas são brancas, podendo ser destacadas, existindo um pontilhado que permite a retirada da folha, e estas possuem furos que possibilitam o encaixe em fichários, com linhas e margens em azul.

A escrita desse caderno teve início em outubro de 2008, e logo no alto da página a aluna escreve: “Endereço esta carta ao nosso Criador só ele pode transformar minha vida.” Poucas páginas foram escritas nesse caderno, são apenas cinco, anotadas em quatro dias como se fosse um diário, um dia para uma ou mais folhas. Quando sobravam linhas em branco em algum dia, no dia seguinte ou na próxima vez da produção da escrita a folha usada é uma em branco, nova para aquele dia. Nem sempre existe a data em que foi escrito.

Nesses escritos que são todos endereçados a Deus, a aluna escreve sobre sua família, sobre o que sente, suas vontades, faz pedidos e agradecimentos sempre relacionados com sua vida pessoal. E, no final dessa escrita faz uso de duas expressões “que assim seja” e “amém”, colocando ora uma ou outra.

A cada ano um caderno novo é comprado, escolhido entre tantos outros para guardar a escrita de uma mulher durante todo aquele ano.

Mabília escolhe o caderno, encontra um lugar na sua casa para guardá-lo, um lugar “secreto” onde ninguém mexa, nele escreve o que sente vontade, às vezes todos os dias, às vezes pula dias, semanas, meses. Enfim, escreve em todas as folhas até que o caderno esteja preenchido. Quando isto acontece, ela retira o caderno do lugar “secreto”, lê trechos dos escritos, pensa no que escreveu e na sua vida... E decide, vai queimá-lo, é o momento de se desfazer desse caderno e escolher outro.

Assim, Mabília faz uma fogueira e entrega o seu caderno, os seus escritos, ao fogo, para que depois comece a preencher outro novamente.

⁹ Uma amostra do caderno da aluna Mabília encontra-se no anexo E.

3. AS ESCRITORAS: CAROLINA MARIA DE JESUS E MARGUERITE DURAS

Apresentam-se, neste capítulo, duas escritoras que são colocadas como eixo norteador das reflexões sobre a escrita de mulheres: Carolina Maria de Jesus, não escolarizada, e Marguerite Duras que possui escolarização. Apesar da diferença existente entre elas na questão da formação, ambas são mulheres que, em seus respectivos escritos, trazem o contexto histórico no qual viveram e os seus papéis naquele espaço, indiciando assim, nos escritos, a si mesmas.

Não é possível saber quantas dessas mulheres escritoras existem. Carolina e Marguerite são as que, publicadas suas obras, se fizeram conhecidas, mas assim como elas, quantas mulheres devem ter seus diários, registros, cadernos, anotações, sobre acontecimentos, situações de suas vidas, sobre suas condições? Quantas mulheres escrevem, mas não se transformaram em escritoras renomadas / publicadas, pois seus escritos permanecem no anonimato e no fundo das gavetas? Quantos textos devem ter sido registrados, mesmo que o período do diário íntimo e da poesia da adolescência tenha passado?

São questionamentos sem respostas, no entanto, algumas dessas histórias e desses escritos não publicados foram detectados nesta pesquisa e serão apresentados na intenção de buscar compreender um pouco dessa escrita feita por mulheres.

Apresenta-se nos tópicos seguintes uma composição que traz dados de vida da Carolina Maria de Jesus e da obra *Quarto de despejo*; e sobre Marguerite Duras, o modo como a leitura de suas obras contribuiu, como sensibilização, para as questões da escrita de mulheres e dados de vida.

3.1 *Quarto de despejo*: obra em folhas, uma vida na história

Este tópico traz um breve percurso da vida e obra de Carolina Maria de Jesus, a autora do *Quarto de despejo*, obra esta que será narrada neste momento. Coloca-se como breve percurso, pois serão apresentados alguns momentos de sua vida e, também, porque é difícil reconstituir a sua trajetória devido a algumas informações incertas sobre ela. Para isso, foi utilizada como referência a obra *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus* de Levine e Meihy (1994), na qual é possível encontrar informações biográficas da autora, obra essa publicada a partir de um estudo realizado pelos autores citados. Outros elementos que compõem este tópico foram levantados na própria obra *Quarto de despejo – diário de uma favelada* (2001) que foi escrita na forma de um diário iniciado no dia 15 de julho de 1955 e finalizado no dia 01 de janeiro de 1960. São essas as datas que constam no exemplar consultado e no exemplar da primeira edição, impresso em agosto de 1960.

Carolina Maria de Jesus nasceu em um vilarejo rural chamado Sacramento, localizado em Minas Gerais, no ano de 1914. Descendente de escravos e oriunda de uma família pobre, estudou até o segundo ano primário no Colégio Allan Kardec, primeiro colégio espírita do Brasil, fundado em 1907. Nesse período, para estudar no Colégio Allan Kardec, as crianças menos favorecidas precisavam de "padrinhos" que custeassem seus estudos; Carolina manteve-se na escola devido à contribuição de Maria Leite Monteiro de Barros, pessoa que oferecia trabalho a sua mãe, como lavadeira. Estudou nesse colégio um pouco mais de dois anos, e foi nesse curto espaço de tempo, que aprendeu a ler e escrever. Em uma passagem do livro ela comenta sobre o tempo em que estudou: “Tenho apenas dois anos de grupo escolar, mas procurei formar o meu caráter”. (JESUS, 2001, p. 13)¹⁰.

Sacramento era considerado um vilarejo progressista e moderno, pois suas ruas tinham iluminação desde 1910 e havia uma linha de bonde que o ligava a uma cidade próxima, chamada Cipó. Esse bonde servia para escoar a produção local, entretanto, a maioria da população que ali vivia tinha que produzir quase tudo o que

¹⁰ Nos trechos transcritos da obra da autora, Carolina Maria de Jesus, manteve-se a escrita ortográfica como no original consultado.

consumia e os outros produtos necessários para sobrevivência eram obtidos por meio de trocas.

Carolina mudou-se do vilarejo, quando sua mãe precisou ir trabalhar no campo. Aos 16 anos foi para Franca, interior de São Paulo, com a mãe, e depois de viver um período na cidade, elas se mudaram novamente, transitando, assim, por várias cidades no interior do Estado; nesses lugares, ambas trabalharam como empregadas domésticas.

Em 1937, a mãe de Carolina faleceu e ela decidiu ir para a cidade de São Paulo, chegando na capital somente no ano de 1947. Nesse período de dez anos, da morte de sua mãe à sua chegada em São Paulo, de 37 a 47, não se sabe ao certo de Carolina, onde morou, trabalhou, se vivia sozinha. Esses são alguns anos de sua vida ainda não revelados ou encontrados, segundo Levine e Meihy (1994).

No ano de 1947, com 33 anos de idade, Carolina, enfrentou muitas dificuldades sem ter um lugar para se alojar, precisando dormir em estradas, nas ruas ao relento e debaixo de pontes. Para ganhar dinheiro, trabalhou como empregada doméstica, faxineira em hotéis, auxiliar de enfermagem em hospital, vendedora de cerveja e tentou ser artista de circo. Trabalhou na atividade de empregada doméstica em casas de famílias, ambiente no qual, ao que indica, teve contato com obras e autores clássicos da literatura citados no seu diário.

E eu pensei no Casemiro de Abreu, que disse: 'Ri criança. A vida é bela'. Só se a vida era boa naquele tempo. Porque agora a época está apropriada para dizer: 'Chora criança. A vida é amarga' (JESUS, 2001, p. 32).

Nas casas de família nas quais Carolina trabalhava, havia regras que ela precisava seguir, mas isso não a impedia de sair frequentemente para namorar, passando, assim, noites fora do local de trabalho; foi, talvez, esse tipo de procedimento que a fez perder seis empregos seguidos.

Carolina foi morar na favela do Canindé, em São Paulo, atualmente extinta, em 1948, quando engravidou de um marinheiro português que a abandonou e, em seguida foi demitida da casa onde trabalhava; não tendo, lugar para onde ir, a opção foi a favela. Ali instalada e sem trabalho, Carolina começou a atuar como catadora de materiais do lixo destinados à reciclagem.

Sua casa na favela, chamado por ela de barraco, foi construída com as suas próprias mãos usando materiais encontrados na rua.

João José de Jesus, seu primeiro filho, nasceu três meses depois de ela ter se mudado para a favela. Nas saídas em busca de materiais para vender, Carolina o colocava nas costas e, assim, João sempre a acompanhava no trabalho.

Seu segundo filho, José Carlos de Jesus, foi uma gravidez dois anos depois, cujo pai, era um espanhol. Passado um tempo, Carolina conheceu um homem rico que lhe fazia visitas e lhe dava dinheiro para comprar roupas e alimentos. Desse relacionamento nasceu sua filha Vera Eunice de Jesus Lima. Sendo mãe solteira de três filhos, sua rotina na favela envolvia tarefas como cuidar dos afazeres domésticos como lavar, se tivesse água; cozinhar, quando havia comida, além de cuidar dos filhos, recolher papéis e escrever seu diário.

Em meio a esses materiais diversificados que recolhia estava o papel, papel esse que ela guardava para criar seus textos. A vida de Carolina era envolta por papéis, papéis que queimava para aquecer a casa no inverno, que vendia para obter o próprio sustento e o da família, papéis que abrigavam sua escrita.

No seu diário, a obra *Quarto de despejo*, registrava fatos cotidianos da favela relatando as brigas, a rotina das pessoas, as relações, os preconceitos, comentários sobre políticos que estavam no poder naquele momento, e de suas promessas não cumpridas, da diferença social, da fome principalmente, e tudo o que conseguia observar durante os muitos anos em que ali viveu e, que foram anotados em uns vinte cadernos sujos que eram recolhidos do lixo por ela. Seu diário foi escrito durante cinco anos, de 1955 a 1960, tendo Carolina vivido na favela por mais de dez anos.

O jornalista do Diário de São Paulo, Audálio Dantas, encarregado de fazer uma reportagem sobre a inauguração de um parque infantil próximo à favela do Canindé conheceu Carolina durante uma confusão que ocorreu no evento. Segundo Audálio, adultos e crianças disputavam espaço para se divertirem quando uma mulher gritou que iria colocar o fato no seu diário. Essa mulher era Carolina. O jornalista, curioso, foi perguntar do que se tratava o tal diário, e ela o levou ao seu barraco e mostrou a ele os seus escritos.¹¹

¹¹ Informação retirada da obra *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus* escrita por José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine. Esta obra é o resultado de um trabalho de estudo e pesquisa desenvolvido por Meihy e Levine sobre Carolina e a obra *Quarto de despejo*. (p. 24)

Audálio Dantas, percebendo a riqueza da escrita de Carolina, saiu em busca de formas para publicar o diário, e o conseguiu através da Livraria Francisco Alves, Editora Paulo de Azevedo Ltda. Dessa forma, Carolina conseguiu tornar público sua obra, em agosto de 1960.

Anteriormente ao lançamento do livro, trechos do diário de Carolina foram publicados na *Folha da Noite*, em 1958, e na revista *O Cruzeiro*, em 1959, como a própria autora deixa registrado nas páginas finais do diário:

O meu coração ficou oscilando igual as molas de um relógio. O que será que eles escreveram a meu respeito? Quando o João voltou com a revista, li – **Retrato da favela no Diário de Carolina**. Li o artigo e sorri. Pensei no reporter e pretendo agradecê-lo. (JESUS, 2001, p.150)

O lançamento do livro acontecido em agosto de 1960, conseguiu recorde de vender, nos três primeiros dias do lançamento, dez mil exemplares na cidade de São Paulo; depois de seis meses, noventa mil cópias foram distribuídas pelo país. Com a polêmica causada pela obra, rapidamente os meios de comunicação divulgaram para o mundo o *diário* de Carolina, uma favelada. A obra foi traduzida para treze línguas diferentes passando por mais de quarenta países. Essas informações fazem parte do estudo de Levine e Meihy (1994, p. 25).

Entretanto, o sucesso de venda da obra não possibilitou a saída imediata da Carolina da condição em que vivia na favela. Passados alguns meses, ela conseguiu efetivar a compra de uma casa de alvenaria na região de Imirim, em Santana, um bairro de São Paulo, onde viveu por alguns anos, tendo se mudado para uma chácara em Parelheiros, em 1969.

Após a polêmica causada pela obra, Carolina teve, durante alguns anos, uma vida social agitada participando de jantares, viagens, entrevistas. Em 1961, participou do II Festival de Escritores no Rio de Janeiro. Durante essa participação, dizia-se decepcionada com Jorge Amado, responsável por organizar o evento, acreditando ter o organizador boicotado a venda de *Quarto de despejo* para vender *Gabriela, Cravo e Canela*, obra de autoria do autor baiano.¹²

¹² Fonte: *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus* dos autores José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine.

A obra *Quarto de despejo* fez sucesso no período populista denunciando uma realidade oposta à da sociedade letrada do Brasil, sendo escrito por uma mulher negra, pobre, mãe solteira, semi-alfabetizada, vivendo em uma favela com seus três filhos.

Enquanto o regime populista imperava no país, os escritos de Carolina apareciam antes mesmo da publicação da obra, em jornais e revistas. Quando a publicação aconteceu em 1960, os acontecimentos registrados no *diário* tiveram grande repercussão e, com o golpe militar de 64, a escrita de denúncia de Carolina perdeu seu brilho.

Segundo Levine e Meihy (1994), a obra de Carolina não sofreu censuras no período militar, mas a sua escrita era carregada de crítica social e mostrava a realidade de pessoas que foram esquecidas pelo poder público e o período do governo militar, iniciado em 64, evitava essa crítica social. Talvez, por isso, as editoras se recusassem a publicar as novas obras de Carolina.

No tocante à crítica social, podemos considerar que a obra *Quarto de despejo* retratou o descaso social da favela, as falsas promessas políticas, as dificuldades de um povo esquecido, marginalizado, fruto de políticas nada sociais com um livro gerado no interior desse caos representando o poder popular.

Depois do sucesso de *Quarto de despejo*, Carolina escreveu e publicou outras obras: *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada*, em 1961, pela Editora Francisco Alves. Essa obra foi lançada e amparada pelo sucesso de *Quarto de despejo*, mas vendeu somente três mil exemplares de uma edição de dez mil.

Em 1969, publicou *Provérbios* – um livro sobre dizeres populares -, e mais *Pedaços da Fome* que foi considerado romance. Ambas as obras foram editadas com recursos da autora.

Devido ao insucesso dessas publicações, Carolina, vivendo na chácara em Parelheiros, voltou a catar papel para vender quando faltava dinheiro; além disso, vendia mandioca, abacate e banana cultivados em seu terreno como forma de sobrevivência.

Em 1976, uma editora de São Paulo comprou os direitos autorais da obra *Quarto de despejo* e fez uma edição de bolso. Carolina foi convidada a autografar as obras em alguns pontos de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Em Parelheiros, Carolina viveu até 13 de fevereiro de 1977, data de sua morte. No momento de seu falecimento, Carolina estava na casa de seu segundo

filho José Carlos, que estava casado; tendo passado mal, faleceu a caminho do hospital. Seus filhos não tinham dinheiro para enterrá-la e pediram ajuda à imprensa que se negou; então amigos e vizinhos de Carolina custearam seu sepultamento.

No período anterior à sua morte, ela vivia somente com seu filho mais velho; os outros dois estavam casados e Carolina era avó de sete netos.

Após seu falecimento, um editor francês publicou a obra *Um Brasil para os brasileiros*, material não concluído, que ele adquiriu quando visitou Carolina no Brasil. Em 1986, essa obra foi lançada no Brasil sem chamar a atenção com o nome *Diário de Bitita*.

Apesar do esquecimento sofrido, ainda em vida, em São Paulo existem duas ruas que levam seu nome, uma delas é a rua em que ela faleceu. Uma creche recebeu o seu nome e na cidade de Guarujá, litoral de São Paulo, algumas mulheres fundaram um clube e o nomearam Carolina Maria de Jesus.

O estudioso de sua obra, José Carlos Sebe Bom Meihy, encontra, com a ajuda dos filhos dela, uma caixa com trinta e sete cadernos que registravam poemas, contos, três peças de teatro e quatro romances. Com esse extenso material de registro, Meihy organizou e publicou outra obra: *Antologia pessoal: Carolina Maria de Jesus* (1995).

Em 2006, o Museu Afro Brasil, situado em São Paulo, no Parque do Ibirapuera, realizou uma exposição sobre a vida e obra de Carolina, que esteve aberta à visitação de junho a julho do mesmo ano.

Apesar do sucesso que a obra *Quarto de despejo* teve na década de 50, Carolina viveu os outros anos de sua vida pobre e esquecida e, somente depois de muitos anos, é possível perceber manifestações de reconhecimento de sua obra.

Sendo assim, os escritos de Carolina possibilitam que nos embrenhemos não somente pelos caminhos da escrita de mulheres não escolarizadas, mas também que transitemos pelos movimentos que essa escrita faz, movimentos esses que passam pelas questões da condição feminina.

3.2 Marguerite Duras: questões para a escrita feminina

Marguerite Duras, quem é ela? Uma escritora, até então, desconhecida, para mim, assim como suas obras. No início desse estudo após ter lido algumas obras literárias e acadêmicas no campo da história e escrita de mulheres para a construção do Trabalho de Conclusão de Curso, foram-me indicados pela Professora que orienta esta pesquisa algumas leituras de sensibilização, que seriam romances escritos por mulheres, tais como a obra *O Amante*, de Marguerite Duras.

Iniciei o exercício de leitura pela obra *O Amante* sem buscar qualquer informação sobre a autora intencionalmente, pois tinha como objetivo ler simplesmente. E, nessas leituras, perceber a escrita feminina, e as possibilidades que me traziam.

O Amante (1984) é uma leitura que envolve, uma escrita que seduz o leitor. A escrita intensa fazia de mim, leitora, uma expectadora da história, do romance, ao mesmo tempo em que a personagem, mulher, deixa indícios do seu modo de ser.

Escolhi para ler em seguida *Olhos azuis cabelos pretos* (1986). A escolha aconteceu pelo título, queria saber quem era a pessoa de olhos azuis e cabelos pretos... Seria a história de outro amante, tão envolvente quanto a primeira? Início a leitura, percebo que o texto não está escrito em primeira pessoa, como acontecia no *O Amante*. Na página inicial, o assunto – uma noite de verão, em seguida, personagens misteriosos, e, fico à espera das próximas páginas. A história segue, os personagens, sem nomes, se encontram... Porém, num instante, acontece um corte, alguém narra o cenário de um teatro, em seguida, continua a história...

Conclui a leitura dessas obras me perguntei o que Marguerite escreveu devido às diferenças de cada produção. Além disso, uma dúvida surgia sobre o conteúdo das obras, seriam histórias de ficção? Essa era uma pergunta que me fazia, pois estava sensibilizando-me para olhar para um movimento de escrita das mulheres.

O verão de 80 (1980) foi a obra lida em seguida. Nela, estão as impressões da personagem sobre o verão chuvoso de 1980, a chuva, o movimento das pessoas, os espaços, o mar. O verão, aquele verão e os seus acontecimentos, eram o tema central.

Realizadas essas três leituras, inicio a quarta, uma obra não escolhida antes, pois o título, *A Dor* (1985), provocava receio sobre o conteúdo do texto.

A Dor tem uma escrita também envolvente, semelhante a um diário, mas o nome da personagem que escreve não é o da autora. Se este for um diário, de quem será? Da Marguerite ou de outra pessoa? A leitura continua, entretanto esta se torna tensa, “dolorida”... A personagem, uma mulher, está à procura do seu companheiro que foi capturado pelo nazismo na França, no período da Segunda Guerra Mundial. Uma busca incessante e sem resultado. Nas páginas da obra, a dor da personagem transpassa o texto, chega ao leitor, escrita forte de sentidos.

A escrita dessa história se apresenta de uma forma tão verdadeira ao leitor que voltei a questionar: Essa obra é ficção ou realidade? Mas, Duras não é uma escritora de romance? Romance de ficção? Os acontecimentos contados na obra não parecem ser ficcionais, o período histórico é real e isso me faz pensar que o romance também o seja.

Com a leitura da obra *A Dor* concluída, os questionamentos causados se resumem em dois. Ela é uma escritora de ficção? Ou uma escritora que cria suas obras baseada em fatos reais?

E se Marguerite Duras escreve a partir da realidade, quem são as pessoas que viveram tais situações? Será que são pessoas que passaram pela vida dessa escritora ou tem caráter autobiográfico?

Na leitura da obra de Marguerite esse questionamento parece não fazer sentido, no entanto, quando me reporto às possíveis alunas que farão parte da pesquisa, isso me faz pensar numa possível relação entre escrita e vida.

Iniciei uma busca para obter mais informações sobre Marguerite Duras. Nessa busca, encontrei outras obras da autora, uma biografia, fotos de diversas fases de sua vida e artigos que contavam sobre sua vida pessoal, sua origem, lugares pelos quais passou e, sobretudo sobre sua vasta produção literária.

Escrever (1993) foi a obra lida em seguida, e, nela, Marguerite Duras conta sobre a sua escrita. “Escrever, era a única coisa que povoava a minha vida e que a encantava. Fi-lo. A escrita nunca mais me abandonou.” (DURAS, 2001, p. 15) Nesse sentido, percebi que os escritos de Duras têm uma relação com a sua própria vida, assim como indiciam Carolina Maria de Jesus e as alunas de EJA: a escrita tem relação com a vida.

Além dessa, as outras obras encontradas e lidas são: *A Vida material* (1989), *Barragem contra o Pacífico* (2003) e a biografia escrita por Frédérique Lebelley chamada *Uma vida por escrito: biografia de Marguerite Duras* (1994).

O encontro literário com Marguerite fez com que suas obras e a história de escrita dessa mulher não fosse apenas uma fase preliminar do estudo, mas fez com que as leituras e esta escritora integrassem a pesquisa com um material que, unido aos das outras mulheres escritoras, farão a composição do estudo. Apresenta-se, a seguir, Marguerite Duras, mulher e escritora, e trechos de algumas obras que, no decorrer do estudo, se mostraram mais significativas.

3.3 Marguerite Duras: quem é ela?

Marguerite Donnadiou, nome de infância, se tornou Marguerite Duras, uma escritora de romances que relatava, em suas obras, assuntos muito pessoais. Nascida nos arredores de Saigon, em Gia Dinh, Indochina, no ano de 1914, foi onde viveu a sua infância, junto com seus pais, que eram professores e com seus dois irmãos.

Com dezoito anos, Marguerite mudou-se da Indochina para a França, país de origem de seus pais, onde estudou, tornou-se escritora e ali passou sua vida toda.

Ser escritora era uma vontade que Duras alimentava desde a infância, mas sua mãe dizia que isso era brincadeira de criança, pois planejava que ela estudaria Matemática, como é relatado neste trecho retirado da obra biográfica, citada sobre Marguerite: “Já Marguerite deveria dirigir-se, sem problemas, para o estudo da matemática avançada, em memória do pai. Ela é assim, esta mãe, feita de certezas inabaláveis em relação ao futuro que decide para cada um dos filhos.” (LEBELLEY, 1994, p. 20).

Sua mãe, mesmo quando percebeu que Marguerite se tornava uma escritora com um futuro promissor, não o aprovava, pois não era essa a carreira que havia planejado para a filha.

A senhora Donnadiou está decepcionada que sua filha não tenha feito carreira no comércio. Não pôde evitar que a *idéia de criança* seguisse seu curso: Marguerite tornou-se escritora, e claramente uma escritora de futuro. Esse valor marca sua verdadeira derrota. Contra Duras ela nada pode. A não ser atormentar Marguerite. (LEBELLEY, 1994, p. 136, grifo do autor)

Após lançar pela Gallimard *L'Empire français* (1940), e não conseguindo contrato para outro livro, Marguerite conseguiu um trabalho no Cercle de la Librairie, como secretária, e, quando não estava trabalhando, continuava a escrever.

Fora das horas de expediente escreve. Liberta, acredita ela, desse passado irrespirável. Escreve. Retira da terra algo ainda informe, mas em breve pronto a receber um nome. Será Duras. Marguerite Duras. O nome que assina a paz do esquecimento. (LEBELLEY, 1994, p. 90).

Na obra *Les Impudents* (1942), Marguerite fala do irmão mais velho, sempre adorado pela mãe, apesar de suas atitudes inconsequentes. Essa obra foi recusada para publicação, mas a autora não desistiu de publicá-la, como comenta Lebelley a seguir.

Do que Marguerite sofre com ele em silêncio, desde sempre, Duras a liberta. Pois, felizmente, existe a escrita. Não abandonou o romance recusado. Ela o recheia, alimenta-o com seus últimos desesperos. No papel, o irmão mais velho, “podre a ponto de ser tão leve quanto um galho de árvore morta”, está à sua mercê. (LEBELLEY, 1994, p. 100).

Tendo a obra *Les Impudents* sido recusada mais uma de vez, Robert Antelme, seu companheiro, sai em busca de ajuda, por meio de amigos influentes, para a publicação do texto, pois Marguerite ameaça pôr fim à vida, diante das recusas. Robert consegue a publicação pela editora Éditions Plon.

Em 1944, com a publicação da obra *La vie tranquille*, Marguerite tornou-se reconhecida como escritora. Entretanto, nesse momento, seu companheiro Robert foi preso pela Gestapo e, diante de tal situação, ela silencia. Não publica outra obra até 1950.

Muitas são as obras escritas por Duras, somando mais de trinta romances, além de peças de teatro e roteiros de cinema.

Seus escritos, suas obras misturam ficção e realidade, personagens criados a partir de existências, indivíduos que, de alguma forma, fizeram parte de sua existência, remetem a fatos vividos, lugares visitados, habitados por ela em algum período de sua vida, pessoas encontradas, amores, tristezas, sofrimentos, perseguições... Um passado que, de alguma forma se liga a ela.

Está no vazio imaculado, espaço do criar, na obrigação de escrever-se. O passado que hoje julga banal ela vai amassar com a ponta dos dedos, torná-lo belo e verdadeiro para agradar a si própria, inventá-lo para, enfim, libertar-se dele. Sempre inutilmente. Marguerite, a filha do inominável, nascida de pedra, posta no mundo por um morto, já é Duras. Como sempre foi. Duras, “fortaleza neste lugar”, em língua occitana. Ela sonha em construir ali sua solidão, “o maior palácio de solidão que jamais se viu, o mais impressionante”, para nutrir nele, única, uma “infelicidade maravilhosa”. (LEBELLEY, 1994, p. 68).

Dessa forma, questiona-se: No que e/ou em que ponto essa autora se assemelha às outras mulheres escritoras, Carolina e as alunas de EJA? O que esses escritos, essas obras publicadas, consideradas de ficção podem apontar sobre a escrita de mulheres?

Apesar de Marguerite não ter uma história de vida próxima da de Carolina nem das alunas de EJA, sua produção literária indicia uma prática de escrita realizada não por uma implicação financeira – trata-se de uma escrita produzida a partir de um sentido maior ligado à própria vida.

4. ALINHAVANDO CONTEXTOS SOCIAIS ESCRITOS: O ATO DE ESCREVER E A LEITURA DE SI. UM ESBOÇO TEÓRICO

Este capítulo apresenta uma discussão sobre Carolina Maria de Jesus, Marguerite Duras e Joana nas questões referentes aos escritos produzidos por elas e os diferentes contextos sociais em que as autoras se inserem, pois essas mulheres são sujeitos de tempos e lugares distintos e que foram aqui, neste texto, trazidas e aproximadas por apresentarem uma relação semelhante em relação à escrita. Pensando que são mulheres de tempos e lugares distintos, quem são esses sujeitos, essas mulheres que escrevem? Inseridas em que contextos social, histórico e temporal? Em que contextos produzem seus escritos? Que contextos nos dão a ver nos escritos que hoje lemos? Como situam a si mesmas nesses contextos que nos apresentam?

Tendo como norteador os questionamentos citados anteriormente, traz-se à reflexão uma discussão sobre os contextos sociais e os escritos dessas mulheres autoras tendo como aporte teórico Pierre Bourdieu e Michel Foucault.

Carolina Maria de Jesus vivia em São Paulo, como catadora de lixo, na favela do Canindé. Mulher de pouca formação escolar estudou somente dois anos na infância, mas isso não a impedia de escrever e de perceber o seu entorno. Do lugar que ocupava na sociedade, teve uma consciência crítica sobre as diferenças socioeconômicas da população, percebida nos momentos em que se deslocava da favela para a cidade a trabalho, interessando-se, também, pelas questões políticas com quais tomava contato, principalmente por meio do rádio e das movimentações dos partidos políticos na região da favela, em período de campanha eleitoral. Do seu lugar na vida, sentia os distintos modos de ser mulher e as dificuldades em ser negra, devido ao preconceito, como mostram os trechos a seguir.

A Silvia e o esposo já iniciaram o espetáculo ao ar livre. Ele está lhe espancando. E eu estou revoltada com o que as crianças presenciam. Ouvem palavras de baixo calão. Oh! se eu pudesse mudar daqui para um nucleo mais decente. (JESUS, 2001, p. 10)

Refleti: preciso ser tolerante com os meus filhos. Eles não tem ninguém no mundo a não ser eu. Como é pungente a condição de mulher sozinha sem um homem no lar. (JESUS, 2001, p. 19)

...Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me: - É pena você ser preta. Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. (JESUS, 2001, p. 58)

Diferentemente de Carolina, Marguerite Duras tinha como seu lugar a França, e suas memórias de infância na Indochina. Marguerite, 1914 – 1996, e Carolina 1914 – 1977 estão, ambas, num mesmo tempo histórico, porém em contextos sociais muito diferentes, além de distantes espacialmente.

Marguerite Duras passou a maior parte da sua vida na França, ali concluiu sua formação em Matemática e tornou-se escritora. Ser escritora era o seu trabalho, sua profissão. Do seu lugar de escritora é que suas obras foram produzidas. Marguerite Duras, autora, remetia a Marguerite Donnadieu na produção dos textos, ou seja, remetia-se a si mesma para escrever as obras, com percepções e reflexões sobre / de sujeitos / indivíduos, além de questões sociais e políticas.

Do seu lugar de escritora apresenta-se um trecho da obra *Escrever*:

Posso dizer o que quiser, nunca saberei o motivo pelo qual se escreve, nem como não se escreve. (DURAS, 2001, p. 18)

Joana, aluna da Educação de Jovens e Adultos, vive em Rio Claro, interior de São Paulo, e trabalha como vendedora autônoma. Nasceu em 1961 na cidade de Guaimbê/SP. A necessidade de trabalhar na infância para ajudar os pais foi o motivo que levou Joana a deixar os bancos escolares naquele momento; mais tarde, retomar os estudos não foi possível por causa dos companheiros que teve, assim como não lhe era permitido, por eles, escrever. Voltar a estudar tornou-se realidade recentemente, quando Joana já não vive com companheiro algum e transita livremente pelos espaços que a escrita possibilita.

(...) na minha família, ninguém estudou, minha irmã mais velha trabalhava numa casa de família em Marília (...) e todo mundo trabalhava em roça, e eu, era a irmã mais nova, e ela me via na roça, assim com nove, dez anos, e ela falava: queria que a

Joana estudasse, fosse inteligente. (Joana, informação verbal – entrevista)

Carolina, na obra *Quarto de despejo*, aponta para o contexto histórico e social da década de 1950 no Brasil, na realidade da favela:

Fui na delegacia e falei com o tenente. Que homem amavel! Se eu soubesse que ele era tão amavel, eu teria ido na delegacia na primeira intimação. (...) O tenente interessou-se pela educação dos meus filhos. Disse-me que a favela é um ambiente propenso, que as pessoas tem mais possibilidades de delinquir do que tornar-se util a patria e ao país. Pensei: Se ele sabe disto, porque não faz um relatorio e envia para os politicos? O senhor Jânio Quadros, o Kubstchek e o Dr. Adhemar de Barros? Agora falar para mim, que sou uma pobre lixeira. Não posso resolver nem as minhas dificuldades. ...O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome tambem é professora. Quem passa fome aprende a pensar no proximo, e nas crianças. (JESUS, 2001, p. 26)

Eu deixei o leito indisposta porque eu não dormi. O visinho é ademarista roxo e passou a noite com o radio ligado. ...Passei no Frigorifico para pegar ossos. Graças as eleições havia muito papel nas ruas. Os rádios estão transmitindo os resultados eleitoraes. As urnas favorece o senhor Carvalho Pinto. (JESUS, 2001, p. 110)

Marguerite que vivia na mesma época em que Carolina, viveu, no entanto, uma realidade social distinta, pois, da infância, na Indochina, com algumas dificuldades vivenciadas em família, da vida na França como estudante num dado período, depois militante contra o nazismo, fase que marcou sua vida, tornou-se, enfim, escritora. Dessas experiências de vida seus escritos emergem e são produzidos como obras literárias, ou seja, em livros, na sua maioria romances.

Sobre o contexto de sua produção, Marguerite escreve na obra *Escrever*:

Não encontramos a solidão, fazêmo-la. A solidão faz-se só. Eu fi-la. Porque decidi que era aqui que deveria estar só, que estaria só para escrever livros. Passou-se assim. Estive só nesta casa. Fechei-me aqui – também tive medo, evidentemente. E depois ameí-a. Esta casa tornou-se a da escrita. Os meus livros saem desta casa. Desta luz também, do parque. Desta luz reflectida no tanque. Precisei de vinte anos para escrever isto que acabo de dizer. (DURAS, 2001, p. 17).

Marguerite tem um lugar da escrita e para a escrita, lugar esse de isolamento e silêncio:

Há isso no livro: a solidão é, nele, a do mundo inteiro. Está em toda a parte. Invadiu tudo. Acredito sempre nesta invasão. Como toda a gente. A solidão é aquilo sem o qual nada se faz. Aquilo sem o qual nada mais se olha. É uma maneira de pensar, de raciocinar, mas apenas com o pensamento quotidiano. (DURAS, 2001, p. 33)

Carolina de Jesus, ao contrário de Marguerite, produzia seus escritos em folhas soltas, folhas encontradas dentre os materiais que ia recolhendo das ruas, e neles fica grafado o relato de como sua vida era precária. Diferentemente do silêncio que Marguerite relata na sua obra acima citada, Carolina em *Quarto de despejo*, conta do seu desassossego interior, do barulho e dos ruídos, e é em meio ao som da favela que ela dá ritmo e forma aos seus escritos.

Quando falo com uma criança lhe dirijo palavras agradáveis. O que aborrece-me é elas vir na minha porta para perturbar a minha escassa tranquilidade interior (...) Mesmo elas aborrecendo-me, eu escrevo. (JESUS, 2001, p. 13)

Sentei ao sol para escrever. A filha da Silvia, uma menina de seis anos, passava e dizia: - Está escrevendo negra fidida! (JESUS, 2001, p. 24)

Joana não tem lugar definido para criar seus escritos, textos esses que trazem diversos temas e que foram elaborados em situações várias. Joana escreve seus textos em casa, nos momentos em que fica sozinha, na sala de aula durante o momento em que acontecem discussões e atividades, ou em espaços abertos. Para ela, basta querer escrever sobre algo e assim o faz.

Eu pensei em escrever aquilo que eu estava sentindo, eu acho que as pessoas devem escrever aquilo que elas imaginam. (Joana, informação verbal – entrevista)

Eu gosto muito de ficar sozinha para escrever. Eu acho que um pouco de solidão para mim faz muito bem. (Joana, informação verbal – entrevista)

A *Rede* que eu acabei de fazer ontem, eu tinha começado ele aqui na escola. (Joana, informação verbal – entrevista)

Joana, Carolina e Marguerite, além da escrita, possuem como ponto comum a questão migração. Por algum motivo, num dado momento da vida dessas mulheres houve um deslocamento do lugar de origem para outro sempre em busca de algo diferente – estudo, trabalho, uma vida melhor...

O que esse deslocamento possibilita? O deslocar-se fisicamente também possibilita outros deslocamentos? Talvez olhar o passado de outra forma? (Re)criar o passado, a vida? Questionamentos esses vindos de um pensar que não pede resposta imediata, se é que haveria resposta para eles. No entanto, essas perguntas surgem, pois o olhar para o passado é um ponto comum na diversidade que é a produção dessas mulheres.

A partir dos contextos apresentados pode-se pensar que a escrita dessas mulheres, além de contar as suas vidas, traz a subjetividade de cada escritora e, também, a leitura que elas fazem do seu entorno.

Foucault (2006), ao dissertar sobre a escrita do *hupomnêmata*, que são livros ou cadernos de anotações, afirma que esses materiais de registros são mais que um “suporte de memória” para consultas periódicas, pois:

Eles não se destinam a substituir as eventuais falhas de memória. Constituem de preferência um material e um enquadre para exercícios a serem frequentemente executados: ler, reler, meditar, conversar consigo mesmo e com outros etc. (FOUCAULT, 2006, p. 148)

Bourdieu, no trecho a seguir, aponta para essas questões:

Tentar situar-se em pensamento no lugar que o pesquisado ocupa no espaço social para o *necessitar* a partir desse ponto e para *decidir-se* de alguma maneira por *ele* (no sentido em que Francis Ponge falava de *optar pelas coisas*), não é executar a “projeção de si em outrem” do qual falam os fenomenólogos. É dar-se uma *compreensão genérica e genética* do que ele é, fundada no domínio (teórico ou prático) das condições sociais das quais ele é o produto: domínio das condições de existência e dos mecanismos sociais cujos efeitos são exercidos sobre o conjunto da categoria da qual eles fazem parte (a dos estudantes, dos operários, dos magistrados, etc.) e domínio dos condicionamentos inseparavelmente psíquicos e sociais associados

à sua posição e à sua trajetória particulares no espaço social. (BOURDIEU, 1997, p. 699-700, grifo do autor)

Nesse sentido, é preciso compreender as escritas das alunas, não somente como práticas efetivas do escrever e ler, mas também entender a singularidade, o individual delas ao mesmo tempo em que se buscam as características mais gerais dessas existências, no contexto social e histórico no qual se inserem.

Temos dificuldades em afastar essa diferença da atenção favorecida pela ilusão do já visto e do já ouvido para entrar na singularidade da história de uma vida e tentar compreender ao mesmo tempo na sua unicidade e generalidades os dramas de uma existência. A semicompreensão imediata do olhar distraído e banalizante desencoraja o esforço que deve ser realizado para superar os lugares-comuns nos quais cada um de nós vive e diz de suas pequenas misérias como sendo seus grandes males. Aquilo que o “a gente” filosoficamente estigmatizado e literariamente desconsiderado, que nós todos somos tentados a dizer, com seus meios, desesperadamente “inautênticos”, é sem dúvida, para os “eu” que nós acreditamos ser, pela mais comum das reivindicações de singularidade, o que há de mais difícil para escutar. (BOURDIEU, 1997, p. 701)

Foucault (2006), aponta para a questão da escrita de si, como um “momento” em que aquele que escreve se expõe, dá a ver a si mesmo.

Escrever é, portanto, “se mostrar”, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro. (FOUCAULT, 2006, p. 156)

Dessa forma, nos contextos sociais escritos, as mulheres se mostram, se fazem ver para si mesmas e para outro.

Para Foucault (2006), o caderno de registros é uma forma de constituição de si, como mostra o trecho:

O movimento que eles procuram realizar é o inverso daquele: trata-se não de buscar o indizível, não de revelar o oculto, não de dizer o não-dito, mas de captar, pelo contrário, o já dito; reunir o que se pôde ouvir ou ler, e isso com uma finalidade que nada mais é que a constituição de si. (FOUCAULT, 2006, p. 149)

Segundo Bourdieu (1997), os participantes da pesquisa, quando entrevistados, fazem, no decorrer do processo das entrevistas, leituras de si mesmos, se explicam e se fazem compreender primeiro para eles próprios, no mundo que estão inseridos.

Na diversidade dos escritos e das leituras produzidas dos materiais, que são os materiais de análise desta pesquisa, estão as práticas da escrita que emergem de contextos sociais, culturais e históricos plurais.

5. ESCRITA DE MULHERES: ARCABOUÇO TEÓRICO E ANÁLISE

Este capítulo traz o arcabouço teórico, configurado tendo-se em mente um aprofundamento das questões referentes à prática da escrita de mulheres, prática essa realizada por mulheres que não completaram o processo de escolarização e de escritoras de obras publicadas que, de alguma forma, dialogam com tais práticas. Para isso, alguns eixos teóricos foram delineados a partir do estudo dos referenciais e dos livros de literatura. Os eixos são: práticas da escrita, escrita de mulheres e escrita de si.

5.1 Práticas da escrita

As *Práticas de escrita*, como eixo teórico, foram analisadas no presente trabalho a partir da idéia sobre o que significa o ato de escrever e o que move / leva as mulheres a escrever. Com esta análise pretende-se fazer uma aproximação do objetivo segundo da pesquisa.

A prática da escrita, enquanto uma prática cultural está embasada nos estudos de autores da História Cultural como Roger Chartier e Michel De Certeau, os quais entendem a escrita e a leitura enquanto práticas que são culturais, históricas e cotidianas. Assim, “A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 16).

Dessa forma, a prática da escrita é uma prática cultural histórica que carrega marca de quem escreve; é uma forma de registro que permite ao escritor / escritora apresentar-se diante das folhas em branco. E, para que aconteça esse processo da escrita, acreditamos existir um movimento exterior - interior - exterior que gera tal “necessidade” de escrever, movimento esse que tentaremos desvelar pela / na escrita das mulheres alunas de EJA participantes da pesquisa.

Mas, como falar de escrita sem antes falar da leitura?

Roger Chartier (1991), a partir de um estudo sobre as assinaturas de documentos notariais, judiciais, fiscais e de paróquias entre os séculos XVI e XVIII,

que indiciavam o contato com a escrita em determinadas sociedades, apontou que, na Europa, as assinaturas de homens eram em maior número que as de mulheres indicando que estas não participavam do aprendizado da escrita, na mesma proporção que os homens o faziam. Entretanto, isso não indica que as mulheres não fossem leitoras, como coloca o autor:

Na Europa, as porcentagens de assinaturas mostram uma série de diferenças. A primeira, entre homens e mulheres. Por toda parte, os homens sempre assinam mais que as mulheres e muitas vezes com uma vantagem que pode chegar a 25% ou 30%. Se esta diferença atesta claramente que as mulheres participam menos do mundo da escrita, não devemos porém tomá-la como a medida exata de uma desigual capacidade de leitura. De fato, nas sociedades antigas a educação das meninas inclui a aprendizagem da leitura, mas não a da escrita, inútil e perigosa para o sexo feminino. Mais ainda que para os homens, as taxas de assinaturas de mulheres não podem indicar, portanto, a porcentagem de “leitoras” do Antigo Regime, pois muitas nunca aprenderam a escrever – e isso não se restringe aos meios populares. (CHARTIER, 1991, p. 117).

O aprendizado da leitura permite à pessoa, seja homem ou mulher, a realização de práticas individuais. Assim, a leitura que normalmente era feita em voz alta por quem melhor sabia ler nos espaços da casa para a família, da igreja, entre outros, poderia passar a ser uma prática também individual aos que dominassem a leitura.

A leitura atua, portanto, nos diversos níveis da privatização assinalados por Philippe Áries. É uma das práticas constitutivas da intimidade individual, remetendo o leitor a si mesmo, a seus pensamentos ou a suas emoções, na solidão e no recolhimento. Mas também está no centro da vida dos “grupos de convivialidade” que por opção ou por acaso, em caráter duradouro ou por algum tempo, permitem “evitar o tédio da solidão e o peso da multidão”. No século XVIII, são abundantes as representações dessas sociedades unidas pelo livro lido em voz alta. (CHARTIER, 1991, p. 150).

A prática da leitura em voz alta para grupos de pessoas era uma prática comum em diferentes situações e lugares como nas ruas, no trabalho, com a família e mesmo com amigos.

Sendo assim, as práticas podem ser muitas, realizadas todos os dias pelas pessoas, em diversos espaços como aponta Chartier:

As práticas são inumeráveis. Cada um de nós realiza em um dia de vida profissional ou privada milhares de práticas cotidianas, ordinárias. É impossível recolher ou dar uma representação adequada a essas práticas múltiplas porque há uma situação muito difícil para a análise. Para uma história da leitura, por exemplo, é necessário organizar modelos de leitura que correspondam a uma dada configuração histórica em uma comunidade particular de interpretação. Não se consegue reconstruir a leitura, mas descrever as condições compartilhadas que a definem, e a partir das quais o leitor pode produzir a criação de sentido sempre presente em cada leitura (CHARTIER, 2001, p. 32-33).

No Brasil, no que se refere à leitura feminina, pode-se citar, entre outros, os estudos de Moraes (1996) e Cunha (1995). A realização dessas pesquisas é considerada muito significativa para o estudo das práticas da leitura entre mulheres, abarcando dois diferentes períodos: segunda metade do século XIX e as décadas de 1940 a 1960.

Tais pesquisas contribuem para a reconstituição de uma história que, geralmente, não é escrita pelos historiadores – remete à história, dos sujeitos “comuns”, e busca de forma minuciosa os indícios das práticas femininas. Sendo assim, as pesquisas serão comentadas de forma breve.

A tese intitulada *Leituras femininas no século XIX (1850-1900)* de Maria Arisnete Câmara de Moraes (1996) reconstrói as práticas da leitura feminina na segunda metade do século XIX, na cidade do Rio de Janeiro, através de textos literários de autores como Machado de Assis, José de Alencar, Adolfo Caminha, Aluísio de Azevedo e Bernardo Guimarães. Moraes pesquisou e encontrou jornais que eram produzidos tendo como público alvo as mulheres e, desses, alguns apresentavam textos escritos por mulheres; e buscou compreender como era a relação dessas leitoras com os materiais impressos naquele período.

Sendo assim, tendo a pesquisa efetivada, Moraes (1996) percebeu que as leitoras e escritoras desse período não estavam mais satisfeitas com as leituras sobre moda e bordados; elas queriam os livros de romances que vinham de Paris. Mas, nem todas as obras eram indicadas para as mulheres, algumas eram mesmo proibidas; no entanto, a pesquisa mostrou que a prática da leitura dessas obras proibidas acontecia nos espaços privados, como mostra o trecho a seguir.

As táticas das leitoras do século XIX evidenciavam maneiras diferentes de convivência com os códigos de moral estabelecidos no

século XIX: não apenas escreviam, mas também liam romances proibidos.

Mesmo assim, as tensões nos seus caminhos de leitoras-escritoras continuavam. Escrever era sinônimo de tensão e segredo guardado a sete chaves, no seu espaço privado, como prova o depoimento da escritora Júlia Lopes de Almeida ao falar das suas incursões no mundo da escrita; o quarto, a secretária, a alvura do papel e a chave representavam os símbolos dessa privacidade. (MORAIS, 1996, p. 159 -160)

O outro estudo a ser citado, intitulado *Educação e Sedução. Normas, condutas, valores nos romances de M. Delly*, de Maria Teresa Santos Cunha (1995), trata das leitoras dos romances de M. Delly entre 1940 - 1960 no Brasil. M. Delly é o pseudônimo para os irmãos Frédéric Henri Petitjean de La Rosière e Jeanne-Marie Henriette Petitjean de La Rosière escritores de romances ambientados na França, com histórias de final feliz e apresentação de mulheres e homens, de forma que esses representem um padrão a ser seguido, nos aspectos das normas, condutas e valores.

Tais obras foram publicadas no Brasil, como parte de uma coleção chamada Coleção Biblioteca das Moças, e tornou-se bastante popular entre 1930 - 1960 entre as jovens de classe média e professoras normalistas sendo indicada, inclusive, como literatura de formação. Nesse estudo, foram analisadas trinta obras / romances e entrevistadas seis mulheres que foram leitoras de tais obras. Segundo Cunha (1995, p. 44):

O final feliz das estórias de M. Delly parece ter sido um dos atrativos que as leitoras encontravam nesses romances. A maior parte delas confessou buscar refúgio no sonho do amor romântico onde se poderia ser feliz para sempre, como as heroínas de M. Delly.

Sendo assim, a pesquisa de Cunha (1995) analisa esses romances como uma forma de educar e seduzir as moças por meio da leitura. Portanto, tais textos, relatam, dão a ler um tipo de educação feminina.

Em continuidade à leitura, questiona-se sobre as alunas de EJA: que tipo de leitura é feita e / ou esperada pelas alunas participantes da pesquisa? Como repensar a questão da relação entre leitura e escrita com a aluna que queima os seus cadernos no final do ano?

Assim como a leitura, a escrita enquanto uma prática, nesse estudo, configura um contexto em que tentaremos buscar sentidos e a compreensão desses modos, a partir das falas de sujeitos “comuns” que as produzem.

A escrita é entendida, enquanto processo, na totalidade de sua relação entre locutor / autor - palavra (falada / escrita: ponte) – ouvinte / leitor. Entre os sujeitos em classes de adultos, pouco escolarizados, não é possível, de fato, afirmar a utilização da escrita como veículo de comunicação incorporado à vida cotidiana; no entanto, alguns desses sujeitos escrevem, tendo pouco ou, por vezes, até mesmo precário conhecimento da língua escrita.

Entende-se a constituição desses campos – leitura e escrita – no entrelaçamento posto pelas práticas efetivas do ler e do escrever. Práticas efetivas que estão presentes na vida cotidiana dos sujeitos / alunos (jovens, adultos, homens e mulheres) tomando formas e modos diversos. Enquanto práticas efetivas, nelas podem ser buscados modos de ler e / ou escrever que podem configurar outras histórias de leitura e de escrita.

Para pensar essas práticas de pessoas “populares”, “comuns”, recorre-se a Michel De Certeau, que diz:

(...) das práticas só se há de reter os móveis (instrumentos e produtos que se colocam na vitrine) ou esquemas descritivos (comportamentos quantificáveis, estereótipos de encenações, estruturas rituais), deixando de lado o inarraiável de uma sociedade: modos de usar, as coisas ou as palavras segundo as ocasiões. Algo de essencial se joga nessa *historicidade* cotidiana, indissociável da *Existência* dos sujeitos que são os atores e autores de operações conjunturais (CERTEAU, 1994, p. 82, grifo do autor).

E Certeau continua a descrever essas práticas,

“Torneios” (ou “tropos”) inscrevem na língua ordinária as astúcias, os deslocamentos, elipses etc. que a razão científica eliminou dos discursos operatórios para constituir sentidos “próprios”. Mas nessas zonas “literárias” para onde são recalcados (...), continua a prática dessas astúcias, memória de uma cultura. Esses torneios caracterizam uma arte de dizer popular. Tão viva, tão perspicaz (...) numa maneira de dizer uma maneira de tratar a linguagem. (CERTEAU, 1994, p. 85)

E como localizar e identificar tais práticas? Por onde começar? Quantos de nós se dedicaram a escrever, em folhas soltas, o que sentiam e o que pensavam como forma de expressar o que não era dito?

Assim como há tantos depoimentos de adolescentes que escrevem, cheios de anseios e com uma vida toda a ser descoberta e desbravada, há um pensamento que, enquanto persiste, faz a imaginação passear e, neste momento, escreve. São poesias escritas no “calor” dos instantes de imaginação, de angústia, de vida, sobretudo. Tal escrita, quase sempre movida por algum sentimento, bom ou ruim, de alegria, incômodo, tristeza, ou raiva enfim, é algo que gera deslocamentos, física e/ou mentalmente, para registrar, em folhas soltas, palavras que, uma a uma, compõem um texto, uma poesia. Essa composição de palavras pode não fazer sentido, à primeira vista, a algum leitor menos avisado, porém, para aquele / aquela que escreve, estará, certamente, carregada de sentido.

Ao longo do tempo e da história, quantas obras escritas por mulheres podem ser encontradas? Várias delas foram publicadas. No entanto, quantas não o foram é um número desconhecido. São obras que descrevem tanto o seu sentimento como a sua condição de mulher. Algumas trazem marcas de naturezas diversas, que podem ser atribuídas, por exemplo, à inferioridade histórica que o gênero carrega, tema que, entre tantos outros, essas mulheres, escritoras deixam registrados.

A história nos conta que as mulheres tiveram acesso à escrita tardiamente, posteriormente aos homens, e seus escritos ficavam restritos à vida íntima, na forma de diários e cartas, escritos pessoais. Mas, devido seu ao conteúdo particular, muitas mulheres destruíam esse rico material, como forma de manter em segredo suas vidas e, assim, as memórias e as histórias se perderam para sempre. Para Perrot (2007) essa é uma forma de destruição da memória feminina.

Ocorre igualmente uma autodestruição da memória feminina. Convencidas de sua insignificância, estendendo à sua vida passada o sentimento de pudor que lhes havia sido inculcado, muitas mulheres, no acaso de sua existência, destruíam – ou destroem – seus papéis pessoais (PERROT, 2007, p. 22).

Além dos registros íntimos que eram destruídos por quem os produzia, nos registros históricos as mulheres também não apareciam como sujeitos da história de um lugar, de um povo. A História escrita por homens coloca-os no centro dos

acontecimentos e as mulheres, quando aparecem, são apenas como figurantes, sem voz e sem presença marcante.

Por isso, “Escrever a história das mulheres é sair do silêncio em que elas estavam confinadas. Mas por que esse silêncio? Ou antes: será que as mulheres têm uma história?” (PERROT, 2007, p. 16)

O questionamento foi colocado por Michele Perrot (2007) no início da obra *Minha história das mulheres*. A autora, nessa obra, aponta o fato de que as mulheres não faziam parte da história escrita por historiadores; eram eles, os homens, que produziam os relatos sobre os fatos. Joan Scott (1992) dialoga com essa idéia e aponta sobre a relevância de as mulheres se fazerem presentes nos relatos e de haver um questionamento das definições de história que foram postas como verdadeiras.

Nesse sentido, Perrot (2007) define história:

A história é o que acontece, a seqüência dos fatos, das mudanças, das revoluções, das acumulações que tecem o devir das sociedades. Mas é também o *relato* que se faz de tudo isso. As mulheres ficaram muito tempo fora desse relato, como se, destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do tempo, ou pelo menos, fora do acontecimento. (PERROT, 2007, p. 16).

Mas, para escrever a história das mulheres são necessárias alterações na história já escrita pelos homens, de forma que elas, mulheres, passem de figurantes sem voz a protagonistas efetivas de acontecimentos nos quais estiveram presentes. Segundo Scott (1992, p. 76), “As mulheres estão ao mesmo tempo adicionadas à história e provocam sua reescrita; elas proporcionam algo extra e são necessárias à complementação, são supérfluas e indispensáveis.”

Para Scott (1992), a história sem o relato sobre / das mulheres é um relato incompleto e que os historiados possuem, por isso, um conhecimento parcial do passado, não podendo afirmar que, o que relatam, é de fato toda a história. Segundo a autora:

(...) as mulheres não podem ser adicionadas sem uma remodelação fundamental dos termos, padrões e suposições daquilo que passou para a história objetiva, neutra e universal no passado, porque essa visão da história incluía em sua própria definição de si mesma a exclusão das mulheres. (SCOTT, 1992, p. 90)

A história das mulheres surgiu, enquanto um campo de estudo, na década de 1960 na Grã-Bretanha e Estados Unidos e, em 70 na França. Isso aconteceu devido a fatores científicos, sociológicos e políticos. Na ciência, nesse mesmo período, a Antropologia se une à História para estudar as questões da família e, nesse processo apareceu “a dimensão sexuada dos comportamentos” (PERROT, 2007, p.19) que apontava para a mulher enquanto sujeito. Desse campo, aparecem estudos de muita relevância produzidos por pesquisadores como Georges Duby e, a partir disso, é possível perceber alterações nas formas de escrever a história. Também nos anos 70, é considerável o número de mulheres que entram em universidades, numa proporção de um terço das matrículas e, na sequência, chegaram a conseguir, sua inserção como docentes. Como fator político, aponta-se o movimento de liberação das mulheres que, em prazo maior, teve como objetivo criticar os saberes constituídos que eram predominantemente masculinos. Sobre isso, coloca Scott:

Na verdade, poderia ser dito que a história das mulheres atingiu uma certa legitimidade como um empreendimento histórico, quando afirmou a natureza e a experiência separadas das mulheres, e assim consolidou a identidade coletiva das mulheres. Isso teve o duplo efeito de assegurar um local para a história das mulheres na disciplina e afirmando sua diferença na “história”. (SCOTT, 1992, p. 84).

E, ainda citando Scott, a autora indica, neste trecho a seguir, como se desenvolveu esse campo:

A história das mulheres passou menos tempo documentando a vitimização das mulheres e mais tempo afirmando a distinção da “cultura das mulheres”, criando assim uma tradição histórica a que as feministas poderiam apelar, como exemplos de atividade das mulheres, para provar sua capacidade de fazer história. (SCOTT, 1992, p. 83).

Na obra *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*, Michelle Perrot nos mostra que o poder exercido pelo homem parece estar em todas as esferas da sociedade. Diz a autora que “o poder político é apanágio dos homens – e dos homens viris. Ademais, a ordem patriarcal deve reinar em tudo: na família e no Estado. É a lei do equilíbrio histórico”. (PERROT, 2001, p.175).

No século XIX, a mulher e o homem tinham, na sociedade, papéis muito bem definidos e distintos. Ao homem cabia o trabalho, braçal ou burocrático, mas na esfera social e política era ele quem tomava as decisões, liderava. À mulher, cabia cuidar da família, do lar e, quando fora de casa, fazia trabalhos considerados não qualificados e, por isso, mal remunerados.

Lugar das mulheres: a Maternidade e a Casa cercam-na por inteiro. A participação feminina no trabalho assalariado é temporária, cadenciada pelas necessidades da família, a qual comanda, remunerada com um salário de trocados, confinada às tarefas ditas não-qualificadas, subordinadas e tecnologicamente específicas. (PERROT, 2001, p. 186).

Assim como o lugar posto para a mulher nessa sociedade do século XIX é pré-determinado, alguns “produtos” são elaborados exclusivamente para o público feminino configurando dessa forma, a sua exclusão, segundo Perrot (2001).

Ora, a exclusão feminina é ainda mais forte. Quantitativamente escasso, o texto feminino é estritamente especificado: livros de cozinha, manuais de pedagogia, contos recreativos ou morais constituem a maioria. (PERROT, 2001, p.186).

Tem-se em mente que essa mulher ideal, que segue um manual de bons costumes e comportamento, é uma criação burguesa que acabou por transformá-la em uma prisioneira dentro do seu próprio mundo.

“A mulher como deve ser” descrita por Balzac, possui uma postura afetada e um itinerário preestabelecido. Ela cobre seu corpo segundo um código estrito que a cinge, espartilha-a, vela-a, enluva-a da cabeça aos pés. (PERROT, 2001, p. 200).

No entanto, a mulher considerada “popular”, não se rende às convenções sociais, consegue viver permitindo-se mais e maiores experiências. A mulher do povo tem maior independência nos gestos. Seu corpo se mantém livre, sem espartilho – livre da criação burguesa que a transformou em prisioneira do “seu próprio mundo”; suas saias largas prestam-se à fraude. É uma mulher explosiva, cujas reações são temidas pelas autoridades. Perrot (2001) refere-se às donas de casa, no espaço da cidade, em Paris, no século XIX.

Na obra *O segundo sexo fatos e mitos*, também é retratado o espaço ocupado pelas mulheres, em algumas sociedades, sempre inferior ao do homem. Nas

sociedades patriarcais, o “macho” era o soberano, privilegiado biologicamente por ter um corpo “forte”, sendo ele quem protegia e liderava o seu povo. “Condenada a desempenhar o papel do Outro, a mulher estava também condenada a possuir apenas uma força precária; escrava ou ídolo, nunca é ela que escolhe seu destino” (BEAUVOIR, 1960, p. 97).

O fato de a história ser escrita por historiadores, portanto, homens, considerando a impossibilidade de a mulher exercer esse papel, dadas as suas condições, confirma esse poder.

O ‘ofício do historiador’ é um ofício de homens que escrevem a história no masculino. Econômica, a história ignora a mulher improdutiva. Social, ela privilegia as classes e negligencia os sexos. Cultural ou ‘mental’, ela fala do Homem em geral, tão assexuado quanto a Humanidade. Célebres – piedosas ou escandalosas – as mulheres alimentam as crônicas da ‘pequena’ história, meras coadjuvantes da História! (PERROT, 2001, p. 185).

Na obra *Quarto de despejo*, Carolina percebe e relata a presença somente de homens nos livros de História:

Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia a História do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só lia os nomes masculinos como defensor da pátria. Então eu dizia para a minha mãe: - Porque a senhora não faz eu virar homem? Ela dizia: - Se você passar por debaixo do arco-íris você vira homem. Quando o arco-íris surgia eu ia correndo na sua direção. Mas o arco-íris estava sempre distanciando. Igual os políticos distante do povo. Eu cançava e sentava. Depois começava a chorar. Mas o povo não deve cançar. Não deve chorar. Deve lutar para melhorar o Brasil para os nossos filhos não sofrer o que estamos sofrendo. Eu voltava e dizia para a mamãe: - O arco-íris foge de mim. (JESUS, 2001, p. 48).

Escrever a história das mulheres não é somente resgatar fatos; é também uma mudança do lugar do qual se olha para a História, e de como se olha para ela, constituindo-se, portanto, a possibilidade de um enfrentamento ou posicionamento político.

Muitos daqueles que escrevem a história das mulheres consideram-se envolvidos em um esforço altamente político, para desafiar a autoridade dominante na profissão e na universidade e para mudar o modo como a história é escrita (SCOTT, 1992, p. 66).

Onde encontrar registros de / sobre as mulheres na História? E a escrita íntima de mulheres, como é mostrada essa prática na História?

Algumas pesquisas com o intuito de encontrar esses registros buscam em arquivos públicos e privados fontes que possam dizer das mulheres em épocas passadas. Assim, todo tipo de arquivo se torna material de estudo como arquivos policiais, judiciários, entre outros. Sobre isso, Perrot (2007), cita um estudo sobre a participação das mulheres em motins por alimentos, no período entre o final do século XVII até a Revolução Francesa.

Ele mostra o papel das mulheres, “rainhas das ruas”, “sempre as mais ardentes”, guardiãs do “preço justo” dos grãos nesses confrontos. E isso esclarece o papel público das mulheres, muito mais importante sob o Antigo Regime do que no século XIX, quando a regularização do abastecimento e a taxação do preço do pão eliminaram progressivamente esse tipo de rebelião. (PERROT, 2007, p. 26).

Os arquivos privados podem ser uma fonte cara sobre as mulheres, porém, muitas vezes esse material se perde, pois os arquivos públicos dificilmente recebem arquivos de pessoas sem notoriedade. Embora não tão comuns como os arquivos públicos, há espaços que foram criados para abrigar esse tipo de material, dos quais são conhecidos dois exemplos: o Instituto Memórias da Edição Contemporânea e a Associação para a Autobiografia e o Patrimônio de Autobiógrafos. Segundo Perrot (2007, p. 28), essa Associação “guarda atualmente mais de dois mil documentos. Desses, quase a metade é produto das mulheres. Abarcam os três grandes tipos de literatura pessoal: autobiografia, diário íntimo, correspondência.”.

Sobre os registros íntimos femininos nos arquivos, Perrot (2007) aponta:

De maneira geral, a presença de mulheres nesses arquivos se dá em função do uso que fazem da escrita: é uma escrita privada, e mesmo íntima, ligada à família, praticada à noite, no silêncio do quarto, para responder às cartas recebidas, manter um diário e, mais excepcionalmente, contar sua vida. Correspondência, diário íntimo, autobiografia não são gêneros especificamente femininos, mas se tornaram mais adequados às mulheres justamente por seu caráter privado. (PERROT, 2007, p. 28).

O diário íntimo, prática conhecida e efetivada entre as mulheres até hoje, principalmente pelas adolescentes, era uma atividade indicada pela igreja.

A escrita do diário era um exercício recomendado, principalmente pela Igreja, que o considerava um instrumento de direção de consciência e de controle pessoal. O mesmo ocorria com os protestantes. As educadoras laicas, entretanto, eram reticentes quanto a essa prática que impunha uma excessiva introspecção. (PERROT, 2007, p. 29).

E hoje, como será a prática da escrita de diários entre mulheres adultas? Se eram antes considerados um instrumento de consciência, como são entendidos nesse momento pelas pessoas que fazem uso dessa prática?

Os escritos íntimos, de todos os tipos cartas, diários, poesias, produzidos por mulheres, são materiais de grande riqueza para estudos, pois é por meio deles que seus sujeitos se fazem ouvir.

Esses diversos tipos de escritos são infinitamente preciosos porque autorizam a afirmação de um “eu”. É graças a eles que se ouve o “eu”, a voz das mulheres. Voz em tom menor, mas de mulheres cultas, ou pelo menos, que tem acesso à escrita. E cujos papéis, além do mais, foram conservados. São condições difíceis de ser cumpridas. (PERROT, 2007, p. 30)

Entretanto, não são somente as mulheres cultas que se fazem ouvir pela escrita. Quando Perrot coloca a voz das mulheres cultas ou pelo menos das que têm acesso à escrita, será que esse acesso é relacionado a pessoas que completaram os níveis básicos de escolarização como Marguerite? E quando encontramos mulheres que tiveram acesso à escolarização durante alguns poucos anos e escrevem? E, quando estas conseguem publicar seus escritos, como é o caso da Carolina de Jesus? Que aspectos sobre a necessidade da prática da escrita podem ser encontrados entre elas?

Perrot (2007), afirma que há poucas autobiografias de mulheres, pois estas consideram que suas vidas não possuem tanta importância, e que essa atitude de escrever algo para contar a própria trajetória não é uma atitude comum entre as mulheres.

Outros questionamentos remetem às alunas escritoras encontradas na pesquisa. Será que podemos pensar nesses escritos como autobiográficos? E quando o escrito é queimado, ou jogado fora, e não é lido por terceiros, o fato anularia o sentido da prática de escrita para essas mulheres?

Para a aluna Joana, a escrita possui um peso valorativo, é algo fundamental em sua vida, como ela mesma relatou diversas vezes nas entrevistas. E isso se torna evidente num relato sobre fatos dos “casamentos” que vivenciou. Joana contou que em um dos relacionamentos vividos, o seu companheiro a proibiu de ir à escola, de trabalhar, de ler e escrever. Ela tinha que permanecer em casa cuidando do filho e dos afazeres domésticos.

Entretanto, nem mesmo nesse momento Joana deixou de ler e escrever; ela encontrou maneiras de fazê-lo às escondidas, sem que o companheiro percebesse. De ambos os companheiros que teve, o que Joana encontrou foi a incompreensão à sua vontade de retomar os estudos e à sua escrita.

Joana encontra na leitura e, principalmente, na escrita seu refúgio e, apesar das dificuldades encontradas, nunca deixou de criar seus textos.

Sobre minha vida e sobre essa escrita é assim, às vezes você passa por um período ruim na sua vida que faz você escrever ou um período bom. (Joana, informação verbal – entrevista)

Esse trecho, do texto intitulado *Importa que eu ame*, é expressão do papel que atribui à escrita para expressar sentimentos, apesar das limitações nos conhecimentos.

Amor, que faz com que grandes escritores busquem metáforas, atravessem os oceanos, vá à lua, viajem nas estrelas, ultrapassem todas as regras da linha da imaginação. Naveguem em mar de pensamentos, (busquem) peguem carona com vidas passadas, busquem dentro das histórias bem resolvidas, ou nos maiores conflitos de dor, eu não sei, só sei que é amor. Não importa se sou anônima, sem grandes expressões lingüísticas, sem menor experiência científica, sem diploma, sem nenhum histórico de família importante, não sei, importa que eu ame. (Joana, *Importa que eu ame*)

Joana escreve textos pequenos, curtos, como poesias, romances, textos em prosa que revelam pensamentos. Para ela, todos os seus escritos têm uma razão especial, como conta:

Essa também é recente, eu escrevi dia vinte e nove de dezembro, logo após o Natal, também teve um motivo especial,

bom tudo o que eu escrevo tem um motivo especial, ou eu vejo a história de alguém ou acontece algum fato, e ao invés de eu entristecer com aquele fato, eu prefiro transformar ele em felicidade, alegria, poesia... (Joana, informação verbal – entrevista)

A aluna Joana se dedica à prática da escrita nos intervalos da sua rotina diária, que acontece geralmente à noite em sua casa. Entretanto, revelou em uma entrevista que gostaria de se dedicar somente aos seus escritos.

(...) gostaria de estar vivendo num mundo que (...) pudesse ter tempo só para dedicar à escrita. (Joana, informação verbal - entrevista)

Esses textos, criados por Joana, dizem de pessoas que ela conhece, outras que não, mas que tomou contato com essas de alguma forma, mesmo que distante, dizem também de situações de vida, e de sentimentos. Dessa forma, quando Joana escreve sobre outras pessoas ou situações, as histórias e as pessoas se misturam às suas histórias, aos seus sentimentos...

Passo pelas mãos de muita gente
Que me dão valor a todo tempo
Pois sou para elas o sustento
Faço de olhares tristes esperança
Na diversidade das minhas cores
Enquanto elas me tecem
Eu as faço esquecer das dores.
(Joana, A Rede)

A escrita de Joana é uma prática cultural que ultrapassa o ato mecânico de escrever, é mais que exercício de pensamento: a escrita, para ela, tem um sentido de existência. Para Certeau (1994), escrever é:

(...) a atividade concreta que consiste, sobre um espaço próprio, a página, em construir um texto que tem poder sobre a exterioridade. (CERTEAU, 1994, p. 225)

Para Foucault (2006):

(...) o papel da escrita é constituir, com tudo o que a leitura constitui, um "corpo". E é preciso compreender esse corpo não como um corpo de doutrina, mas sim (...) como o próprio corpo daquele que, transcrevendo suas leituras, delas se apropriou e fez sua a verdade delas: a escrita transforma a coisa vista ou ouvida "em forças e em sangue". (FOUCAULT, 2006, p. 152)

A obra *A Dor*, de Marguerite Duras, foi escrita como um diário no período da prisão de seu companheiro na Segunda Guerra Mundial. Não foi um escrito para publicação, pois ela nem se recordava da existência de tal diário e comenta o seu reencontro com o texto e o momento de produção dessa escrita:

A dor é uma das coisas mais importantes de minha vida. A palavra "escrito" não seria adequada. Encontrei-me diante de páginas metodicamente preenchidas com uma letra extraordinariamente regular e calma. Encontrei-me diante de uma fenomenal desordem do pensamento e do sentimento, que não ousei tocar. (DURAS, 1985, p. 08, grifo do autor)

Na obra *Escrever*, Duras comenta sobre a sua escrita:

A escrita torna-nos selvagens. Regressamos a uma selvajaria de antes da vida. E reconhecêmo-la sempre, é a das florestas, tão velha como o tempo. A do medo de tudo, distinta e inseparável da própria vida. Ficamos obstinados. Não podemos escrever sem a força do corpo. É preciso sermos mais fortes que nós para abordar a escrita, é preciso ser-se mais forte do que aquilo que se escreve. É uma coisa estranha, sim. Não é apenas a escrita, o escrito, são os gritos dos animais da noite, os de todos, os vossos e os meus, os dos cães. (DURAS, 2001, p. 24)

Em um momento de sua vida, quando não consegue a publicação de uma obra, ameaça suicídio, como comenta Lebelley (1994, p. 101): "Para ela o livro e a morte já estão estreitamente ligados. Se o livro não existir, tampouco ela existirá".

Se para Marguerite o livro e a morte estão ligados, então a escrita para ela é, na verdade, a vida?

Carolina pode ser considerada uma mulher não escolarizada, pois frequentou a escola por um curto período; no entanto, com a sua escrita, em sua obra, nos aponta indícios para pensar as práticas de escrita de mulheres de escolarização incompleta.

Aqui, todas imprecam comigo. Dizem que falo muito bem. Que sei atrair os homens. (...) Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo. (JESUS, 2001, p. 19)

A prática de escrita de Carolina de Jesus revelada na obra *Quarto de despejo* aproxima-se, em certa medida, da prática de Joana, aluna da EJA, escrita essa alimentada pela / na vida dessas mulheres.

Eu hoje estou triste. Estou nervosa. Não sei se choro ou saio correndo sem parar até cair inconsciente. É que hoje amanheceu chovendo. E eu não saí para arranjar dinheiro. Passei o dia escrevendo. (JESUS, 2001, p. 37).

Nesse parágrafo, Carolina define o ato de escrever como o seu ideal:

O senhor Manuel apareceu dizendo que quer casar-se comigo. Mas eu não quero porque já estou na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lápis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para meu ideal. (JESUS, 2001, p.44)

A obra *Quarto de despejo* nos relata a condição precária da vida na favela e a condição de mulher da Carolina e de outras mulheres que moram ou não na favela, mas que a autora observa e retrata em sua obra.

Em seu diário, Carolina, registra sobre o momento em que escreve:

Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que residio num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes são brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. (...) As horas que sou feliz é quando estou residindo nos castelos imaginários. (JESUS, 2001, p. 52)

Assim como Carolina, a aluna Sabrina relata na entrevista o momento em que realiza a sua prática de escrita:

Às vezes 4 horas da manhã eu estava escrevendo, 3 horas da manhã, 7 horas, 10 horas, não tinha horário, não tinha um momento específico ou estado emocional específico para mim estar escrevendo, era uma hora que eu precisava conversar

com alguém e ali era um refúgio. (Sabrina, informação verbal – entrevista)

Sabrina é uma mulher de 43 anos que escreveu sobre sua vida durante anos em cadernos, como se fosse um diário. E, além desses cadernos, ela escreveu diversas poesias. Na entrevista, ela diz o que a levava a escrever esses cadernos:

Solidão. Eu sempre fui muita sozinha. Desde essa época escrever para mim foi muito importante, eu descobri que eu tinha alguma forma de soltar para fora o que eu precisava, porque eu não tinha confiança, eu não tinha uma amiga que eu pudesse sentar e conversar ou alguém adulto que eu pudesse sentar e conversar. (Sabrina, informação verbal – entrevista)

E, conta como se sentia em relação aos cadernos:

No passado, era tudo, eu acho que era como se eu tivesse pegado minha alma e colocado dentro de uma caixinha, e aquilo ali eu tinha que guardar, segurar, se eu não tivesse aquilo comigo..., eu não sentia eu, mas eu tinha o caderno, eu tinha aquilo ali escrito, tinha eu ali. Era mais do que um irmão, era mais do que um amigo, era como se fosse uma metade minha, ali, vinte e quatro horas, quando eu quisesse, eu tinha para onde correr. (Sabrina, informação verbal – entrevista)

A aluna Sabrina deixou de escrever recentemente e, quando é perguntado à ela sobre isso, diz:

Porque hoje eu falo, eu não tenho mais que guardar segredo, eu não tenho mais medo de falar o que eu penso, se a pessoa vai achar bobo... sabe? E quando eu escrevia era diferente, eu me escondia, (...) hoje em dia eu não tenho mais medo de falar você me magoou, você me ofendeu, eu não gostei, eu estou triste, eu acho que por isso eu não tenho mais essa necessidade de sentar e ficar escrevendo, eu não me sinto mais sozinha também. (Sabrina, informação verbal – entrevista, grifo nosso)

Em algum momento das entrevistas realizadas com Sabrina, ela comenta sobre a vontade em escrever um livro de sua vida, mas afirma que não faria isso – escrever – ela contaria a sua história para outra pessoa escrever e quando é perguntado o motivo de se negar à prática, diz:

Se fosse para mim sentar e escrever eu escreveria sobre minha vida, mas acho que eu não tenho mais paciência de pegar um caderno e ficar ali sozinha relembrando coisas, se fosse para mim contar e sentar e outra pessoa escrever eu teria mais ânimo. E por eu ter esse negócio de melancolia eu acho que é medo também, de eu querer, eu às vezes paro para pensar o que passou, quando eu começo a relembrar uma coisinha eu já fujo, não, não quero lembrar, isso vai doer, e para que lembrar, já passou isso é página virada, então se eu sentar para escrever eu sempre acabo colocando alguma coisa do sentimento lá no fundo que não vai ser legal, e eu não quero isso mais.

Não, eu posso falar e contar, mas não é a mesma coisa, por isso que a escrita é muito mais forte, a palavra fica, porque depois você pode reler, a escrita fica, é diferente. (Sabrina, informação verbal – entrevista)

Apesar de não escrever mais, Sabrina guarda com muito cuidado os seus cadernos e as suas poesias. Ao contrário dela, a aluna Mabília que escreve aproximadamente há sete anos, aquela que quando preenche um caderno com seus escritos entrega-os ao fogo, conta:

Se eu escrever e meu marido ver, ele não vai gostar, por isso que eu queimo. Faz uns 7 anos que eu tive uma depressão forte e eu precisava botar para fora toda a minha mágoa, todo o meu sentimento, faz uns 7, 8 anos que eu comecei a escrever. (Mabília, informação verbal – entrevista)

Na entrevista, a aluna Mabília fala sobre a sua escrita como:

Uma paz tão grande, é como se... imagina você num lugar bem bonito, bem aconchegante, onde não tem ninguém te ouvindo, onde não tem ninguém te olhando, só aquele verde, aquele barulho da água, passarinho que canta, eu só escuto isso. É como se eu tivesse num lugar muito chique, muito cheio de paz e quando eu acabo de escrever eu não tenho mágoa, não tenho dor, é impressionante. Me aliviei, é como se eu esvaziasse, é como se eu respirasse bem fundo e soltasse aquele ar e não existisse mais, é mais paz que eu não acho em lugar nenhum e é só quando eu estou escrevendo. A dor que eu tenho na mão por excesso de trabalho desaparece, descansa o meu braço, tão inexplicável que não dá para... (Mabília, informação verbal – entrevista)

E no momento em que lhe é perguntado sobre o que move essa prática de escrita, Mabília afirma:

Se não tivesse necessidade eu não colocaria no papel. É importante eu pôr no papel. Eu imagino que se eu não escrever eu não vou me recordar daquilo. Então quando eu falho com alguém eu escrevo e ainda deixo escrito que vou arrumar uma maneira para mim resolver isso que eu deixei pendente. (Mabília, informação verbal – entrevista)

A jovem aluna Ana, que escreve poesias na maioria dos seus textos, considera que o ato de escrever é:

Para mim, assim é, como eu posso dizer... escrever... é tudo, é essencial, é algo que me agrada muito, que eu gosto muito, me dá prazer. Tanto que, se eu for fazer uma faculdade um dia, eu gostaria muito de ser escritora porque é uma profissão que eu seria apaixonada, por escrever. (Ana, informação verbal – entrevista)

E relata o que a leva a escrever:

(...) sempre gostei de escrever, embora eu tivesse saído da escola. Fiquei treze anos fora da escola, mas sempre tive a paixão por escrever. Em casa eu escrevia, então, é um lado que eu nunca perdi, sempre escrevia, gostava de ler. (Ana, informação verbal – entrevista)

É uma parte de mim, quando eu escrevo, eu falo sobre mim, então é algo que eu quero guardar comigo. Eu acho gratificante escrever, colocar meus pensamentos, meus sentimentos, porque um dia eles não existirão mais, o que é presente hoje vai ser passado amanhã. Então, para mim, eu não vou conseguir ter a lembrança de tudo, mas quando eu escrevo e leio um poema eu vou lembrar que foi aquele momento, eu vou lembrar do momento exato, do que eu estava sentindo, de quem eu estava gostando. É isso que significa para mim. (Ana, informação verbal – entrevista)

Dessa forma, essas mulheres que escrevem - Carolina, Marguerite, Ana, Joana, Mabília e Sabrina - reconhecidas ou anônimas, trazem em seus escritos parte de suas vidas, algum momento ou pessoa que fizeram para elas um sentido maior. Sendo assim, esses textos que registraram são obras únicas, compostas por

experiências singulares que, independente da forma, carregam suas histórias, e são, portanto, escritos biográficos.

5.2 Escrita de mulheres (o que escrevem)

Neste eixo teórico *Escrita de mulheres*, o material coletado junto às alunas de EJA e os escritos da Carolina de Jesus serão analisados na tentativa de compreender o que essas mulheres que compõem a pesquisa escrevem e em quais condições as suas respectivas práticas acontecem. Nesse sentido, a escritora Marguerite Duras contribuirá para tais reflexões.

A obra *Quarto de despejo* era o diário de Carolina Maria Jesus, um diário escrito em folhas soltas, no decorrer de dias e dias em um período de cinco anos, com algumas interrupções, durante a década de 1950.

A prática da escrita de Carolina acontece nos intervalos da sua rotina diária, entre realizar uma atividade e outra, no horário noturno no qual a favela é mais silenciosa, nos momentos de intenso conflito interior. Nos trechos a seguir, ela relata sobre sua escrita:

Deixei o leito as 4 horas para escrever. Abri a porta e contemplei o céu estrelado. Quando o astro-rei começou a despontar eu fui buscar água. (JESUS, 2001, p. 18)

Eu gosto da noite só para contemplar as estrelas sintilantes, ler e escrever. Durante a noite há mais silencio. (JESUS, 2001, p. 33)

Quando eu faço quatro pratos penso que sou alguém. Quando vejo meus filhos comendo arroz e feijão, o alimentos que não está ao alcance do favelado, fico sorrindo atoa. Como se eu estivesse assistindo um espetáculo deslumbrante. Lavei as roupas e o barracão. Agora vou ler e escrever. (JESUS, 2001, p. 44)

Hoje eu não lavo as roupas porque não tenho dinheiro para comprar sabão. Vou ler e escrever. (JESUS, 2001, p. 85)

As mulheres-alunas relataram sobre suas práticas nas entrevistas, como aponta os trechos abaixo. A aluna Mabília escreve sempre em seu quarto, entre as atividades diárias:

Meu quarto, eu me tranco no meu quarto quando acabo meu serviço de casa, final de semana às vezes, e é dentro dele. Eu gosto muito de música instrumental, eu acho lindo, só ouvir aquele barulhinho de piano, aquela coisa maravilhosa que me leva a viajar, aí eu coloco e fico tão serena, e tão calma que não tem nem hora e nem momento, só pegar aquele livrinho ali, ficar ali lendo por alguns instantes, ouvindo e já dá aquela vontade de escrever... escrevo, aí viajo, vou embora...(Mabília, informação verbal – entrevista)

Joana realiza sua prática em lugares diversos, sem hora nem momento considerado adequado para tal, como ela relata em entrevista:

Momento assim certo não tem, os momentos, eles acontecem. Acontece uma coisa interessante comigo às vezes, eu deito, aí me vem uma idéia do assunto eu peço que fique na minha memória e acordo bem cedo e começo a escrever aquilo. Ou então, no meio da noite começo a escrever. (Joana, informação verbal – entrevista)

Sempre gostei de ler e escrever, mas as vezes surge uma idéia, ou eu estou assistindo televisão surge uma idéia, aí eu pego um lápis, uma caneta e escrevo alguma coisa. Vou mexendo as coisas, vou armazenando e vou escrevendo em folhas soltas, aonde dá, no caderno da escola, no trabalho e assim por diante. (Joana, informação verbal – entrevista)

Da prática da escrita da aluna Ana:

Momentos em que eu tenho emoções fortes. Por isso que eu falo para você que não é sempre que eu escrevo. Quando acontece algo a gente busca inspiração em alguma coisa. Escrevo em momentos que estou inspirada ou quando há algo mesmo que eu quero expressar, que eu preciso expressar, eu coloco no papel. (Ana, informação verbal – entrevista)

E quando é questionada sobre a existência de um lugar para a realização de tal prática, diz:

Eu prefiro só. Eu acho que a solidão, um lugar para você estar só, sem a companhia de ninguém é tudo, é essencial para se escrever. Você e seus pensamentos. Eu escrevo no meu quarto, fico lá no meu cantinho. (Ana, informação verbal – entrevista)

Sabrina relata em quais condições sua escrita acontecia:

Quando eu estava sozinha, a noite, de madrugada. A situação era quando eu não tinha, como eu não tinha ninguém para conversar, então eu escrevia como se tivesse alguém ali falando comigo desabafando. (Sabrina, informação verbal – entrevista)

Para Chartier (1990), são práticas como estas, plurais, que oferecem significado ao mundo.

Dentre as escritas produzidas pelas mulheres participantes da pesquisa e Carolina foi possível levantar temas que são comuns entre elas e outros que não, mesmo tendo em vista a singularidade de cada material. Eis os temas: **natureza, família, sentimentos, condição feminina** e a **própria condição, questões de poder, problemas sociais e sobre a própria escrita**.

Na década de 50, Carolina de Jesus, na sua obra, faz notar a diferença existente entre homens e mulheres: “(...) Eu disse que eu queria ser homem, porque assim eu podia quebrar e bater” (JESUS, 2001, p. 99). Seria essa atitude de quebrar e bater própria de quem tem o poder? O que se pode ler neste trecho talvez sejam indícios de que a sociedade permite ao homem realizar ações que não são permitidas às mulheres. Remete a questões de poder; localizadas onde?

O que a levaria a fazer essa afirmação? Não seria essa escrita também um ato de poder? Certamente, na vida de Carolina, a escrita tem um papel fundamental.

Para além das relações de poder e dos lugares que têm sido destinados à mulher, ao longo da história, na obra *Quarto de despejo* é possível encontrar aportes que embasam, por meio da visão de mundo da autora, cenas da vida de tantas outras mulheres que, localizadas historicamente na década de 50, trazem elementos que podem contribuir para uma leitura das condições atuais, nas quais as mulheres enfrentam uma dupla jornada de trabalho, uma realizando uma atividade remunerada para manter o lar, e outra para cuidar dos afazeres domésticos e da educação dos filhos, havendo, ainda, outras situações que diferem do esquema da dupla jornada.

Sobre as **questões de poder** retiram-se os seguintes trechos dos materiais:

Elas alude que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz do que elas. Elas tem marido. Mas, são obrigadas a pedir esmolas.(...) Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los. E elas, tem

que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. (JESUS, 2001, p. 14).

Não importa se sou anônima, sem grandes expressões lingüísticas, sem menor experiência científica, sem diploma, sem nenhum histórico de família importante, não sei, importa que eu ame. (Joana, Importa que eu ame)

Vou ficar calada e ser como ele quer que eu seja, ele não quer uma mulher uma pessoa comum que fica doente tem problemas que pensa que tem vontades ele quer um quadro que esteja sempre no mesmo lugar quieto bonito uma coisa perfeita a mostrar ao outros que a dele e como ele quer e quando quer. Um objeto sem sentimentos. (Sabrina, 2º Diário)

Terminei *Lol V. Stein* aqui, escrevi o fim aqui e em Trouville, em frente do mar. Só, não, não estava só, estava um homem comigo, nessa época. Mas não nos falávamos. Como eu estava a escrever, era preciso evitar falar de livros. Os homens não o suportam: uma mulher que escreve. É cruel para o homem. É difícil para todos. Menos para Robert A. (DURAS, 2001, p. 18)

Estes trechos retratam questões de poder em diferentes espaços e relações sociais, o poder pela violência física, o poder legitimado pelos lugares sociais ocupados (nome de família, diploma, imagem da pessoa pública), o lugar construído historicamente para o homem que “permite” ações sobre o outro, e o poder que pode ser conferido àquele que escreve.

Carolina de Jesus, em seu diário, escreve repetidamente os **problemas sociais** da favela e dos que ali vivem, como mostram os fragmentos:

O que o senhor Juscelino tem de aproveitável é a voz. Parece um sabiá e sua voz é agradável aos ouvidos. E agora, o sabiá está residindo na gaiola de ouro que é o Catete. Cuidado sabiá, para não perder esta gaiola, porque os gatos quando estão com fome contempla as aves nas gaiolas. E os favelados são os gatos. Tem fome. (JESUS, 2001, p. 30).

Quando cheguei do palácio que é a cidade os meus filhos vieram dizer-me que havia encontrado macarrão no lixo. E o meu filho João José disse-me: - Pois é. A senhora disse-me que não ia mais comer as coisas do lixo. Foi a primeira vez que vi minha palavra falhar. Eu disse: - É que eu tinha fé no kubstchek. (JESUS, 2001, p. 35).
E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravidão atual – a fome! (JESUS, 2001, p. 27)

Assim como Carolina escreve sobre os problemas percebidos no seu entorno, Joana, no seu escrito intitulado “Na casa onde eu moro”, toca em questões da sociedade:

É chamado homem, mas age sem “razão”.
 Já que o poder “tomou o ser” da maioria dessa massa
 chamado sociedade.
 Na minha casa não tem muros nem cercas de arame, divisão
 alguma de metade eu gozo a liberdade...
 De sonhar e ter em minha casa o direito de igualdade.
 Das terras onde eu nasci, cresci, vivi e fui feliz.
 Antes de chegar à idade de viver pra ver os movimentos (MST),
 hoje à dura realidade!
 Ah meu Deus porque eu fui crescer! Ainda bem que aprendi um
 pouco, o ler e o escrever para poder sobreviver.
 Do sonho da imaginação não tenho um preço a pagar nem
 condomínio, segurança IPTU é alucinação, não paga não.
 (Joana, “Na casa onde eu moro”)

As alunas da Educação de Jovens e Adultos e Carolina de Jesus trazem para os escritos o **contexto familiar**, a própria família ou a de outros, junto das dificuldades que estas possuem. Os trechos a seguir apontam assuntos que circundam a família no olhar das participantes da pesquisa:

Parece um sonho, ou uma ilusão ter hoje em dia uma
 verdadeira família unida pelo fato mais simples de se
 compreender – Amor! (Joana, Escrito sem título)

O senhor meu deus sabe de todas as minhas aflições quando
 se tem uma família e nela se tem um filho que nos dá muitos
 problemas. (Mabília, Caderno)

O José Carlos faz dias que não para em casa. Quando chega
 para dormir é dez e meia da noite. Hoje de manhã ele
 apanhou. Avisei-lhe que se chegar as 10 da noite não abro a
 porta. (JESUS, 2001, p. 47)

A **natureza** é outro tema presente nos escritos das alunas da EJA e nos de Carolina de Jesus. Elas contam da natureza percebida e admirada nos lugares em que vivem, a natureza presente no meio urbano.

... O céu é belo, digno de contemplar porque as nuvens vagueiam e
 formam paisagens deslumbrantes. As brisas suaves perpassam

conduzindo os perfumes das flores. E o astro rei sempre pontual para despontar-se e recluir-se. As aves percorrem o espaço demonstrando contentamento. A noite surge as estrelas cintilantes para adornar o céu azul. Há várias coisas belas no mundo que não é possível descrever-se. (JESUS, 2001, p. 39)

Era domingo a tarde eu fui passear num lugar bonito, que tinha natureza. Eu não queria mais ninguém ao meu lado eu estava tão bem comigo mesma, só me bastava a sombra da árvore, o vento fresco, nesse dia fazia calor. Eu via muitas pessoas passar mas não ligava meu olhos estavam perdidos nas flores alegres. (Ana, Caderno)

A primavera chegou...
Junto com as chuvas de verão
Tudo é lindo, tudo é novo
Nessa nova estação

As violetas, tão lindas...
E tão sensíveis...
Ficam cheias de vida e calor
As demais e as margaridas
Também dão as boas vindas
Para as simples sempre-vivas.
(Joana, As flores do jardim)

A **condição feminina** e a **própria condição** aparecem com força nos escritos das mulheres em momentos que relatam situações cotidianas de si e de outras pessoas, assim como quando descrevem seus sentimentos, emoções, angústias...

Eu acho que as vezes vou ficar loca de tanto pensar e passar nervoso, as vezes nem sei mesmo quem sou e qual o significado de tanta luta de tanta correria e pra que só pra esperar o A¹³ chegar me dar um beijo tomar banho, jantar, ver tv e ir dormir. O que tem mais além disso eu já não sei. E isso está me deixando confusa desesperada. (Sabrina, 2º Diário)

E como se algo gritasse dentro de mim, socorro! Diariamente, alguém me ajude ou faça alguma coisa pra mudar tudo isso, e tudo não sai da minha boca fica dentro de mim na minha cabeça. Eu sei que algo tem haver com o passado, não gosto e

¹³ O nome citado no original foi trocado pela letra A para preservar a identidade da pessoa.

nem preciso dele pra viver. Mas parece que ele vive por mim é horrível. (Sabrina, 2º Diário)

Tive sonhos agitados. Eu estava tão nervosa que se eu tivesse azas eu voaria para o deserto ou para o sertão. Tem hora que eu revolto comigo por ter iludido com os homens e arranjado estes filhos. (JESUS, 2001, p. 78)

Hoje a Leila está embriagada. E eu fico pensando como é que uma mulher que tem duas filhas em idade tenra pode embriagar-se até ficar inconciente. (JESUS, 2001, p. 65)

Fui comprar carne, pão e sabão. Parei na banca de jornaes. Li que uma senhora e três filhos havia suicidado por encontrar dificuldade de viver. (...) A mulher que suicidou-se não tinha alma de favelado, que quando tem fome recorre ao lixo, cata verduras nas feiras, pedem esmola e assim vão vivendo. (...) Pobre mulher! Quem sabe se de há muito ela vem pensando em eliminar-se, porque as mães tem muito dó dos filhos. Mas é uma vergonha para uma nação. Uma pessoa matar-se porque passa fome. E a pior coisa para uma mãe é ouvir esta sinfonia: - Mamãe eu quero pão! Mamãe, eu estou com fome! (JESUS, 2001, p. 56)

Eu estava pensando o que seria exatamente o dia das mães. E quem seria mesmo, e qual seria também o mistério de ser mãe? Seria a mãe de título, do RG? Do útero? Ou das emoções? ... Das flores... ou das dores? Do coração? Ou da razão? (...) Mães, que não sabem terminar uma poesia! Mas, que importa, se a vida está cheia delas... a cada filho que nasce! (Joana, Mãe é Mãe!)

Como a mãe pássaro fêmea de pardais, não sei assim tenho a convicção de que não há formulas para o pesar do coração de uma mãe!
Igual aos pardais eu também canto para amenizar a ausência do meu filho amado! (Joana, No silêncio do campus)

Meu deus as vezes me sinto a pior pessoa pois fico falando e repetindo as coisas e eu acabo ficando mal pois falo e falo e ninguém ouve. (Mabília, Caderno)

Estes trechos mostram uma escrita da própria condição realizada colocando-se frente a relações sociais com o outro, que pode ser o filho, a família, o

companheiro ou alguém conhecido e, apresentam visões distintas das situações em que se colocam.

As alunas escrevem de **sentimentos e emoções** – **amores, solidão, amizade, saudade...** E, quando realizam essa escrita, geralmente optam por escrever na forma de poesia, em versos, como mostra os trechos:

Sinto sua falta, vivo a me perguntar, será que ele pensa em mim? Será que ele já dormiu? Onde ele está agora... Eu posso te sentir mesmo distante, queria apenas um abraço, um beijo um carinho...

Não me importo de estar te idealizando ou sonhando acordada, o que me importa é que o que sinto me mantém viva. (Sabrina, Saudade)

Não se assuste se eu ti querer mais que o sol num dia de inverno, mais que a necessidade que eu tenho de escrever versos.

Não meu bem não se assuste, eu sou criança e necessito de carinho, vem me proteger desse frio da solidão que em mim persiste... (Ana, Solidão)

Amor e carinho... penso eu: é uma mistura de sentimentos raros espalhados por diversas partes do mundo, em ângulos completamente diferente da vida... e na rotina do dia-a-dia.

O primeiro amor é aquele que todos nos conhecemos
O amor de mãe! (Joana, Amor e Carinho)

Depois da chuva, vem o vago eco
De um silêncio profundo em meu coração.
Aprofundando a agonizante certeza
De mais uma noite de ampla solidão.
(Joana, Monotonia)

A escrita sobre sentimentos aparece também no caderno de Mabília e no diário de Sabrina:

Será que eu cai na real, e isso não é o que eu queria parei de fazer da vida um jogo de emoções e cansei de ficar criando momentos alegres diferentes pra não cair na rotina. (Sabrina, 2º Diário)

Assim como eu B¹⁴ também tem três filhas lindas e especiais será que vai custar ela transmitir amor segurança e exemplos a estas meninas a deus eu já crio duas delas e sempre estou tentando fazer suprir todo o amor e exemplos que era para B estar fazendo isto e quando eu morrer como será aí eu me pergunto o que será das minhas netas? (Mabília, Caderno)

Nos materiais das alunas e na obra *Quarto de despejo* podem ser encontrados trechos e até textos inteiros dedicados à **escrita**. As mulheres relatam o quê e como escrevem, o que sentem sobre escrever e fazem reflexões:

Se estou escrevendo essas coisas por que são coisas que gostaria de dizer a ele, mas seria como jogar palavras fora. (Sabrina, 2º Diário)

Minhas mãos escrevem, meu coração descansa.
O encontro das palavras, não acontecem mais para mim.
Inesplícável, minhas mãos querem continuar a escrever, meu coração está cansado eu não via mais você.
As linhas do meu caderno querem ser preenchidas, eu estou vazia, como as linhas, tudo por causa de você. (Ana, Caderno)

Eu gosto de escrever, porque as palavras são imortais elas são o principio e o fim, com elas nascemos com elas morremos. Com elas vencemos, por causa delas muitas vezes duvidamos. Eu gosto de escrever porque a palavra tem poder de nos levantar, de nos animar de fazer a gente viajar e amar. (Ana, “Eu gosto de escrever” / Caderno)

Enquanto as roupas corava eu sentei na calçada para escrever. Passou um senhor e perguntou-me: - O que escreve? – Todas as lambanças que pratica os favelados, estes projetos de gente humana. (JESUS, 2001, p. 20).

Ninguém chama o Valdemar aqui. É que ele já nasceu com o espírito inferior. (...) Se a gente pudesse escrever sempre elogiando! Se eu escrever que o Valdemar é bom elemento quando alguém lhe conhecer não vai comprovar o que eu escrevi. (JESUS, 2001, p. 64)

¹⁴ O nome citado no original foi trocado pela letra B para preservar a identidade da pessoa.

Estou começando o meu livro, a minha letra está ruim, mas hoje tive mais um dia Hiper-big-muitíssimo trabalhoso. Na verdade esse livro já era pra ter sido escrito há muito tempo atrás... atrás? Com S ou Z? Bem, o meu grande sonho sempre foi ser escritora e eu comecei á escrever aos 13 p/ 14 anos mais ou menos. De lá para cá eu vim escrevendo varias coisas e principalmente romance! (Joana, Escrito sem título)

A aluna Mabília é a única que não traz em seus textos disponibilizados a escrita como tema.

Marguerite Duras, na sua obra intitulada *Escrever* (2001), diz da escrita, mas ela mesma afirma não saber o que a faz escrever, ao mesmo tempo, relata que escrever é “calar, gritar sem ruído”:

Posso dizer o que quiser, nunca saberei o motivo pelo qual se escreve, nem como não se escreve. (DURAS, 2001, p. 18)

Um escritor é uma coisa curiosa. É uma contradição e, também, um contra-senso. Escrever também é não falar. É calar. É gritar sem ruído. Um escritor é muitas vezes, repousante: ouve muito. Não fala muito porque é impossível falar a alguém de um livro que se está a escrever. (DURAS, 2001, p. 29)

Nas entrevistas, as alunas contaram sobre o que escrevem, como mostram os trechos a seguir:

A gente coloca na escrita os pensamentos da gente, as coisas que passou, passado, e que a gente não pode escrever claramente então vai como forma de poesia, uma saudade, uma felicidade, coisas assim, eu acho que é isso minha escrita, mais para pôr para fora mesmo o que eu não quero contar de verdade. (Sabrina, informação verbal – entrevista)

Eu gosto de escrever sobre o que eu quero, o que acontece no dia a dia, eu escrevo as coisas que fazem para mim, o que eu perdi, o que eu deixei de fazer, isso é o que eu gosto de escrever, tudo, tudo. Escrevo sobre minha vida, sobre meus filhos, meu marido... (Mabília, informação verbal – entrevista)

Momentos em que eu tenho emoções fortes. Por isso que eu falo pra você que não é sempre que eu escrevo. Quando acontece algo assim, gente busca inspiração em alguma coisa e, escrevo em momentos que eu estou inspirada ou quando há algo mesmo que eu quero expressar, que eu preciso

expressar, eu coloco no papel. (Ana, informação verbal - entrevista)

Sou muito apaixonada, já falei isso, pela vida, pelas pessoas, então eu gosto de escrever muito romance. Surge uma idéia eu gosto de escrever. Tipos de amores. Eu gosto de escrever essas coisas. (Joana, informação verbal – entrevista)

As falas das alunas permitem entrar em contato com esse universo do que elas escrevem; no entanto, a análise dos escritos possibilitou, nesse sentido, ressaltar que os temas tratados são em maior número do que elas relataram nas entrevistas.

Interlocutores

Para quem essas mulheres escrevem? Existe um interlocutor para esses textos e poesias? Seria um único interlocutor, ou poderia haver vários?

A questão dos interlocutores dessas mulheres surge com o contato e leitura dos materiais. Aparecem diversas vezes nos escritos, trechos nos quais as mulheres parecem estar conversando com alguém.

Os trechos a seguir demonstram esse aspecto:

Vamos ver quem mudou mesmo eu ou ele, vou continuar assim muito especial do jeito dele. Vamos ver o que vai dar. Obrigado por mais esse bate papo que me deixa mais aliviada de pensamentos... (Sabrina, 2º Diário)

Senhor tu me conhece sabe do meu coração sabe de todo o meu sofrimento e de minhas aflições. (Mabília, Caderno)

Mas escrever não é normal... uns obtêm a qualificação estudando normalmente... outros vivendo na própria pele, estudando com a própria vida. Vou parar vou dormir. Amanhã se der eu continuo. (Joana, Escrito sem título, grifo nosso)

Tentei ampliar uma parte do meu amor nas coisas mais simples que fiz, ou melhor, que tentei fazer! E acreditem! Tentei dar o melhor de mim, o máximo de mim durante esta curta temporada... E me desculpem pelo que eu não pude conseguir. (Joana, Maneiras de Amar)

Eu percebi que tudo foi mecânico da minha parte eu precisava de um momento só pra mim, prá fugir de tudo um pouco. É triste estar ao lado de quem não nos passa emoção nenhuma. Só sei que se estivesse só comigo mesma eu teria aproveitado melhor o meu domingo à tarde... (Ana, Caderno)

Na obra *Quarto de despejo*, Carolina também tem momentos em que escreve se dirigindo a alguém:

Vocês já sabem que eu vou carregar agua todos os dias. Agora eu vou modificar o inicio da narrativa diurna, isto é, o que ocorreu comigo durante o dia. (JESUS, 2001, p. 110)

... Hoje não temos nada para comer. Queria convidar os filhos para suicidar-nos. Desisti. Olhei meus filhos e fiquei com dó. Eles estão cheios de vida. Quem vive, precisa comer. Fiquei nervosa, pensando: será que Deus esqueceu-me? Será que ele ficou de mal comigo? (JESUS, 2001, p. 153)

Acredita-se que Carolina escreve, em alguns momentos, dirigindo-se a um possível leitor dos seus escritos, pois tinha como objetivo tornar público os acontecimentos da favela com a intenção, talvez, que alguma coisa pudesse ser mudada. No, entanto, em outras ocasiões ela escreve tendo como interlocutor a si mesma.

Assim como Carolina, as alunas da Educação de Jovens e Adultos possuem seus interlocutores. No caso da Mabília, que escreve seu caderno se dirigindo a um ser que ela considera superior, a quem chama Deus e este seria, então, seu interlocutor nessas escritas.

Sabrina escreveu durante um longo período seus três diários, faz apontamentos cotidianos e repetidos sobre o seu companheiro, seu marido. Esse, talvez, fosse o seu principal interlocutor, com quem ela gostaria de conversar e como não pode, como ela mesma diz, escreve no caderno o que gostaria de dizer. Ao mesmo tempo, Sabrina escreve tendo como interlocutor a si mesma.

A aluna Ana, que escreve versos e poesias, e o faz, tendo a pessoa amada como destinatário de vários textos, apesar de não dar a ler seus escritos que ficam guardados consigo. Existem momentos da escrita que Ana conversa consigo mesma sobre seus sentimentos.

Joana produz textos diversificados, de temas variados, poesias e prosas. Seus textos conversam com um possível leitor, não definido, que pode surgir quando

ela decide emprestar seu texto para outras pessoas lerem. Nesses textos, Joana, também traz a si mesma como interlocutor.

A leitura de sua própria produção

Nas entrevistas realizadas com as mulheres/ alunas da EJA perguntou-se sobre a leitura de suas produções. Será que existe essa leitura? E como é ler o próprio texto?

Tendo as falas das entrevistas, nesse momento, como foco, apresentam-se as impressões das mulheres sobre essas leituras.

Quando eu leio o que eu escrevo? Eu acho bacana, depois penso que não foi eu. Aliás, eu acho assim, realmente quando a gente coloca sua alma, sua vontade naquilo, até parece que não é a gente mesmo, vem umas idéias que... você coloca para fora. (Joana, informação verbal – entrevista)

Mabília faz a leitura da escrita, logo em seguida; depois que fecha o caderno, dificilmente volta a ler aquele trecho. No entanto, quando decide queimar aquele volume, por vezes, relê algum trecho. Entretanto, há dias que não lê o que acabou de escrever, deixando como está aquilo que produziu.

Tem coisas que depois que eu escrevo, eu falo: por que escrevi isso hein? Aqui oh, olha que tolice, para até uma menina: “Meu criador, eu quero tanto o amor, o companheirismo, a amizade, a paixão, a felicidade, a sinceridade mais verdadeira do meu esposo, quero meu criador, o bom pai amoroso e atencioso, compreensivo, o pai educador e exigente, que é para me ajudar a encaminhar as nossas filhas para um bom caminho.” Depois eu leio, eu falo assim: poxa vida eu não podia escrever isso. Aí eu fico arrependida de ter escrito. Mas, também não ligo não, eu largo sabe. (Mabília, informação verbal – entrevista)

O trecho entre aspas citado acima, é do caderno de Mabília lido durante a entrevista, para mostrar que escreve algumas coisas e depois se arrepende delas. O arrependimento no momento da leitura, no entanto, não faz com que ela apague o que escreveu, porém, no fim de cada ano, ela coloca fogo em seu caderno, que é uma forma de apagamento.

Diferente de Mabília, Ana lê o que escreve e quando não gosta do texto rasga e joga fora, mas ela faz isso por um motivo diferente; não é por haver se arrependido, mas sim porque o escrito não demonstrou tudo o que ela gostaria e pensou ter conseguido: então, ao ler e verificar não ter ficado de seu gosto, joga-o fora e faz outro, como conta no trecho a seguir:

Eu leio. Leio e se eu não gosto eu rasgo, jogo fora e faço de novo. Porque é passar o sentimento, mas eu quero passar o sentimento de uma forma que quando eu leio me agrada. Porque eu acho que se não agradar a mim não vai agradar o outro. Então eu mesmo me analiso, analiso a minha escrita e pra mim, talvez uma outra pessoa lê: “ – ah, mas ficou ótimo”, mas pra mim não está. Se eu acho que não escrevi bem naquela escrita eu rasgo e faço de novo. (Ana, informação verbal – entrevista)

Sabrina, assim como Mabília, ao ler o próprio texto, se arrependeu de algumas coisas que escreveu, como conta:

É frustrante. Sou eu mesma escrevendo isso? Às vezes eu me arrependo do que eu escrevo, que bobeira, mas foi aquela hora, o estado que eu estava. Já rasguei muita coisa e joguei fora por causa disso, depois que li. (Sabrina, informação verbal – entrevista)

A leitura da própria produção para as alunas da EJA é singular, particular assim como as suas escritas. Nessas leituras, existe um gostar do que escreveu e não se reconhecer ali; existe um aperfeiçoamento do texto de alguém que quer demonstrar o que sente, existe arrependimento e frustração do que escreveu e, em alguns casos, existe o apagamento da escrita após a leitura.

Redimensionamento dos Sujeitos

A prática da escrita das alunas pode ser pensada, em alguns momentos, como uma forma de elas se redimensionarem enquanto sujeitos de um lugar e de uma condição.

A imaginação seria uma forma de Carolina se redimensionar como sujeito de um lugar?

Carolina de Jesus, na obra *Quarto de despejo*, usa da imaginação para “fugir” da favela e daquela condição nos momentos em que escreve, e se imagina num outro lugar e numa condição social outra, como mostram os trechos:

Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. As horas que sou feliz é quando estou residindo nos castelos imaginários. (JESUS, 2001, p. 52)

Quando despertei pensei: eu sou tão pobre. Não posso ir num espetáculo, por isso Deus envia-me estes sonhos deslumbrantes para minh’ alma dolorida. Ao meu Deus que me protege, envio os meus agradecimentos. (JESUS, 2001, p. 107)

Quando pergunto à Joana sobre o que dizem seus escritos, ela aponta para a questão do redimensionamento de si mesma, quando fala que seus escritos tratam de suas mudanças enquanto indivíduo:

Eu falo da minha vida pessoal, do que eu acho que deveria mudar, na verdade, de como eu já mudei também e como venho aprendendo. (Joana, informação verbal – entrevista)

Nesse sentido, Carolina de Jesus escreve:

...Eu fiz uma reforma em mim. Quero tratar as pessoas que eu conheço com mais atenção. Quero enviar um sorriso amável as crianças e aos operários. (JESUS, 2001, p. 25)

Mabília registra em seu caderno quando erra com alguém, esse escrever o que aconteceu tem a finalidade de não deixá-la esquecer que precisa reparar o erro de alguma forma. Essa seria uma forma de se redimensionar pelo uso dessa escrita. Eis um trecho do caderno e outro da entrevista:

Sabe meu senhor quando erramos com alguém procuramos nos acertar mas tudo que queremos e desejamos para o outro de melhor devemos mostrar. (Mabília, Caderno)

Se não tivesse necessidade eu não colocaria no papel. É importante eu pôr no papel. Eu imagino que se eu não escrever não vou me recordar daquilo. Então, quando eu falho com alguém eu escrevo, e ainda deixo escrito – eu vou arrumar uma

maneira para resolver isso que eu deixei pendente. (Mabília, informação verbal – entrevista)

Carolina, Joana e Mabília encontram na escrita uma forma outra de se colocarem como sujeitos, seja na vida real ou simplesmente na imaginação.

5.3 Escrita de si

O eixo *Escrita de si* traz uma reflexão sobre as práticas da escrita de mulheres, enquanto práticas que dizem de si, ou seja, escritos que podem dizer algo sobre quem os escreveu independente da temática do texto. E, para essa discussão trazemos Michel Foucault e Jorge Larrosa.

De acordo com as leituras realizadas, é possível perceber que a figura feminina habitava na "sombra" da sociedade, sendo que os homens tinham o poder de decisão sobre suas condutas.

A partir da década de 50, o número de mulheres nas universidades aumentou e foi quando surgiu o reconhecido estudo de Simone De Beauvoir intitulado "O Segundo Sexo" que, segundo Perrot, na época "foi um escândalo" (PERROT, 2007, p. 14).

Para Perrot, foi a partir desse período que alguns estudiosos voltaram o olhar para as mulheres e, isso aconteceu devido aos movimentos criados por elas em busca de liberdade.

O desenvolvimento da história das mulheres acompanha em surdina o "movimento" das mulheres em direção à emancipação e à libertação. Trata-se da tradução e do efeito de uma tomada de consciência ainda mais vasta: a da dimensão sexuada da sociedade e da história. (PERROT, 2007, p. 15).

No entanto, Perrot (2007) aponta uma mudança na história das mulheres, ou seja, as mulheres que antes eram vistas como passivas e atribuídas ao espaço privado do lar, com papéis específicos a desempenhar, como cuidar da casa, do marido e dos filhos são, nesse momento, vistas como ativas, mulheres que conquistaram o espaço público da sociedade que era ocupado somente por homens.

Indaga-se: que relações podem ser estabelecidas em decorrência dessas mudanças na história, como apontadas por Perrot e as práticas da escrita? Como essas mudanças podem ser detectadas nos escritos das mulheres sujeitos da pesquisa? Que caminhos metodológicos poderiam ser pensados que trouxessem à tona tais mudanças?

Alguns pontos iniciais são dados por Larrosa (1996), quando se refere à narração como um mecanismo de compreensão de si mesmo e dos outros, e estabelece uma relação entre narrativa e identidade – esta última constituída

"polifonicamente". Nossas práticas da escrita estão sempre em relação de intertextualidade com discursos sociais, institucionais e políticos.

Para este autor, o modo como nos compreendemos é análogo ao modo como construímos textos sobre nós mesmos; somente a narração dá sentido ao que somos ou pretendemos ser, e nos torna indivíduos singulares:

Es al narrarnos a nosotros mismos en lo que nos pasa, al construir el carácter (el personaje) que somos, que nos construimos como individuos particulares, como un quién. (LARROSA, 1996, p. 470).

Nessa construção da identidade / narrativa, que é polifônica, é possível apropriar-se de outras formas de discursos que possam ter mais força ou poder em seu meio social, é possível articular possibilidades de existência.

Sabemos que el poder atraviesa la conversación; que el discurso es una entidad tenue y capaz de una productividad infinita pero en la que se proyectan múltiples operaciones de solidificación y control; que las prácticas discursivas son también prácticas sociales. (LARROSA, 1996, p. 478)

A história das práticas discursivas de narração de si mesmo é também uma história social e política. Para Larrosa (1996), considerar a si mesmo como algo implicado com a construção de textos narrativos pessoais em certas relações de intertextualidade é também considerar os lugares sociais e institucionais em que esses textos se produzem, ou se reproduzem.

Quando se remete à obra de Carolina de Jesus e aos escritos das alunas, podem-se ler indícios do social presente nas escritas, quando elas falam de suas vidas e mostram como se vêem em relação ao mundo em que estão.

Fiz o almoço, depois fui escrever. Estou nervosa. O mundo está tão insípido que eu tenho vontade de morrer. Fiquei sentada no sol para aquecer. Com as agruras da vida somos uns infelizes perambulando aqui neste mundo. Sentindo frio interior e exterior. (JESUS, 2001, p. 157)

E é mesmo assim
Todos os dias me procuras
Dizendo estar outra vez cansado

Te sustento novamente, não reclamo, nada falo
 Continuo o teu embalo
 Volta e meia eu percebo
 Que me olhas e me diz num gesto
 Estás bem velha e já é resto
 É chegada a hora da troca
 Embora eu protesto.
 (Joana, A Rede)

Quando teus olhos encontram os meus pode minha alma estar
 machucada pelas tristezas que me causou o dia.
 Quando teus braços me envolve o corpo sinto me tranqüila e
 segura e meus medos e minhas fragilidades não existem mais.
 (Ana, Caderno)

Como é duro não saber o que fazer como é duro não saber por
 onde começar pois eu acho que o que pude fazer fiz o que falar
 depois de tantas palavras que já foram tantas ao vento pois
 hoje não é que quero desistir desta minha filha é que não
 posso lhe dar o peixe eu como mãe devo apenas lhe ensinar a
 pescar não posso assumir suas responsabilidades. (Mabília,
 Caderno)

Eu? por um minuto não consegui me ver! e como se tudo
 tivesse se apagado ao meu redor, e só eu estava ali, como
 num deserto. Me sentei no murinho, ouvindo o barulho dos
 outros estourando champanhe se abraçando casais se
 beijando. Será que dá pra se por no meu lugar por um instante
 e sentir como eu fiquei, ou me senti naquele momento. Depois
 como sempre fiquei eu mesma me criticando me chingando o
 quanto sou idiota mesmo. (Sabrina, 3º Diário)

Carolina de Jesus e as mulheres participantes da pesquisa, quando escrevem
 sobre sua condição social e / ou de mulher, entre outros assuntos, estariam
 realizando exercício de pensamento sobre si mesmas?

Nesse sentido, Foucault (2006) escreve:

Nesses textos de Epícteto, a escrita aparece regularmente associada
 à “meditação”, ao exercício do pensamento sobre ele mesmo que
 reativa o que ele sabe, torna presentes um princípio, uma regra ou
 um exemplo, reflete sobre eles, assimila-os, e assim se prepara para
 encarar o real. (FOUCAULT, 2006, p. 147)

Assim como apresenta Foucault, no trecho citado, que a escrita pode ser entendida como um exercício do pensamento sobre si mesmo, Mabília, relata na entrevista o que pode ser um indício desse exercício:

Eu já estou morrendo de medo, porque eu me inscrevi na prova e eu sou muito medrosa... Eu estou com medo, você acredita, de não conseguir! Aí depois fico com raiva de mim mesmo, daí eu venho e escrevo tudo, que eu não tive coragem... sabe, e assim vai, mas esse ano eu tenho que ir. (Mabília, informação verbal – entrevista)

No diário pessoal, a autora Carolina, registrava cenas de sua vida com um olhar muito particular de “análise” das situações que vivia e do que via ao redor, porém com a simplicidade de alguém que escreve para si mesma. Neste trecho seguinte, Carolina relata os conflitos interiores vividos diante das diferenças percebidas entre a vida na cidade e a da favela. O que ela nos apresenta não é somente a diferença na estrutura física da moradia, é também como ela se sente enquanto indivíduo inserido naquele espaço à margem da sociedade.

As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. (JESUS, 2001, p. 33)

Joana, no seu texto *Maneiras de Amar*, coloca suas reflexões sobre o amar, o que poderia ser considerado como uma forma de tratar a vida:

De repente o tempo vai passando... e com ele aumentando nossas maneiras de amar.
Amamos o nosso lar... nosso lazer... nossa escola, nosso trabalho, nosso Pai e mãe e...
Ah! o nosso primeiro namorado!
Nosso primeiro filho!
É aí então que conquistamos amor e carinho em coisas tão simples.
Tentamos fazer de tudo com a maior dedicação, valorizando cada pequeno momento. Na escola querendo ser o melhor aluno e no trabalho o melhor competente. (Joana, *Maneiras de Amar*)

Sabrina, em seus cadernos diários, faz registros frequentes de seu cotidiano, sua vida e, em tais anotações a autora se insere, e esta inserção nos apresenta um pensar a si mesmo naquilo que nos constitui e / ou nos desfaz como pessoas, como mostram os trechos a seguir:

Cheguei ao ano 2000 e inacreditável eu sempre pensei que não viveria tanto. Me sinto tão sozinha queria ter alguém pra conversar. O A como sempre ele está feliz sempre está como ele diz que eu o faço feliz ao contrario dele que não sabe fazer eu me sentir feliz, estou tão cansada de ficar fingindo que estou bem. Eu já não vivo mais vegeto por que nada mais faz diferença. (Sabrina, 3º Diário)

Depois desses anos que passarão me recusei a querer escrever pois eu mesma não conseguia relatar tanta dor que tive que passar. Mas no ano passado conheci um medico um anjo que Deus pois no meu caminho. Que está me ajudando, e agora me sinto mais forte pra escrever e relatar coisas que não tive coragem na epoca, pelo estado que me encontrava. (Sabrina, 3º Diário)

Dessa forma, é possível perceber, pelos trechos apresentados, a existência de momentos de reflexões nos escritos das alunas e de Carolina de Jesus.

Foucault (2006) entende que o caderno de anotações é como um companheiro que ameniza a solidão daquele que escreve.

A escrita de si mesmo aparece aqui claramente em sua relação de complementaridade com a anacorese: ela atenua os perigos da solidão; oferece aquilo que se fez ou se pensou a um olhar possível; o fato de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro, suscitando o respeito humano e a vergonha; é possível então fazer uma primeira analogia: o que os outros são para o asceta em uma comunidade, o caderno de notas será para o solitário. (FOUCAULT, 2006, p. 145).

As alunas Mabília e Sabrina relataram nas entrevistas sobre a solidão e a relação existente com os seus escritos:

Eu não tive uma vida fácil, sabe. E também nunca tive com quem conversar, e também quando era pequena não tive tempo para estudar. Eu precisei sair da escola para poder ajudar minha mãe, porque eu sou a mais velha de oito. Aí ela separou do meu pai, e eu tive que sair da escola para ajudar ela em casa, apesar de ela não ter me criado. A minha avó me

devolveu para ela no momento que ela precisou. O meu desabafo era porque eu sempre queria ir na escola, mas eu não podia ir, então eu passava todo meu sentimento, toda minha dor, tudo o que acontecia comigo eu colocava e a única pessoa que me ouve é Deus, porque é com ele que eu falo. (Mabília, informação verbal – entrevista)

Quando eu estava sozinha, a noite, de madrugada. A situação era quando eu não tinha, como eu não tinha ninguém para conversar, então eu escrevia como se tivesse alguém ali falando comigo, desabafando. (Sabrina, informação verbal – entrevista)

Como afirmou Foucault sobre a solidão, Sabrina e Mabília encontram um “companheiro” na escrita e no caderno.

Para Foucault (2006) essa escrita é:

A escrita como exercício pessoal feito por si e para si é uma arte da verdade díspar; ou, mais precisamente, uma maneira racional de combinar a autoridade tradicional da coisa já dita com a singularidade das circunstâncias que determinam seu uso. (FOUCAULT, 2006, p. 151).

Carolina e as alunas da EJA escrevem de si, de suas existências e experiências e, para Loureiro (1991), os escritos biográficos, as biografias, são formas de compreensão do mundo, de nós mesmos e de nossas experiências.

(...) enorme relieve a la autobriografía al entenderla como una forma esencial de comprensión de los principios organizativos de la experiencia, de nuestros modos de interpretación de la realidad histórica en que vivimos. (LOUREIRO, 1991, p. 2)

Essas mulheres, alunas, participantes da pesquisa, que escrevem sobre experiências próprias, realizam a prática cultural da escrita. E, sobre essas práticas culturais de pessoas “comuns”, Certeau (1996) afirma:

(...) quanto nos falta ainda compreender dos inúmeros artifícios dos “obscuros heróis” do efêmero, andarilhos da cidade, moradores dos bairros, leitores e sonhadores, pessoas obscuras das cozinhas. Como tudo isso é admirável! (CERTEAU, 1996, p. 342)

Essas mulheres escritoras são pessoas que escrevem sobre o que têm de mais íntimo, seus sentimentos e suas histórias, revelando assim, a si mesmas em seus textos. A escrita, dessa forma, é vista como um espaço, um lugar da escrita de si mesma. Elas, as alunas, deixam relatada, assim como Marguerite e Carolina, a percepção que têm de si mesmas e do mundo em seus escritos e nas suas falas:

Como trapo ou como resto (...)
Talvez eu limparei a graxa
Das peças da sua mobilete
Ou quem sabe eu serei um pano de saco
Pra tirar a mancha do chão
Que não saí nem com gilete
Ou eu tape aquela fresta da porta
Pois, a chuva vem sem lhe avisar
Não tens muro de arrimo
Vê, eu ainda continuo a te prestar.
(Joana, A Rede)

Mas, o Amor ainda vive
Pois o coração não envelhece
Dos Amores, dos sonhos nunca se esquece
Porque eles nos levam ao céu
Cujas estrelas ela ainda
Encontra em qualquer canto
Por aí, não em quaisquer olhos cor de mel!
(Joana, Adolespausa)

Eu sempre tive dificuldade, hoje não, de sentar com alguém e falar sobre mim, eu não falava eu não conseguia, eu só conseguia escrever, até se eu fosse conversar com a minha mãe eu não conseguia, se eu escrevesse ela podia ler que estava tudo lá escrito. (Sabrina, informação verbal – entrevista)

Pensei na vida atribulada que levo. Cato papel, lavo roupa para dois jovens, permaneço na rua o dia todo. E estou sempre em falta. A Vera não tem sapatos. E ela não gosta de andar descalça. (JESUS, 2001, p. 09).

Os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido. (JESUS, 2001, p. 35)

Os que esperam a paz nada esperam, nada. Existem cada vez menos motivos para não se ter notícias. A paz já se faz notar. Como se fosse uma noite profunda, também o início do esquecimento. (...) Pressenti que chegava um futuro possível, que uma terra estranha,

onde ninguém espera, ia emergir do caos. Não há lugar para mim aqui, não estou aqui, estou lá, com ele, naquela zona inacessível aos outros, em pleno fogo, onde se mata. (DURAS, 1985, p. 48)

Senhor meu deus sei que sou um ser imperfeito tenho muitas falhas mas posso reconhecê-las sabe pai neste grandioso universo do qual estamos em evolução. (Mabília, Caderno)

Saber que cada vez que eu escrevo, analisar eu mesma e ver o quanto estou aprendendo mais, me conhecendo mais e me desenvolvendo mais... é algo para mim mesmo. (Ana, informação verbal – entrevista)

Retoma-se Certeau sobre as práticas culturais:

(...) das práticas só se há de reter os móveis (instrumentos e produtos que se colocam na vitrine) ou esquemas descritivos (comportamentos quantificáveis, estereótipos de encenações, estruturas rituais), deixando de lado o inarraigável de uma sociedade: modos de usar, as coisas ou as palavras segundo as ocasiões. Algo de essencial se joga nessa *historicidade* cotidiana, indissociável da *Existência* dos sujeitos que são os atores e autores de operações conjunturais. (CERTEAU, 1994, p. 82, grifo do autor)

Essas mulheres escrevem, assim como coloca Certeau, algo que é impossível separar de suas existências, as obras, os textos são materiais que carregam algo que é inseparável delas enquanto indivíduos e, enquanto mulheres, a escrita.

Para Foucault (2006), esse movimento de escrita é:

O movimento que eles procuram realizar é o inverso daquele: trata-se não de buscar o indizível, não de revelar o oculto, não de dizer o não-dito, mas de captar, pelo contrário, o já dito; reunir o que se pôde ouvir ou ler, e isso com uma finalidade que nada mais é que a constituição de si. (FOUCAULT, 2006, p. 149)

Para Foucault (2006), a escrita de si mesmo é uma prática de escrever os pensamentos e / ou movimentos próprios de cada sujeito.

A escrita dos movimentos interiores aparece também, segundo o texto de Atanásio, como uma arma no combate espiritual: enquanto o demônio é uma potência que engana e faz com que o sujeito se engane sobre si mesmo (...), a escrita constitui uma experiência e

uma espécie de pedra de toque: revelando os movimentos do pensamento, ela dissipa a sombra interior onde se tecem as tramas do inimigo. (FOUCAULT, 2006, p. 145)

A escrita e o seu movimento são “peças” constituintes da essência dessas mulheres que no percurso de suas vidas, fazem de suas vivências, suas histórias, obras. Escritos. Sendo assim, a escrita é para elas um espaço de constituição de si, um espaço onde se escrevem.

Como essas mulheres que se constituem, e se escrevem pela / na escrita, quantas mais devem existir “perdidas” em espaços escondidos das cidades, e em salas de aula de jovens e adultos? Buscar outras mulheres escritoras nesses espaços e buscar a compreensão desse movimento da escrita de si mesmo é preciso!

6. CONSIDERAÇÕES

Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. As horas que sou feliz é quando estou residindo nos castelos imaginários. (JESUS, 2001, p. 52)

Retoma-se esse trecho do *Quarto de despejo* de Carolina Maria de Jesus, nas considerações finais desta pesquisa, numa tentativa de retomar algumas questões do estudo, pois, em verdade ele acompanhou todo o processo da pesquisa, principalmente nos momentos de reflexão sobre o que seria a prática cultural da escrita entre essas mulheres.

Ao ler trechos como esse, para mim, tão fortes e carregados de significados e, ao mesmo tempo, tão belos, perguntava-me, o que teria feito Carolina escrever e de onde teria saído esse movimento gerador de palavras, frases, textos. Pensava, também, em quem seriam essas outras mulheres escritoras, que passavam para o papel sentimentos, reflexões, angústias, ou apenas desabafos...

Tais questionamentos e outros, postos como norteadores, foram delineando o estudo durante o percurso da pesquisa, no qual destaco a pesquisa de campo e as fontes materiais. Sair a campo para a realização dos questionários constituiu-se um deslocamento do lugar, fazendo deixar por alguns momentos os textos literários de Carolina de Jesus e de Marguerite Duras, para mergulhar em busca dos sujeitos pouco escolarizados que também escrevem. Esse deslocar-se permitiu, mesmo antes de ler os questionários, tomar contato com pessoas escritoras que ali, ao responderem o questionário, já se manifestaram sobre suas práticas.

Ao manusear com cuidado os questionários, percebi serem muitas as pessoas que afirmavam ter uma prática de escrita, e também de leitura para além da escola, motivo pelo qual ressalto a necessidade da continuação e do aprofundamento de estudos sobre as práticas da escrita de indivíduos pouco escolarizados e isso porque os questionários relatam, de forma significativa, que as

alunas da Educação de Jovens e Adultos escrevem para além do ambiente escolar por diversos motivos que, absolutamente, não incluem a obrigação de tal.

As entrevistas com as quatro mulheres foram momentos em busca de compreensão de suas práticas. Nesses eventos, estabeleceu-se uma relação de confiança entre pesquisadora e entrevistadas, o que contribuiu para que as entrevistas se transformassem em conversas informais e, com isso, os cadernos e escritos em folhas soltas fossem disponibilizados, sem maiores dificuldades.

As fontes materiais, cadernos e escritos, geraram, no primeiro contato e ao realizar a leitura, uma sensação de surpresa, pela força e beleza do material, da palavra ali escrita. A surpresa por não imaginar inicialmente o que estaria ali escrito e, percebi que, a cada leitura, o sentido de cada texto, cada verso e mesmo cada caderno tomava forma mais e mais definida. E, quanto mais eu lia essas fontes, mais beleza encontrava e mais possibilidades de construir sentidos eu percebia.

Antes de ser a pesquisadora em busca de compreensões para essas fontes, eu fui leitora dos textos. E, como leitora, os escritos me causaram emoção, inquietação, questionamentos. No debruçar-se da pesquisadora, a leitura dessas fontes apresentava relação com questões escritas por Carolina de Jesus e por Marguerite Duras. Em outros momentos, os trechos lidos remetiam aos referenciais sobre a história das mulheres, em questões sobre ser mulher e na condição feminina.

A leitura do material das mulheres trouxe muito mais elementos do que esperava encontrar, são escritos sobre a própria vida nas diversas possibilidades da vida de cada uma, sobre aspectos da vida humana que envolve tanto a si mesmo como o outro. Esse universo escrito me fascinava, principalmente pela singularidade existente em tais materiais, assim como acontecia nas entrevistas. De certa forma, no início da pesquisa, imaginei encontrar escritos relacionados a questões do gênero mulher, relatados na História; percebi, no entanto, que essa questão é apenas uma entre tantas outras que esses escritos nos apresentam.

Diante da riqueza das fontes materiais e dos referenciais teóricos os eixos de análise foram construídos – práticas da escrita, escrita de mulheres (o que escrevem) e escrita de si –; três grandes eixos que possibilitassem a compreensão de diversos aspectos dessas práticas no interior de cada um.

Na construção de cada eixo de análise há a leitura e a escrita da pesquisadora, a minha leitura e escrita, que para elaborar tais análises debruçei-me

nas fontes e em idas e vindas destas para os referenciais e para o meu texto fazendo “recortes” de trechos significativos, encontrando pontos de contatos entre os materiais e as singularidades, buscando não perder o foco dos objetivos da pesquisa. Por isso, ressalto que a análise apresentada nesta pesquisa é decorrente da minha leitura e compreensão desse material, sendo possível que outras pessoas realizem diferentes leituras a partir das mesmas fontes.

Mesmo havendo uma dedicação ao trabalho com as fontes, elas não estão esgotadas, pois os escritos dessas mulheres dizem muito mais do que este trabalho pôde dar a ver, são fontes inesgotáveis de leitura.

A escrita dessas mulheres, acredita-se, tem importância por mostrar o contexto histórico, social e cultural nos quais elas estão inseridas. E, também, porque através desses escritos, essas mulheres conseguem escrever a sua própria história e se escrevem pela / na escrita que produzem.

Nesse sentido, Chartier (1990, p. 27) coloca:

As estruturas do mundo social não são um dado objectivo, tal como o não são as categorias intelectuais e psicológicas: todas elas são historicamente produzidas pelas práticas articuladas (políticas, sociais, discursivas) que as modelam, que constituem o objecto de uma história cultural levada a repensar completamente a relação tradicionalmente postulada entre o social, identificado com um real bem real, existindo por si próprio, e as representações, supostas como reflectindo-o ou dele se desviando.

A escrita de si, entendida por Foucault (2006) como uma prática na qual os indivíduos relatam seus movimentos interiores, pensamentos, emoções, sentimentos, é o que mulheres pouco escolarizadas realizam, registram e, mais que isso, se constituem pela / na escrita que realizam.

O papel da escrita é constituir, com tudo o que a leitura constituiu, um “corpo”. E é preciso compreender esse corpo não como um corpo de doutrina, mas sim como o próprio corpo daquele que, transcrevendo suas leituras, delas se apropriou e fez sua a verdade delas. (FOUCAULT, 2006, p. 152)

Sendo assim, acredita-se que as práticas da escrita das alunas, são escritas de si na medida em que as mulheres se fazem, se constituem nesse processo.

Afirmo que descobrir sujeitos pouco escolarizados que escrevem em sua vida cotidiana revelando práticas culturais ainda escondidas e que podem contribuir para uma história das práticas da escrita no âmbito estudos culturais.

Este estudo traz apenas algumas mulheres que escrevem, no entanto, muitas outras devem existir.

E como um castelo construído, não com cartas como fez Calvino, mas com escritos que se cruzaram numa pesquisa, termino a construção deste texto castelo com uma citação do próprio Ítalo Calvino (1991, p. 156):

O castelo: os “narradores” não procedem em linha reta nem segundo um percurso regular; há cartas que voltam a se apresentar em todas as narrativas e mais de uma vez na mesma história. Da mesma forma, o texto escrito pode ser considerado um arquivo dos materiais acumulados pouco a pouco, ao longo de estratificações sucessivas de interpretações iconológicas, de humores temperamentais, de intenções ideológicas, de escolhas estilísticas.

7. REFERÊNCIAS

AGUIAR, Carmem Maria; CAMARGO, Maria Rosa R. M. de. Entre textos, saberes e objetos: um olhar para as fontes. (no prelo)

ARAUJO, Renata Rodrigues de. **Sobre noções de constituição do sujeito: mulheres alfabetizadas têm a palavra**. 2006. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2006.

BACOCINA, Eliane Aparecida. **Leituras de mundo, saberes e modos de existência de educandos e educadores: contribuição para a invenção de modos de aprender e ler**. 2007. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.

_____. **O segundo sexo a experiência vivida**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BOGDAN, Robert.; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto, 1994.

BOURDIEU, Pierre. Compreender. In: _____. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 693 - 732.

_____. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína. et al. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996, p. 183 - 191.

_____.; CHARTIER, Roger. A leitura: uma pratica cultural. In: CHARTIER, Roger. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 231-253.

CADERNOS PAGU. Campinas: UNICAMP. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 07abr. 2007.

CALVINO, Italo. **O castelo dos destinos cruzados**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. **Cartas e escrita**. 2000. 148 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994. v.1.

_____. **A invenção do cotidiano: morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1996. v.2.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

_____. As práticas da escrita. In: _____ (org). **História da vida privada: da Renascença ao século das luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v.3., p.113 – 161.

_____. **Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldian e Antonio Saborit**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

_____. **Formas e sentido, cultura escrita: entre distinção e apropriação**. Campinas: Mercado de Letras; Associação de Leitura no Brasil (ALB), 2003.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **Educação e sedução: normas, condutas, valores nos romances de M. Delly**. 1995. 271f. Tese (Doutorado em Educação) - Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

DUBY, Georges.; PERROT, Michelle. (Org.) **História das mulheres no Ocidente**. Porto: Afrontamento, 1990. v.1.

DURAS, Marguerite. **A Dor**. São Paulo: Círculo do Livro, 1985.

_____. **O Amante**. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

_____. **Olhos azuis, cabelos pretos**. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

_____. **O verão de 80**. Rio de Janeiro: Record, 1980.

_____. **Barragem contra o Pacífico**. São Paulo: Arx, 2003.

_____. **A vida material**. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

_____. **Escrever**. Lisboa: Difel, 2001.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. **Ditos e escritos**: estratégia, poder-saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. v. 5, p. 144 – 162.

GONÇALVES, Natália Kneipp Ribeiro. **As peças didáticas de Bertolt Brecht e o processo de alfabetização**. 2005. 170 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2005.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 8. ed. São Paulo: Ática, 2001.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20 – 28, jan-abr. 2002.

_____. **La experiencia de la lectura**: estúdios sobre literatura y formación. Barcelona: Laertes, 1996.

LEBELLEY, Frédérique. **Uma vida por escrito**: biografia de Marguerite Duras. São Paulo: Página Aberta, 1994.

LEVINE, Robert M.; MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Cinderela negra**: a saga de Carolina Maria de Jesus. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

LOUREIRO, Ángel G. Problemas teóricos de la autobiografía. **Anthropos: Revista de Documentación Científica de la Cultura**. Barcelona, n. 29, p. 02-08, dec. 1991.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. **Leituras femininas no século XIX (1850-1900)**. 1996. 184 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História**: operários, mulheres e prisioneiros. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

_____. (Org.) **História da vida privada:** da Revolução francesa à Primeira guerra. São Paulo: Companhia das Letras, v. 4. 1995.

_____. **Minha história das mulheres.** São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **As mulheres ou os silêncios da história.** Bauru: EDUSC, 2005.

PRIORE, Mary Del. (Org.) **História das mulheres no Brasil.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

REVISTA ESTUDOS FEMINISTAS. Florianópolis: UFSC. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 07abr. 2007.

SCHMIDT, Benito Bisso. Grafia da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica. In: **Revista História UNISINOS.** v. 8, n. 10, p. 131 - 142, jul-dez. 2004.

SCHWOB, M. El arte de la biografía. In: _____. et al. **Arte de la biografía.** México: Conaculta Oceano, 1999, p. 398 - 419.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter. (Org.) **A escrita da história:** novas perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP, 1992, p. 63 - 95.

SURIAN, Thais. **Mulheres escritoras relatam sua condição de mulher enquanto escrevem.** 2006. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2006.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

8. APÊNDICE

8.1 APÊNDICE A – Modelo do questionário

LOCAL _____

DATA da APLICAÇÃO _____

QUESTIONÁRIO ORGANIZADO PARA UMA TURMA DE EJA

OBJETIVO: fazer um diagnóstico sobre as práticas de leitura e escrita com alunos em classes de Educação de Jovens e Adultos.

INFORMAÇÕES RELEVANTES: levantamento de dados para uma caracterização sócio-econômica, da escolarização e das práticas de ler e escrever cotidianas.

ORIENTAÇÕES QUANTO AO PREENCHIMENTO:

- Leia com atenção todas as questões.
- Assinale com um **X** todas as questões alternativas.
- É muito importante que você responda todas as questões, sem deixar nenhuma em branco.
- Este é um questionário que visa fazer um diagnóstico sobre práticas de escrita e leitura, e as informações são confidenciais.

IDENTIFICAÇÃO

Grau: _____

Nome: _____

Cidade: _____ Bairro: _____

Escola: _____

Horário de funcionamento das aulas (dia e hora):

Sexo:

() Feminino () Masculino

Qual é a data de seu nascimento? _____

Qual o seu estado civil?

() Solteiro () Casado

() Outros: _____

Tem filhos?

() Sim Quantos: _____

() Não

Nome e idade dos filhos:

Cidade onde nasceu: _____ Estado do país: _____

Profissão e escolaridade do pai e da mãe:

PAI: _____

MÃE: _____

Quantas pessoas moram na casa? _____

Número de pessoas que trabalham na família: _____

Renda total da família: _____

Quantas pessoas vivem da renda familiar? _____

Sua família mora em casa própria (ou apartamento)?

☐ própria

☐ alugada

☐ cedida

A casa onde você mora tem?

Água encanada ☐ Sim ☐ Não

Ruas asfaltadas ☐ Sim ☐ Não

Luz elétrica ☐ Sim ☐ Não

Esgoto ☐ Sim ☐ Não

Número de cômodos da casa? _____

Descreva os cômodos da sua casa.

Quais os produtos abaixo relacionados que existem em sua casa?

☐ Geladeira ☐ Aparelho de som ☐ Vídeo

☐ Televisão ☐ Telefone ☐ Máquina de lavar roupa

☐ Microondas ☐ Fogão ☐ máquina de lavar louça

☐ Computador

Sua família possui automóvel?

☐ Não

☐ Sim. Modelo: _____ Ano: _____

Você utiliza algum meio de transporte para ir à empresa ou escola?

☐ Não. Vou a pé.

☐ Sim. ☐ Bicicleta ☐ Moto/ Móbilete

☐ Carro ☐ Ônibus

☐ Outros: _____

TRABALHO

Com que idade começou a trabalhar? _____
 Qual o tipo de trabalho você faz hoje? _____

Quantas horas trabalha por semana? _____

Qual é o local ou empresa em que trabalha? _____

Qual é o cargo (ou função) que você ocupa atualmente? _____

Quanto ganha mensalmente? _____

Você faz horas extras?

() Não

() Sim. Quanto recebe por estas horas? _____

Quais foram seus empregos anteriores?

Descreva cada um deles, tempo que permaneceu no emprego e por que saiu?

Local	Tempo	Por que saiu
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____

Em sua opinião ser homem ou mulher interfere no trabalho? Em que aspecto?

ESCOLA

Você já freqüentou alguma escola? () Sim () Não

Em que cidade? _____

Quais as séries que você freqüentou? Em que ano? Que idade tinha?

Série	Ano	Idade	Cidade
_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____

Fale dois ou três motivos que levaram você a parar de estudar naquela época.

Em que série você interrompeu seus estudos? _____

Por que interrompeu seus estudos?

Quantas vezes você voltou a estudar e interrompeu? _____

Descreva cada uma delas.

Por que você voltou a estudar?

O que você espera que esta volta ao estudo traga para sua vida profissional?

E para sua vida pessoal?

O que mudou na sua vida por ter voltado a estudar?

na vida profissional

na vida pessoal

Ao terminar este grau de ensino, você pretende continuar estudando?

() Sim

() Não

Por qual motivo? _____

Em sua opinião, ser homem ou mulher interfere nos estudos?

Fale dois ou três motivos que levaram você a voltar a estudar.

O que você vem gostando mais de estudar?

No seu estudo atualmente, o que você estuda com maior interesse?

Qual é a parte do estudo que vem apresentando maior dificuldade para você?

Quais matérias você gosta mais?

() Português () História

() Matemática () Ciências

() Geografia () Arte

() Outros: _____

Quais matérias você menos gosta?

() Português () História

() Geografia () Matemática

() Ciências () Arte

() Outros: _____

Ao terminar esta etapa de estudos, você pretende continuar:

() Só estudando

() Só trabalhando

() Estudando e trabalhando

() Não pretendo continuar estudando

Ao terminar o Ensino Fundamental (5ª a 8ª série), você pretende continuar estudando?

() Sim () Não

Se sim, pretende dar prosseguimento aos seus estudos em outros níveis como ensino médio, curso superior ou técnico? Que tipo de curso superior ou técnico pretende fazer?

O que mais motivou você voltar a estudar? Enumere pela importância.

- () Influência dos pais
() Influência dos amigos
() Boa remuneração
() Status social
() Amplo campo de trabalho
() Preparação para o vestibular
() Incentivo de pessoas da família
() Outros: _____

Você recebeu algum tipo de informação sobre os diferentes tipos de ensino superior existentes?

- () Não
() Sim. Através de que meio:
() da própria escola () do trabalho
() da família () iniciativa própria
() outros: _____

Você gosta de estar mais informado sobre a profissão que pretende seguir?

- () Não, o que sei é suficiente.
() Sim.

Onde você busca informações sobre algum curso que tenha vontade de fazer?

Escreva em ordem de preferência, as três profissões que gostaria de exercer:

Primeira: _____
Segunda: _____
Terceira: _____

Descreva as atividades que os profissionais da carreira que escolheu fazem:

SOBRE A PRÁTICA DE LER E ESCREVER

Que tipo de material de leitura você tem em sua casa?

☐ revistas ☐ livros ☐ jornais

☐ outros: Quais: _____

Que tipo de informação esse material escrito traz para você?

Que programas de televisão, você mais gosta de assistir:

☐ novelas ☐ filmes

☐ noticiários ☐ esportes

☐ outros: _____

Como você compara e analisa preços de mercadorias num supermercado, por exemplo?

Você escreve ou recebe cartas de parentes, amigos ou conhecidos? Se sim, com que frequência?

☐ sim. Quantas por mês/ ano? _____

☐ não.

Num jornal ou numa revista, o que mais chama sua atenção:

☐ imagens diversas, desenhos

☐ propagandas

☐ texto escrito

☐ tipo e tamanho da letra

☐ fotos

☐ outros: _____

Como você identifica marcas de produtos?

☐ pela marca/nome

☐ pelo símbolo ou desenho

☐ pela cor

☐ pelas palavras

Com que frequência você lê?

☐ todos os dias

☐ algumas vezes na semana. Quantos dias? _____

☐ algumas vezes no mês. Quantos dias? _____

☐ algumas vezes no ano. Quantos dias? _____

☐ não tem o hábito de ler

Quanto tempo você consegue ler sem parar?

☐ 30 minutos

- () 1 hora
() 2 horas
() outra. Quanto tempo? _____

Que tipo de material você gosta e costuma ler?

- () jornal
() revista
() livro de literatura
() outro livro. Qual? _____
() outro material. Qual? _____

Você escreve fora do ambiente escolar?

- () Sim () Não

Em quais situações você escreve? Descreva algumas dessas situações.

Para você escrever é importante? Por quê?

O que você escreve?

- () poesia
() diário pessoal
() contos
() cartas
() outros. Exemplifique:

Com que frequência você escreve?

- () todos os dias
() toda semana
() todo mês
() outro. Qual? _____

8.2 APÊNDICE B – Roteiros das entrevistas

ROTEIRO DA 1ª ENTREVISTA COM ANA

Dados

Data: 03/11/2008

Local: Escola Armando Grisi

Nome: Ana

Idade: 26 anos

Naturalidade: Rio Claro

Você estuda atualmente? Onde?

Você poderia contar sobre sua prática de escrever?

Quando você começou a escrever?

O que levou você a escrever; você se lembra?

Você poderia contar que tipo de escrita você faz? Você escreve (diário, poesia, cartas, outros)? O que é mais comum? O que/ que tipo mais envolve você?

Sobre o que você escreve? Conte um pouco.

Você poderia falar de como é/ o que acontece quando você está escrevendo? (Em que condições/ espaço/ tempo/ só/ na presença de outro...)

O que motiva a sua escrita? O que dá impulso para você escrever? Fale um pouco sobre isso.

O que é escrever para você?

Conte um pouco do que é ler para você? Leitura em geral; leituras específicas; leitura do que você escreve.

ROTEIRO DA 2ª ENTREVISTA COM ANA

Dados:

Data: 10/11/2008

Local: Escola Armando Grisi

Nome: Ana

O que você gosta e costuma ler? E com que frequência?

Conte como foi e como é a sua relação com a leitura. Quais livros você leu e quais ainda quer ler?

Em quais momentos e em quais situações (só, com outro, em casa, em outro lugar, em silêncio...) você escreve?

Como acontece esse movimento de escrita do surgimento da idéia à criação final do texto? Conte um pouco sobre isso.

E você se coloca nesses escritos de alguma forma?

Independente do tema dessas poesias, esses escritos dizem algo de você?

Conte-me um pouco sobre esses textos que você disponibilizou para a pesquisa. Como foi a escrita de cada um deles?

ROTEIRO DA 3ª ENTREVISTA COM ANA

Dados:

Data: 05/12/08

Local: Escola Armando Grisi

Nome: Ana

Os textos que estão no caderno estavam escritos em algum outro caderno?

Como você decide onde vai escrever seus textos? Escolhe algum caderno ou folha especialmente para isso?

Para quê você escreve? (O que move a sua escrita?)

Você pensa em quê quando escreve? Escreve para alguém?

O que você sente ou como se sente quando está escrevendo? E quando acaba de escrever?

Fale com mais detalhes sobre o domínio da escrita que você busca?

Você disse que faz várias versões do texto até que este esteja como você quer. Como você faz a segunda e / ou terceira versão de cada texto?

Quando você acha que o texto não está bom, você rasga esse texto? Conte com mais detalhes em qual momento você decide rasgar e jogar fora.

ROTEIRO DA ENTREVISTA REALIZADA COM JOANA EM 2006

Data: 17/10/2006
Local: UNESP
Nome: Joana
Idade: 45 anos
Naturalidade: Guaimbê

Você é casada? Tem filhos?

Você poderia falar um pouco sobre estudar? O que é estudar para você? É importante? Por quê?

Você estuda atualmente? Onde?

Você freqüentou escola quando era criança? Poderia contar um pouco como foi, do que você se lembra... Como era ler e escrever na escola?

E fora da escola, você escrevia? Em que situações? Você poderia contar.

E hoje, você escreve? No seu dia a dia, escrever é importante?

Você poderia contar que tipo de escrita você faz? Você escreve (diário, poesia, narrativa, outros)? Que outros escritos você faz?

Você escreve cartas? Você lê cartas para alguém?

Sobre o que você escreve?

Quando você começou a escrever?

Qual o sentido dessa escrita na sua vida?

O que leva você a escrever? O que move ou alimenta essa escrita?

Você acha que escrever tem alguma coisa a ver com a sua vida?

ROTEIRO DA 1ª ENTREVISTA COM JOANA

Data: 24/01/2008
Local: UNESP
Nome: Joana

A intenção dessa conversa é que você conte sobre os textos que disponibilizou para a pesquisa. Fale sobre cada um, a história, como foi produzido, em qual lugar e outros detalhes mais que você possa lembrar.

ROTEIRO DA 2ª ENTREVISTA COM JOANA

Data: 07/10/2008

Local: UNESP

Nome: Joana

Você poderia contar um pouco sobre sua prática de escrever?

Quando você começou a escrever?

O que levou você a escrever; você se lembra?

Você poderia contar que tipo de escrita você faz? Você escreve (diário, poesia, cartas, outros)? O que é mais comum? O que/ que tipo mais envolve você?

Sobre o que você escreve? Conte um pouco.

Você poderia falar de como é/ o que acontece quando você está escrevendo? (Em que condições/ espaço/ tempo/ só/ na presença de outro...)

O que motiva a sua escrita? O que dá impulso para você escrever? Fale um pouco sobre isso.

O que é escrever para você?

Conte um pouco do que é ler para você? Leitura em geral; leituras específicas; leitura do que você escreve.

Conte um pouco de como foi e de como é a sua relação com a leitura. Quais livros você leu e quais ainda quer ler?

Conte-me sobre esses outros textos que você disponibilizou para a pesquisa. Como foi a escrita de cada um deles?

ROTEIRO DA 3ª ENTREVISTA COM JOANA

Dados:

Data: 08/12/08

Local: UNESP

Nome: Joana

Os textos que você disponibilizou para a pesquisa foram escritos em diversos momentos e estão datilografados, digitados, manuscritos, e com folhas que às vezes são folhas de cadernos, ora são folhas decoradas. Você poderia contar como você decide em qual tipo de papel vai escrever e de qual forma?

Você escreve poesias e textos em prosa. Conte um pouco sobre como você decide a forma que o texto terá?

Você reescreve seus textos em algum momento?

Para quê você escreve? (O que move a sua escrita?)

Você pensa em quê quando escreve? Escreve para alguém?

O que você sente ou como se sente quando está escrevendo? E quando acaba de escrever e olha e / ou lê o próprio texto?

Fale mais sobre a sua vontade de escrever. O que é / como é essa sua vontade de escrever?

Fale mais da escrita como uma forma de “poder viajar para outros lugares”.

ROTEIRO DA 1ª ENTREVISTA COM MABÍLIA

Dados

Data: 07/11/2008

Local: Escola CAIC

Nome: Mabília

Idade: 40 anos

Naturalidade: Águas da Prata

Você estuda atualmente? Onde?

Você poderia contar um pouco sobre sua prática de escrever?

Quando você começou a escrever?

O que levou você a escrever; você se lembra?

Você poderia contar que tipo de escrita você faz? Você escreve (diário, poesia, cartas, outros)? O que é mais comum? O que/ que tipo mais envolve você?

Sobre o que você escreve? Conte um pouco.

Você poderia falar de como é/ o que acontece quando você está escrevendo? (Em que condições/ espaço/ tempo/ só/ na presença de outro...)

O que motiva a sua escrita? O que dá impulso para você escrever? Fale um pouco sobre isso.

O que é escrever para você?

Conte um pouco do que é ler para você? Leitura em geral; leituras específicas; leitura do que você escreve.

ROTEIRO DA 2ª ENTREVISTA COM MABÍLIA

Dados:

Data: 04/12/08

Local: Residência da Mabília

Nome: Mabília

O que você gosta e costuma ler? E com que frequência?

Conte como foi e como é a sua relação com a leitura. Quais livros você leu e quais ainda quer ler?

Em quais momentos e em quais situações (só, com outro, em casa, em outro lugar, em silêncio) você escreve?

Como acontece esse movimento da escrita? Conte um pouco sobre isso.

E você se coloca nesses escritos de alguma forma?

Esses escritos dizem algo de você?

Conte-me sobre os escritos do caderno que você disponibilizou para a pesquisa. Como foi a escrita de cada um deles?

ROTEIRO DA 3ª ENTREVISTA COM MABÍLIA

Dados:

Data: 10/12/08

Local: Biblioteca Municipal

Nome: Mabília

Fale um pouco da escolha do caderno que você faz todo ano e sobre o descarte desse caderno.

Comente sobre a escrita do caderno que é endereçada a Deus, quando começou?

Para quê você escreve? (O que move a sua escrita?)

Você pensa em quê quando escreve? Escreve para alguém?

O que você sente ou como se sente quando está escrevendo? E quando acaba de escrever e olha / lê o próprio texto?

Você disse que tem “um gosto, um amor pela escrita”. Conte um pouco mais sobre isso.

Fale sobre escrever escondido de outras pessoas.

Você disse que “a escrita a faz ver as coisas”, você poderia contar mais detalhes?

Fale da necessidade que você sente em colocar as coisas no papel.

Você disse que quando tem vontade de falar, você escreve. Como é essa diferença de falar e de escrever para você?

Por que você não lê mais o que escreve?

ROTEIRO DA 1ª ENTREVISTA COM SABRINA

Dados

Data: 10/11/2008

Local: Escola Celeste Calil

Nome: Sabrina

Idade: 44 anos

Naturalidade: Londrina - PR

Você estuda atualmente? Onde?

Você poderia contar um pouco sobre sua prática de escrever?

Quando você começou a escrever?

O que levou você a escrever; você se lembra?

Você poderia contar que tipo de escrita você faz? Você escreve (diário, poesia, cartas, outros)? O que é mais comum? O que/ que tipo mais envolve você?

Sobre o que você escreve? Conte um pouco.

Você poderia falar de como é/ o que acontece quando você está escrevendo? (Em que condições/ espaço/ tempo/ só/ na presença de outro...)

O que motiva a sua escrita? O que dá impulso para você escrever? Fale um pouco sobre isso.

O que é escrever para você?

Conte um pouco do que é ler para você? Leitura em geral; leituras específicas; leitura do que você escreve.

ROTEIRO DA 2ª ENTREVISTA COM SABRINA

Dados:

Data: 01/12/2008

Local: Escola Celeste Calil

Nome: Sabrina

O que você gosta e costuma ler? E com que frequência?

Conte como foi e como é a sua relação com a leitura. Quais livros você leu e quais ainda quer ler?

Em quais momentos e em quais situações (só, com outro, em casa, em outro lugar, em silêncio) você escreve?

Como acontece esse movimento de escrita do surgimento da idéia à criação final do texto? Nos cadernos e nas poesias? Conte um pouco sobre isso.

E você se coloca nesses escritos de alguma forma?

Independente do tema, esses escritos dizem algo de você?

Conte-me sobre esses textos que você disponibilizou para a pesquisa. Como foi a escrita de cada um deles?

ROTEIRO DA 3ª ENTREVISTA COM SABRINA

Dados:

Data: 11/12/08

Local: Escola Celeste Calil

Nome: Sabrina

Os versos que estão datilografados foram escritos por você? E as poesias escritas no caderno foram criadas por você?

Você pode falar com mais detalhes sobre a criação dessas poesias? Conte um pouco sobre a escrita das poesias?

Os desenhos presentes nos cadernos têm algum sentido/ significado?

A data inicial da escrita do segundo caderno é 1982 ou 1993?

Para quê você escreve? (O que move a sua escrita?)

Você pensa em quê quando escreve? Escreve para alguém?

O que você sente ou como se sente quando está escrevendo? E quando acaba de escrever e olha e / ou lê o próprio texto?

Fale um pouco o que é esse material, esses cadernos para você? Qual era a sua relação com eles e como é hoje?

Fale sobre a importância de escrever para você?

Você disse “a escrita é muito mais forte, a palavra fica”. Fale sobre isso

8.3 APÊNDICE C – Levantamento Bibliográfico

Levantamento Bibliográfico Em Teses E Dissertações (1996 – 2006)

ALVES, Maria Lúcia Barbosa. **Sob os óculos escuros: um relance sobre a poesia de Ana Cristina César.** 01/02/2006 1 v. 140p. Mestrado. Universidade Federal do Ceará.

ARNOLD, Enelise. **Gênero e História nas obras Perfume de Gardênia e Solitária Solidária da escritora venezuelana Laura Antillano.** 01/08/2006 1 v. 77p. Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BERNARDES, Elizabeth Lannes. **Mulheres cuiabanas na Primeira República.** 01/08/1996 1 v. 131p. Mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso.

BEZERRA, Luciana da Silva. **Penélopes do Contemporâneo na Escrita de Juana Ruas e Lídia Jorge.** 01/07/2006 1 v. 134p. Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro

CALADO, Luciana Eleonora de Freitas. **A Cidade das Damas: A Construção da Memória Feminina do Imaginário Utópico de Christine de Pizan.** 01/05/2006 1 v. 204p. Doutorado. Universidade Federal de Pernambuco.

CAMACHO, Suzana Brunet. **Cadernos de segredos: marcas da educação católica na escrita íntima.** 01/09/2005 1 v. 171p. Mestrado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro

CASINI, Maria Cecília. **Sibilla Aleramo: uma mulher escrevendo na aurora do século XX.** 01/09/2005 1 v. 237p. Doutorado. Universidade de São Paulo.

CHAIB, Nelson. **A questão da autoria em “Quarto de despejo”.** 01/09/2005 122p. Mestrado. Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações.

COSTA, Sérgio Luiz de Souza. **A cidade impossível de Sônia Coutinho.** 01/11/1996 1 v. 84p. Mestrado. Universidade Federal Fluminense.

DUARTE, Márcia Lopes. **Os sussuros da sombra: a literatura escrita por mulheres na América Latina como (sub)versão da história.** 01/01/2000 1v. 304p. Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

FERNANDEZ, Raffaella Andréa. **Carolina Maria de Jesus, uma poética de resíduos..** 01/10/2006 1v. 175p. Mestrado. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/Assis.

FERREIRA, Maria Fernanda Mello. **Processos discursivos e psicossociais num best seller sobre uma mulher contemporânea: "O diário de Bridget Jones".** 01/03/2003 1 v. 68p. Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

FONSECA, Alice Rache. **Maria da Cunha e Vera Karam: diálogo de um século?** 01/06/2005. 1 v. 166p. Mestrado. Fundação Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

FONSECA, Julia Hissa R. da. **Nas trilhas do feminismo-erótico - uma leitura da poesia de Maria Teresa Horta.** 01/03/1998 1 v. 87p. Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

GARTNER, Marileia. **Mulheres contando história de mulheres: o romance histórico brasileiro contemporâneo de autoria feminina.** 01/02/2006 1 v. 213p. Doutorado. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/Assis

GONÇALVES, Gracia Regina. **A clausura do corpo: representação e gênero na ficção de Lya Luft e de Margaret Laurence.** 01/02/2001 1 v. 245p. Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais.

GOMES, Ana Laudelina Ferreira. **Auta de Souza: representações culturais e imaginação poética.** 01/04/2000 1 v. 329p. Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

GOMES, Anderson. **E por falar em mulheres: relatos, intimidades e ficções na escrita de Marina Colasanti.** 01/05/2004 1 v. 144p. Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina.

GOMES, Otêmia Porpino. **Imprensa Feminina: O Jornal A Esperança (1903-1909).** 01/09/1999 1 v. 121p. Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte

GUIMARÃES Lorenza Reis. **Poder E Diferença: Por Um Reino, de Patrícia Zangaro, E Yankee, de Sabina Berman.** 01/08/2005 1 v. 193p. Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais.

LACERDA, LILIAN MARIA DE. **Álbum de leituras: memórias de vida, história de leitoras.** 01/11/1999. 1 v. 488p. Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais

LEITE, Márcia Maria da Silva Barreiros. **Entre a Tinta e o Papel: Memórias de Leituras e Escritas Femininas na Bahia (1870-1920).** 01/06/2004 1 v. 200p. Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MACHADO, Charliton José dos Santos. **Práticas de escrita de mulheres do Seridó Paraibano - (1960 - 1980).** 01/09/2001 1 v. 205p. Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

MAGNABOSCO, Maria Madalena. **Reconstruindo imaginários femininos através dos testemunhos de Carolina Maria de Jesus.** 01/12/2002 1v. 267p. Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais.

MOREIRA, Nadilza Martins de Barros. **A Condição Feminina Em Júlia Lopes De Almeida E Kate Chopin.** 01/06/1998 1v. 224p. Doutorado. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/S.J.R. Preto.

MOURA, Helóisa Correa. **"Clarice Lispector e Orlanda Amarílis: solidão e resistência"**. 01/09/2001 1v. 144p. Mestrado. Universidade de São Paulo.

OLIVEIRA, Luciana Fonseca. **Rosália Sandoval: Histórias de um Resgate**. 01/12/2000 1v. 109p. Mestrado. Universidade Federal de Alagoas.

PATRICIO, Rosana Maria Ribeiro. **"Imagens de mulher na ficção de Sônia Coutinho"**. 01/03/1998 1 v. 232p. Doutorado. Universidade de São Paulo.

PERES, Elena Pájaro. **Exuberância e invisibilidade: populações moventes e cultura em São Paulo, 1942 ao início dos anos 70..** 01/01/2007 1v. 243p. Doutorado. Universidade de São Paulo.

PERPÉTUA, Elzira Divina. **Traços de Carolina de Jesus: gênese, tradução e recepção de "Quarto de despejo"**. 01/09/2000 1 v. 285p. Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais.

QUEIROZ, Milena Britto de. **Entre a cruz e a caneta: a vida e produção literária de Amélia Rodrigues**. 01/12/2003 1v. 31600p. Doutorado. Universidade Federal da Bahia.

ROCHO, Cleverson Alberto. **O outro na Narrativa Testemunhal: um estudo a Partir de Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus..** 01/07/2004 1v. 105p. Mestrado. Universidade de Brasília.

SELISTRE, Maria Tereza. **Retratos de mulher na literatura: Brasil e Argentina (1960-1990)**. 01/02/2000 1v. 308p. Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

SILVA, Assunção de Maria Sousa e. **Imagens femininas na escrita pós-moderna de Elisa Lucinda (Uma leitura de "O Semelhante")**. 01/07/2001 1 v. 131p. Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SILVA, Maria Aparecida da. **A transgressão e o feminino em Elsa Morante**. 01/03/2004 1 v. 147p. Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SILVA, Raimunda Maria da. **"Feminismo e Violência: representação da mulher na obra de Clarice Lispector e Marie-Claire Blais"**. 01/09/1998 1 v. 317p. Doutorado. Universidade de São Paulo.

SOARES, Cinara de Araújo. **Tinha medo de ver, num mesmo olhar, um trem e um passarinho - A escrita íntima de Maura Lopes Cançado**. 01/04/2002 1 v. 108p. Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais.

SOUZA, Germana Henriques Pereira de. **Carolina Maria de Jesus: O estranho Diário da Escritora Vira-Lata**. 01/12/2004 1v. 261p. Doutorado. Universidade de Brasília.

WAGNER, Elisandra **Nas margens do Império: mulheres, viagens e escritas**. 01/04/2005 1 v. 167p. Mestrado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

9. ANEXO

9.1 ANEXO A – Documento da Secretaria de Educação



Prefeitura Municipal de Rio Claro
Estado de São Paulo
Secretaria Municipal da Educação

Rio Claro, 19 de março de 2008.

Of. SME 022/2008

Prezada Senhora

Em atenção a solicitação encaminhada à esta Secretaria, segue abaixo os dados referentes à Educação de Jovens e Adultos de 5ª a 8ª séries do ano letivo de 2007:

1º Semestre

- Alunos matriculados: 888
- Aprovados: 549
- Reprovados: 122
- Desistentes: 198
- Transferidos: 17
- Número de classes:
 - 5ª série = 6
 - 6ª série = 6
 - 7ª série = 7
 - 8ª série = 7

2º Semestre

- Alunos matriculados: 913
- Aprovados: 527
- Reprovados: 130
- Desistentes: 232
- Transferidos: 24
- Número de classes:
 - 5ª série = 6
 - 6ª série = 6
 - 7ª série = 6
 - 8ª série = 7

Atenciosamente,

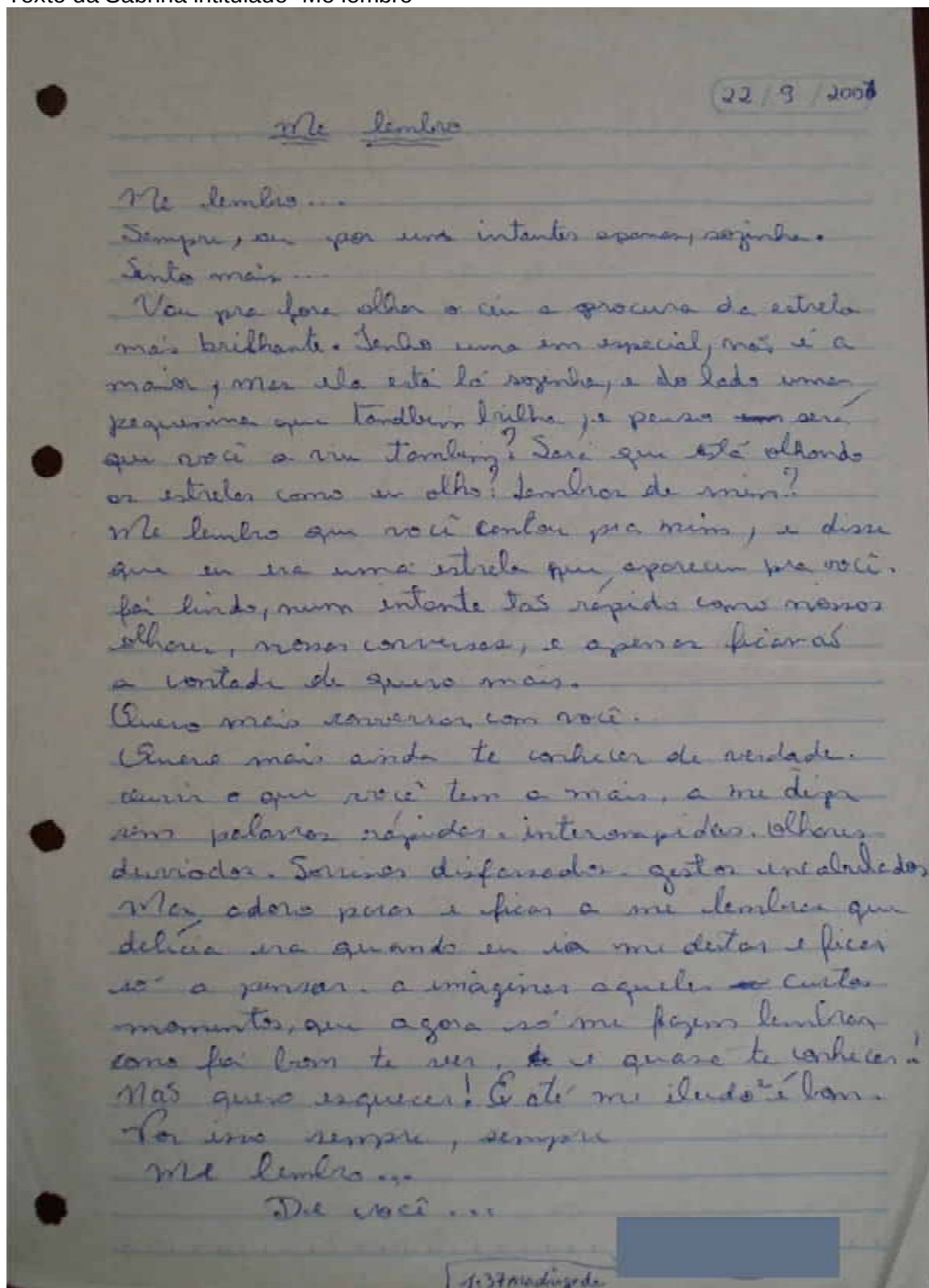

 Gunar W. Koelle
 Secretário Municipal de Educação.

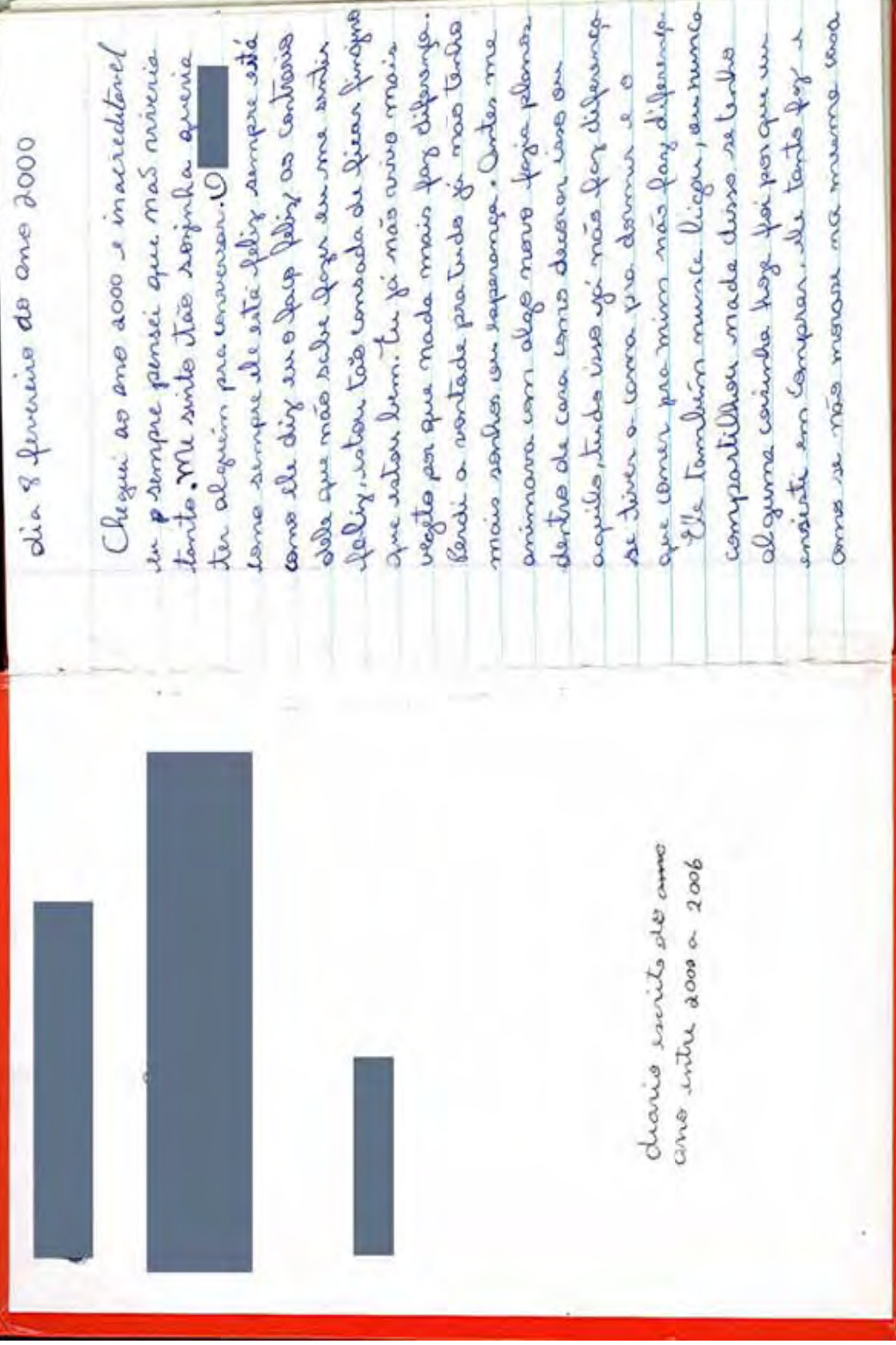
Sra.
Thais Surian
Pesquisadora Responsável
UNESP – Instituto de Biociências
Rio Claro - SP

Secretaria Municipal da Educação
 Rua A. n.º 3265 - Alto da Santana - CEP 13504-022
 Fone: (19) 3522.1950 • Fax: (19) 3522.1948 - 3523.1975
 e-mail: smec@rioclaro.sp.br • educacao@rioclaro.sp.br

9.2 ANEXO B – Amostra dos Cadernos de Sabrina

Texto da Sabrina intitulado "Me lembro"





nunca se incomodou de fazer algo por
 ele mesmo de assumir alguma coisa
 pra melhorar de tudo de casa e quando
 fez, o faz de qualquer jeito, e tá bom!
 mudei pra uma casa de três cômodos
 pra ele e como a glória pra mim tanto
 faz só queria mesmo um um quanto
 pra poder chegar sem que me perturbasse
 o resto, não me interessa ele dizer
 que vai pintar fogos e o que ele
 até sei a pensar que vai sair.
 Meus sonhos desabaram já faz tanto
 amor em que eu sonhava com minha
 casa enfeitadinho, a sala bonita
 minha cozinha completinha. ele nunca
 ligou pra nada, se quisesse se sug-
 se arranhava ele não dá valor mas que
 tem muita vida em me disludir
 com tudo. Ele só faz alguma coisa
 se eu peço e sabe que ficar ainda
 como calado sem ele não faz.
 Ele vai e parece que não incheira
 o que tem pra fazer? se e pra

melhorar por que não o faz? A casa também
 é dele, mas parece que nunca foi!
 Eu vejo um pouco eu digo o que
 ammor e ele ainda se nega.
 criticava pra que isso eu aquilo assim
 tá bom, pra que ficar inventando e não
 que diz: eu me disludir e hoje
 pra mim a casa cai se ele não se
 importa por que eu não: censi!
 Ele se me ensanga o meu exterior
 se estou de pé e continuo morando ele
 está feliz e tudo está bem. Ele não
 consegue me ver por dentro e quando isso
 acontece ele diz pra mim tudo bem.
 Queria poder dizer tudo o que está
 enegado e mas penso pra que não
 que não mudar, ele não se enche.
 Vive a me dizer que me ama só que
 é um amor eterno de nem sabe
 o que amor de verdade. O amor não
 se compra com palavras bonitas se se
 por gostar bonitos. O amor se
 compulha em todos os sentidos.

Diário

27/4/2011

Mas quando bate, esdeve-se
muito mais rápido para lá?

E a vontade bate, e lá forte!

De vontade de sair, querendo

te esqueceres de mim...

Quem és tu?

Tu és que estás, não que és mal

tudo se sente

Mas não dentro de mim.

Mas te sinto a todo o momento.

Sinto quando tocas a minha mão.

De modo como se vieres sempre, colares

a minha mão.

Não é de fronte, dentro de mim

outra, sinto que tocas a todo o momento

que percebo uma por dentro de mim

outra.

Tu és que estás dentro de mim

outra, sinto que tocas a todo o momento

que percebo uma por dentro de mim

outra, sinto que tocas a todo o momento

que percebo uma por dentro de mim

Diário

136 é o número que dá a tua vida
e a tua vida é a tua vida.

E com aquele tempo, não estás

Mas quando estás.

Sinto-me sempre sozinho

E a tua vida?

Mas não te sinto.

Sinto-me sempre sozinho

Sinto-me sempre sozinho

Sinto-me

Sinto-me sempre sozinho

Mas não te sinto.

Sinto-me

Sinto-me sempre sozinho

Mas não te sinto.

Sinto-me

Sinto-me sempre sozinho

Mas não te sinto.

Sinto-me sempre sozinho

Mas não te sinto.

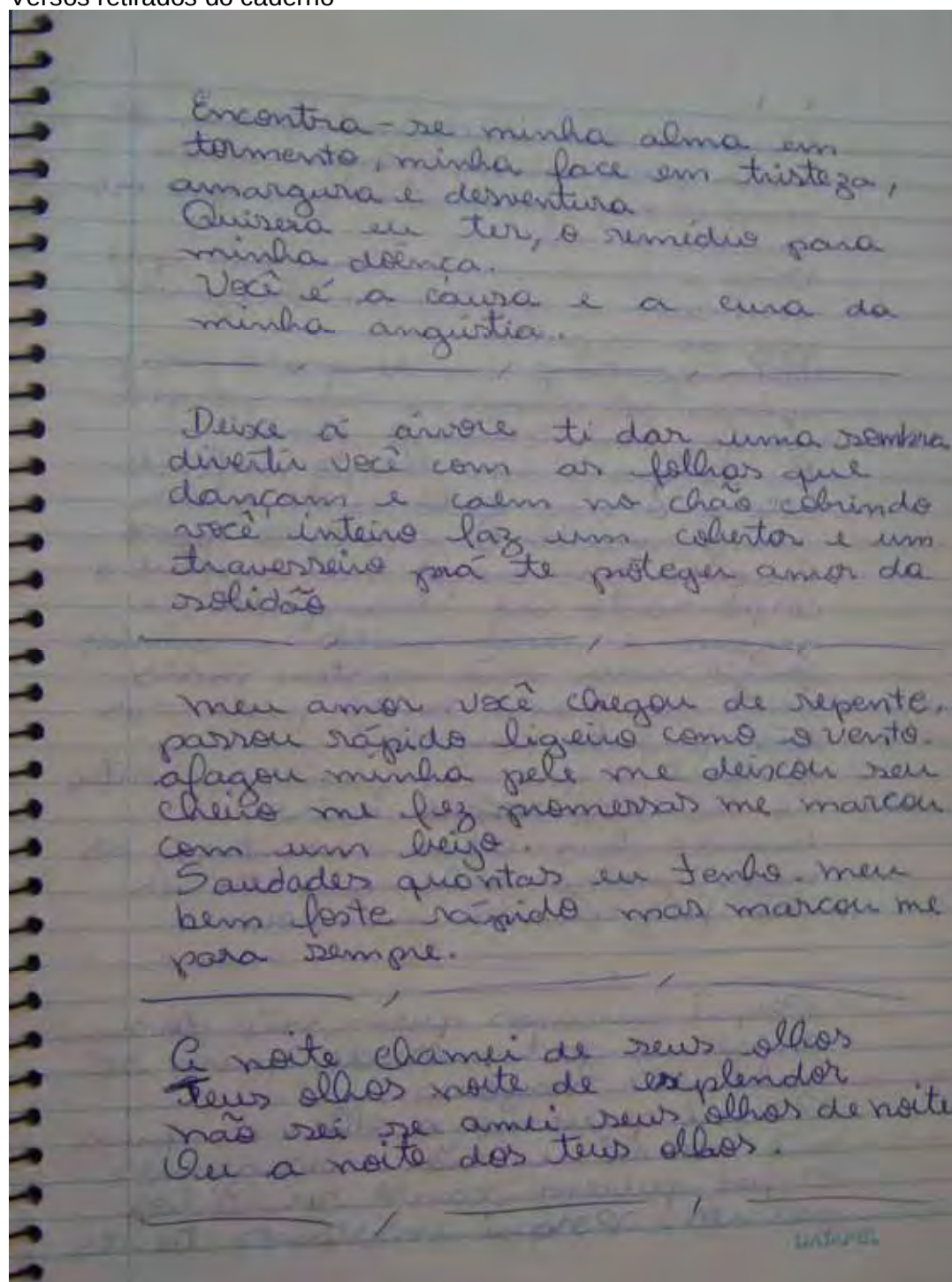
Sinto-me sempre sozinho

Mas não te sinto.

Sinto-me sempre sozinho

9.3 ANEXO C – Amostra do Caderno da Ana

Versos retirados do caderno



Texto do caderno da Ana intitulado "Sem você"

(Sem Você)

Escrever e tudo nesse momento pra mim, me acalma estou me obrigando a escrever porque não posso gritar que estou te amando, então minha alma se desmancha agora...

Posso dizer que estou quase morrendo sem o seu olhar, pode ser calado, feliz, tímido ou atrevido...

Queria saber se a minha dor é a mesma que a tua, se ela tem cura, tão certo quanto o sol ~~tudo~~ nasce todas as manhãs e arrima o nascer da minha paixão. Meu amado estou morrendo preciso a qualquer custo do seu beijo, do bater do seu coração junto ao meu preciso de você meu amor, meu amado, meu amigo.

Tudo é tão puro com você, só pode ser amor o que estou sentindo cada dia mais crescendo inflamando o meu coração e forte, também a paixão essa mistura eu não aguento mais suportar tudo isso aqui dentro do meu peito, por você atravessaria desertos, atravessaria montanhas e me arriscaria a beira de um precipício eu me jogaria nos seus braços assim

Você entende eu estou a beira de um abismo, então me diga que eu não estou louca que você também sente essa necessidade, como eu sinto de te amar, amar, e amar cada vez mais.

9.4 ANEXO D – Amostra dos Escritos da Joana

Texto da Joana intitulado “Monotonia”

1^o

Monotonia

Depois da chuva, vem a vaga eco
De um silêncio profundo em meu
coração.

Aprofundando a agonizante certeza
De mais uma noite de ampla solidão.

As horas não passam, se arrastam
meus pensamentos buscam pela noite afosa
se agarrando desesperadamente ~~afosa~~
As poucas e doces lembranças
De momentos felizes de outora.

Se ao menos a chuva voltasse
Feito louca tempestade
me aprisionando aqui dentro a essas
paredes,
Torturando ainda mais, a dor de uma
imensa saudade.

Saudade de um amor
Simplesmente de um amor
não de um grande amor
Qualquer um que bastasse
Para preencher em mim a vontade de

De um calor ardente em chama
que almasse
Em qualquer parte de mim que
tocasse.

2º

mas, são apenas saudades...
 Vantades e pensamentos
 É' dor que não tem remédio
 É' ferida que não tem cura
 No silêncio da solidão da alma
 No sepulcro da desventura.

É' pior que se perder no espaço
 São noites umas em que eu procuro
 o teu abraço
 Sem saber o tempo ~~exato~~ se é noite
 Ou se é dia Sem saber ~~se é noite~~
~~se é dia~~ o tempo exato
 Se é noite ou se é dia
 Em minha alma vai.

Faço minhas preces, agradeço a Deus
 na ilusão de ^{infim} ~~amanhã~~ ^{um} outro dia
 Procuro esquecer e no sono...
 Adormeço e amaneço
 Na mesma monotonia!

28/12/87

Texto da Joana intitulado "Mãe é Mãe!"

Rio Claro, 09-05-04 Domingo Dia Das
"mães!"

"mãe" e "mãe!"

Eu estava pensando a que seria exatamente o dia das mães. E quem seria mesmo, e qual seria também o mistério de ser mãe.

Seria a mãe de título, do RG, da útero? ou das emoções? ... das flores... ou das dores? do coração? ou da paixão?

Da bela, ou da feia, já que toda a mãe tem um lugar na atmosfera!

mães das novelas... mães das fábulas... não importa... toda mãe tem um pouquinho da beleza das rosas, que sua vez a defera: os espinhos!

mães executivas, mães dos prontos pré programados, mães que ainda acham lenha para fazer um quizado!

mães que mal sabem escrever, mas que lançam um olhar de ternura, que desarma toda a fúria.

mães que estão sempre perto... vão longe para ganhar a vida, sempre na lida.

mães que voam longe, atravessam o céu, mas que num minuto resolve uma dor de barriga, graças a "mãe" de gran-bel!

mães que (mãe) mal sabe escrever

que nem pegam na caneta... mas, que num segunda interpreta tudo ao pé da letra!

Mães da china, do Japão... da Alemanha... mãe dos Estados Unidos... mãe do Brasil! valentes, veronil!

Mães! todas intelectuais por sua natureza e cada uma espreme a sua beleza, no seu sorriso escancarado ao receber tantos "presentes!!"

Esperam seu valor e o seu grande amor, ainda quando tímida porri enchendo a boca que lhes falta dentes!

Mães belíngues, que diz I love you, f'etme? em francês? mães que diz, Deus abençoe Vocês! o céu?

Mães, que não sabem terminar uma poesia! mas, que importa, se a vida está cheia delas... a cada filho que nasce!

Renasce a esperança de um novo amanhecer... dia... após dia!

Trecho do texto da Joana intitulado "A Rede"

Rio Claro 4/11/2007

A Rede

No aconchego da tua varanda,
 Eu fico imaginando quantas histórias,
 contigo eu já vivi e vivi,
 Enquanto massagueio teu corpo
 cansado.

Porque sei que esperas por alguém
 que vem de outra banda,
 pra fazer a sua história aqui,
 E te deixar mais relaxado.

Embalarei teu sono,
 O seu corpo sobre o meu
 e em outro corpo no seu.

O noite de primavera, verão
 e as flores do teu jardim,
 Escaleno a seu aroma suave,
 A terapia te acalenta a alma,
 Te relaxa, te restaura,
 para um novo dia enfim.

De repente, o dia amanheceu,
 E você nem percebeu
 Bêjeu quem estava do seu lado,
 e me deixou de lado também
 mas ficarei no teu aguardo
 Pois sei que logo a maninha
 É pra mim que você vem!

www.ecologiacopista.com.br



9.5 ANEXO E – Amostra do Caderno da Mabília

Trecho do caderno da Mabília

Bom dia meu senhor

Senhor todas as manhãs quando me queisto diante de ti sinto me que estou diante de ti nos montes das oliveiras de joelhos e que o meu senhor está com a sua 12 decapados e então me sinto mais fortalecido para recomeçar um novo dia pois o senhor meu deus sabe de todas as minhas aflições quando se tem uma família e nela setem um filho que nos dá muitos problemas no que devemos agarrar ~~se~~ se não em ti e sua misericórdia a senhor como eu posso fazer para ajudar a minha família o que devo fazer qual caminho a seguir.

Como é duro não saber o que fazer ~~pois~~ como é duro não saber por onde começar pois eu acho que o que pode passar de melhor passei o que pode fazer fiz o que falar depois de tantas palavras que já foram tanta ao vento pois hoje não é que quero desistir desta minha filha [REDACTED] é que não posso lhe dar o peixe eu como mãe devo apenas lhe ~~ensinar~~ ensinar a pescar não posso assumir suas responsabilidades.

Sabe meu senhor quando encontros com alguém procuramos nos aceitar mas tudo que queremos e desejamos para o outro de melhor damos mostramos mas também tem que aver a vontade do outro parte de melhor pois se não aver

Trecho do caderno da Mabília

Bom dia meu senhor

Ó Assim será pois tu estés comigo e no universo.

Senhor meu Deus sei que sou um ser imperfecto tendo muitas falhas mas posso reconhecer sobre por neste grande do universo do qual estamos em evolução devemos te agradecer a ti pois sem a sua direcção não poderíamos nos encaminhar e por isso que eu estou sempre a ti pedir a vossa sabedoria a inteligência o entendimento e o esclarecimento de todas as coisas pois como família sem o esclarecimento do senhor não é família senhor quero que nos liberte de toda a maldade o ciúme a inveja o orgulho o egoísmo do tempo e a ignorância desta família amem.